



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Daiane de Cássia Martins Fazan

**A construção de heroínas sob a ótica da militância social e da luta política:
estudo dos romances *Mary Barton* (1848) e *Norte e Sul* (1854-55), de
Elizabeth Gaskell**

São José do Rio Preto
2019

Daiane de Cássia Martins Fazan

A construção de heroínas sob a ótica da militância social e da luta política:
estudo dos romances *Mary Barton* (1848) e *Norte e Sul* (1854-55) de Elizabeth
Gaskell

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para
obtenção do Título de Mestre em Letras, junto ao
Programa de Pós-graduação em Letras, Área de
concentração -História, Cultura e Literatura, do
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas,
da Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.
Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Flávia Nascimento Falleiros

São José do Rio Preto
2019

F287c

Fazan, Daiane de Cássia Martins

A construção de heroínas sob a ótica da militância social e da luta política: estudo dos romances "Mary Barton" (1848) e "Norte e Sul" (1854-55), de Elizabeth Gaskell / Daiane de Cássia Martins Fazan. -- São José do Rio Preto, 2019

139 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Flávia Nascimento Falleiros

1. Romance Social Inglês. 2. Operariado. 3. Heroínas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Daiane de Cássia Martins Fazan

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Flávia Nascimento Falleiros
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto - Orientadora

Profa. Dra. Cássia Escoza
USP – Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Nilce Maria Pereira
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
05 de abril de 2019

Ao longo de dois anos de trabalho árduo e também feliz, as palavras e os silêncios de meu pai foram meu refúgio. Suportamos as tempestades que a vida nos pregou e nos resignamos, quando necessário, diante dos momentos difíceis. Estivemos juntos a cada segundo, a cada lágrima de tristeza e a cada exultação de alegria.

Ao meu amado velho, ao meu irmão de alma, dedico estas palavras. Seu Fazan pode não compreender a complexidade dos conceitos trabalhados aqui, no entanto, entende perfeitamente os princípios elementares de nossa existência: parceria sincera e comunhão fraterna.

Ao verdadeiro herói da minha narrativa: mais um trabalho de sua filha.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus que colocou Elizabeth Gaskell e sua obra em meu caminho nos momentos mais difíceis da graduação. Posso afirmar que Gaskell e *Norte e Sul* (1854-55) me salvaram ao longo desses últimos anos em inúmeros níveis e de várias formas.

Agradeço à Profa. Dra. Flávia Nascimento Falleiros pela orientação desde a Iniciação Científica e por ter recebido de bom grado as minhas propostas de trabalho.

Agradeço à Profa. Dra. Nilce Maria Pereira, de todo o coração, pela leitura atenta da dissertação na Qualificação e pelas contribuições ímpares. Agradeço, ainda, as orações que dedicou a mim. Esse gesto estará sempre guardado em minha memória.

Agradeço à Profa. Dra. Cássia Escoza, pelo olhar atencioso e pela doçura de suas correções. Foi um enorme prazer contar com seu auxílio no decorrer deste percurso.

Agradeço aos meus pais, tão amados, que não mediram esforços para que eu cumprisse mais esta etapa em minha formação. Sou eternamente grata pelo incentivo e por todos os valores que me ensinaram com toda a ternura e paciência possíveis. Se cheguei tão longe, o mérito é todo do Seu Fazan e de minha Dona Fátima.

Agradeço à minha querida irmã, Daniele Vitória, pelos momentos de alegria e descontração e por ser luz em minha vida. Agradeço, também, ao meu primo Wederson, pelas palavras doces. Vocês chegarão longe!

Agradeço aos meus amigos, àqueles que estiveram longe e àqueles que me acompanharam de perto: à Ariane Lodi, minha amiga-irmã, pela paciência e sabedoria diárias, em todas as circunstâncias. À Manoela Navas, por todo o apoio e conselhos genuínos e sinceros. À Rebecca Martins, à Beatriz Melo e à Jesyka Jaqueta, pelo companheirismo e pela amizade tão desinteressada. À Edna Carla Stradioto, pelo grande auxílio na compra dos livros – tão importantes para a construção desta dissertação.

Agradeço à Paula Menezes, amiga tão presente da graduação, e à Maraynna Simão, pelo auxílio com as burocracias da pós e pela partilha sempre verdadeira dos mesmos percalços ao longo do processo de escrita.

Agradeço ao grande amigo e mestre, Fernando Poiana, pela genialidade em todos os comentários feitos ao longo da dissertação e, principalmente, pela disponibilidade em me ajudar, desde o seletivo do Mestrado.

Agradeço, por fim, à CAPES¹ pelo fomento fornecido para a construção dessa pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Eu não sou um pássaro e nenhuma rede me prende. Sou um ser humano livre com uma vontade independente.”

Charlotte Brontë, em *Jane Eyre*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a construção das heroínas dos romances da escritora britânica Elizabeth Gaskell (1810 – 1865), intitulados *Mary Barton* (1848) e *Norte e Sul* (1854-55). Analisaremos as características encontradas na heroína, Margaret Hale, em *Norte e Sul*, e seu papel na sociedade da época em que a narrativa foi escrita – auge da Revolução Industrial – em que mudanças sociais e políticas foram tão relevantes e numerosas, em comparação com a heroína Mary Barton – que é uma costureira e filha de militantes das causas dos trabalhadores; ou seja, duas mulheres que lutam em diferentes contextos: Margaret, uma mulher da classe média e Mary, uma mulher da classe operária. Analisaremos a complexidade dessas duas personagens: Margaret Hale que, de acordo com nossas primeiras investigações, parece ter sido calcada em elementos biográficos da autora, e Mary Barton, que é a representação da militância e dos sindicatos no auge da industrialização. Tentaremos compreender os anseios dessas heroínas, que giram, principalmente, em torno da articulação entre princípios como fé e lealdade (características preponderantes em Margaret Hale) e lutas políticas (marcas que verificam-se em ambas as heroínas). Observamos que, ao longo da narrativa, Margaret Hale busca entender o ambiente em que vive e seus habitantes. Ao mesmo tempo, também procura encontrar para si um lugar político na luta entre patrões e empregados - pano de fundo da ação narrada (meados do século XIX). Mary Barton, por sua vez, quebra diversos paradigmas femininos, em meio às dificuldades financeiras e às agruras do trabalho têxtil. Desse modo, analisaremos a trajetória dessas duas mulheres com o objetivo de entender como a personalidade forte e militante de ambas é forjada literariamente, tendo em vista o processo de representação das personagens.

Palavras-chave: *era vitoriana, heroínas, operariado, patronato, romance social inglês*

ABSTRACT: This work aims at analyzing the construction of the heroines in the novels of British novelist Elizabeth Gaskell (1810-1865), *Mary Barton* (1848) and *North and South* (1854-55). We will study the traits of character of Margaret Hale, *North and South*'s heroine, and her role in the society of the time narrative has been written – the height of the Industrial Revolution – in which social and political changes were so relevant and numerous in contrast to the heroine Mary Barton who is a seamstress and daughter of a worker's cause militant; that is, two characters who are willing to fight in different contexts: Margaret, a middle-class woman and Mary, a woman belonging to the working class. We will look at the complexity of these two characters. Margaret Hale, who, according to our first investigation, seems to have been based on biographical elements of the author, and Mary Barton, who is the representation of militancy and trade unions at the height of industrialization. We will try to understand the longings of these heroines, which revolve mainly around the articulation between principles such as faith and loyalty (preponderant characteristic in Margaret Hale) and the political struggle (that permeate both heroines – Mary and Margaret). It is observed that throughout the narrative, Margaret Hale is committed to understand the environment in which she lives and its inhabitants, at the same time that she also seeks to find for herself a political place in the struggle between employers and employees – (the mid-nineteenth century). Mary Barton, on her side, breaks several feminine paradigms, amid the financial difficulties and the hardships of the textile work. Thus, we will analyze the trajectory of these two women with the objective of understanding how the strong and militant personality of both characters is forged literarily, in view of the process of representation of the characters.

Keywords: Heroines, patronage, social novel, Victorian Era, working class.

Lista de abreviaturas e siglas:²

MB: *Mary Barton* (1848)

N&S: *Norte e Sul* (1854-55)

² Ao longo da dissertação, utilizamos as siglas referentes aos romances para tornar a leitura mais fluida e facilitar a identificação dos trechos citados no trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	... 13
1. Elizabeth Gaskell: a <i>Scheherazade</i> de Dickens, amiga de Charlotte Brontë, mãe de Marianne e militante dos operários.....	16
2. A era vitoriana: hipocrisias e desigualdades	38
2.1. A questão da classe operária inglesa no século XIX:	50
3. “Senhor, lembra-te de Davi”: fé e política	69
4. Mary Barton e Margaret Hale: tensões, disparidades e semelhanças entre as heroínas..	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	120
ANEXO I:	124
Cartas de Elizabeth Gaskell endereçadas às suas filhas:	124
Cartas de Elizabeth Gaskell para os editores de seus romances, leitores e reformadores sociais:.....	126

INTRODUÇÃO: Este trabalho objetiva analisar a construção das heroínas (Mary Barton, em *Mary Barton* (1848) e Margaret Hale (*Norte e Sul* [1854-55]), respectivamente) no contexto das arbitrariedades das fábricas têxteis da primeira metade da Revolução Industrial na Inglaterra. Com as reflexões sobre o lugar político e social alcançado pelas protagonistas das narrativas, vislumbraremos as lutas travadas entre patrões e operários, as revoltas que emergiram dos levantes populares cuja força propulsora estava em quantidade de homens protestando contra aquilo que lhes tirava o mínimo de dignidade no trabalho e na vida. Trabalharemos, dessa maneira, com as considerações de Beer (1974) e Spencer (1993)³ sobre aspectos concernentes à vida de Elizabeth Gaskell e seu trabalho literário. Ainda nesse sentido, examinaremos algumas das cartas enviadas pela escritora aos reformadores sociais e aos escritores da época, tais como John Stuart Mill e Charles Dickens. Com isso, vislumbraremos a militância pessoal de Gaskell e como essa luta é recriada nos romances.

No que se refere à trajetória de ambas as personagens⁴ observaremos o cenário caótico descrito por Elizabeth Gaskell e, com base nessas caracterizações, refletiremos acerca do crescimento da indústria, das agruras do desenvolvimento aclamado pela burguesia e pelo reinado de Victoria e sofridas pelos cidadãos mais fracos e à margem do crescimento: mulheres e crianças. Para tanto, consideraremos as postulações de Engels (2008), Briggs (1983), Jaccard (1974) e Thompson (1991) em conjunto, justamente por tratarem da formação da sociedade vitoriana, do desenvolvimento da classe operária e dos embates que emergiram entre o patronato e o operariado. Em especial, vislumbraremos as denúncias de Engels, comparando-as às caracterizações narrativas de Gaskell, para mostrar os diálogos, no campo formal, da construção narrativa, com o contexto histórico em que elas se inserem. Além disso, discutiremos as relações psicossociais, descritas por Gay (1989), que surgiram no século XIX, com relação às modernizações das máquinas e das sociedades.

Examinaremos as válvulas de escape da classe trabalhadora, como a religião e a crença em um Deus de misericórdia e de um paraíso além-terra, fomentado por meio das leituras bíblicas e também por ponderações de Calvani (2006) sobre a Igreja Anglicana (citada literariamente). Desse modo, cada aspecto literário corroborará para o estudo da formação das

³ As traduções feitas ao longo do trabalho foram gentilmente verificadas pelo Professor Doutor Fernando Poiana.

⁴ Mary Barton busca desvencilhar-se de sua própria origem em um gesto rebelde e firme que faz com que retorne às raízes como militante da causa operária enquanto Margaret Hale encara as dificuldades e digna-se a lutar pelos mais fracos por meio das amizades que conquista no Norte industrializado.

mulheres política e socialmente, em um período no qual a opinião feminina não era bem recebida ou bem vista.

Nossa análise considerará, especialmente, as relações entre literatura e sociedade. Pautamo-nos, sumariamente, em Antonio Candido, na obra *Literatura e Sociedade*. Embora o autor se volte para o contexto brasileiro, as reflexões feitas nos são caras, pois Candido (2006) explicita que não há como dissociar o estudo literário do contexto histórico, ou seja, a compreensão íntegra do texto literário depende da relação entre texto e contexto, numa leitura dialeticamente associada:

Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. Aqui, é preciso estabelecer uma distinção de disciplinas, lembrando que o tratamento externo dos fatores externos pode ser legítimo quando se trata de sociologia da literatura, pois esta não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento. Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. (CANDIDO, 2006, p.16)

Assim como explicitado por Candido (2006), as análises literárias das obras de Gaskell contemplarão os elos entre a sociedade no auge da revolução industrial e as verossimilhanças alcançadas em suas representações ao longo da narrativa:

O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo. (CANDIDO, 2006, pág.16)

Trabalharemos, ainda, com as ponderações sobre o movimento literário socialista cristão (HAUSER, 1994) do qual Gaskell fazia parte. Portanto, destacaremos o profundo conhecimento e as pertinentes denúncias encontradas nos romances de Gaskell e, de modo abrangente, no romance social inglês do século XIX, sem esquecer-nos, porém, dos primeiros meios de publicação de *Norte e Sul* (1854-55), a revista *Household Words*, dirigida por Charles Dickens, a qual analisaremos por meio de Lohrli (1973) e Elliot (1999), como parte do estudo sobre a recepção dos romances.

Por fim, destacaremos as intensas similitudes das problemáticas das narrativas com os acontecimentos da atualidade, uma vez que, dos embates empreendidos no século XIX, muito se perde nos debates políticos da contemporaneidade, nos quais é necessário defender o óbvio. Direitos que foram conquistados a duras penas ao longo do século, representados

literariamente, nos romances, pelos líderes sindicais e sociais, por exemplo. Sobre a contribuição do presente trabalho em nível acadêmico, podemos destacar os poucos trabalhos em Língua Portuguesa a respeito dessa escritora. Além disso, também situamos as análises desses romances na esfera dos acontecimentos da atualidade, uma vez que questões referentes ao trabalho, à conquista de direitos e de voz por parte dos cidadãos à margem são tão importantes aos analistas sociais do século XIX e muitíssimo pertinentes em nosso século.

1. Elizabeth Gaskell: a *Scheherazade* de Dickens, amiga de Charlotte Brontë, mãe de Marianne e militante dos operários

Elizabeth Gaskell foi uma proeminente escritora britânica, notavelmente conhecida pela biografia de uma de suas amigas íntimas, Charlotte Brontë, também um dos ícones da literatura mundial. A escritora nasceu em Londres, em 29 de setembro de 1810. Seu pai foi um ministro unitário (informação que nos é muito significativa, na perspectiva desse trabalho, para entender algumas de suas críticas nos romances). Gaskell passou parte de sua adolescência ao lado de sua tia, em Cheshire, um condado no noroeste inglês, pois perdeu a mãe muito cedo. Aos 22 anos de idade, a escritora adotou o sobrenome de seu esposo, por ocasião de seu casamento com um ministro unitário⁵ chamado William Gaskell. Após essa união, o casal instalou-se na cidade industrial de Manchester, o que permitiu que ambos obtivessem uma visão acurada da situação do operariado das fábricas têxteis bem como dos patrões. Isso também rendeu muitas críticas a Gaskell por parte da clientela leitora da época. Além disso, a autora começou a escrever após a morte de seu filho, por sugestão de seu esposo William Gaskell:

Um segundo filho, Willie, nasceu em 1844. No verão de 1845, Willie, com dez meses de idade, morreu de escarlatina. [...] Uma das mudanças precipitadas, se não causadas, por sua perda, foi sua transformação de uma escritora ocasional em uma romancista profissional. (CHAPMAN, 1999, apud SPENCER, 1993, p.10)⁶

Segundo Patrícia Beer (1974), poeta e crítica inglesa, a vida de Elizabeth Gaskell foi simples, como destacada na seguinte expressão irônica: “[a escritora levava] *uma vida movimentada que nos faz sentir como se estivéssemos no sofá*”. Gaskell cuidava da casa e era uma anfitriã habilidosa, o que explica as amizades que travou com grandes intelectuais da época. Além disso, era afetuosa, tratava as pessoas com benevolência, e estava, enquanto mãe, esposa ou patroa, disposta a satisfazer as necessidades de todos. Podemos observar o lado maternal da escritora em uma das cartas endereçadas a uma de suas filhas, Marianne, com conselhos sobre amenidades cotidianas⁷.

⁵ O Unitarianismo, doutrinariamente, buscava a união do Novo e do Antigo Testamento. Há maiores explicações sobre esse tópico ao longo do trabalho.

⁶ A second son, Willie, was born in 1844. In the summer of 1845 Willie, aged ten months, died of scarlet fever. [...] One of the changes precipitated, if not caused; by her loss was her transformation from an occasional writer to a professional novelist. (CHAPMAN apud SPENCER, 1999, p.10)

⁷ No anexo 1 estão dipostas as cartas de Gaskell, contendo os mais diversos assuntos – políticos e pessoais.

Entendemos o início da carreira de Gaskell como escritora como um impulso de evasão, ou seja, uma forma de livrar-se da dor da perda prematura de seu filho. Ela era uma mãe devotada e a perda de seu filho causou, naturalmente, uma intensa dor. Segundo Spencer (1993), a literatura oferecia a fuga necessária e, ao mesmo tempo, fazia com que a escritora confrontasse a realidade difícil ao seu redor. Beer (1974) destaca que William (esposo de Gaskell) foi responsável por suas publicações e era um dos maiores entusiastas de seu trabalho literário. Isso a auxiliou grandemente, tendo em vista as péssimas condições para as escritoras do período, as quais, muitas vezes, valeram-se de pseudônimos para terem o direito de serem lidas e apreciadas. É o caso, por exemplo, das Irmãs Brontë, que foram questionadas quanto à autoria de suas obras, mesmo após revelarem seus verdadeiros nomes, uma vez que utilizavam pseudônimos masculinos no início de suas carreiras literárias: Emily Brontë, dada sua tamanha genialidade, era desacreditada, pois, muitas vezes, atribuíam a feitura de *O morro dos ventos uivantes* a seu irmão, Patrick Branwell⁸. A escritora Elizabeth Gaskell, porém, não padeceu da mesma sina e não foi considerada um “ponto fora da curva” como eram outras romancistas.⁹ Gaskell contava com o auxílio que o sobrenome de casada lhe proporcionava.

Vasconcelos (1995) destaca que houve romancistas que conseguiram construir uma “imagem alternativa de mulher”. Nós incluímos Elizabeth Gaskell nesse contexto. Essas escritoras, segundo a autora, não desafiavam a hierarquia social: “Apesar da censura social, algumas dessas romancistas assumiram a responsabilidade de defender a mulher e seu direito à leitura séria, a interesses mais amplos e ocupações intelectuais como também parte da esfera feminina” (VASCONCELOS, 1995, p.98).

Elizabeth Gaskell foi mais feliz. A história conta que o marido a encorajou positivamente a escrever romances em primeiro lugar, após a morte de seu filho William, e está claro que quando seu trabalho se mostrou muito mais do que um passatempo paliativo e que, em vez de aliviar sua mente dos seus problemas, tinha se tornado uma preocupação em si, seu marido prontamente tratou-a como profissional com muitas, se não todas, as reivindicações de uma profissional. Ele organizou, ou pelo menos supervisionou, o lado comercial de sua escrita e os aspectos práticos como prova de leitura. (BEER, 1974, p. 17)¹⁰

⁸ De acordo com vários artigos, devidamente referenciados, alguns críticos não acreditavam que uma mulher como Emily Brontë poderia escrever uma obra tão densa e cheia de nuances como *O Morro dos Ventos Uivantes*. Desse modo, atribuíam a feitura do romance a Patrick Branwell, irmão de Emily Brontë.

⁹ Segundo Vasconcelos (1985), no século XVIII – expandindo a questão para o século XIX – as problemáticas que envolviam a política, literatura e comércio estavam relegadas aos homens enquanto as mulheres deveriam se preocupar com a adequação do vestuário, da conversa e das incumbências domésticas.

¹⁰ Elizabeth Gaskell was more fortunate. The story goes that her husband positively encouraged her to write novels in the first place, after the death of her son William, and it is clear that when her work proved to be much more than a palliative hobby and that instead of taking her mind off her troubles it had become a preoccupation in its own right, he readily treated her a professional with many though not all of a professional’s claims. He organized,

De acordo com Spencer (1993), Gaskell, em suas narrativas, estava mais preocupada em descrever as duras realidades sociais do que encantar os leitores. O primeiro romance publicado por ela intitula-se *Mary Barton*. Trata-se de um romance social de subgênero industrial, no qual o pano de fundo é a situação dos trabalhadores das fábricas têxteis. Ele foi publicado anonimamente em 1848 e, imediatamente, foi apreciado pelos escritores Charles Dickens e Thomas Carlyle. Charles Dickens foi um dos responsáveis por algumas das publicações posteriores de Gaskell. Ele a convidou para contribuir com o folhetim do qual era editor, *Household Words*, publicado todas as quartas-feiras, de março de 1850 a maio de 1859. O periódico veiculava tanto ficção quanto não-ficção, e grande parte das obras de não-ficção versava sobre questões sociais da época. No entanto, o público leitor se resumia à classe média. Segundo pesquisas de autores como Lohrli (1973) e Elliot (1999), apenas Dickens assinava as publicações, principalmente os artigos. No entanto, os romances seriados – a exemplo de *Norte e Sul* – eram devidamente identificados com o nome do autor. Gaskell publicou dois de seus romances de forma seriada: *Cranford*, em 1853, e *Norte e Sul* entre 1854 e 1855.

Gaskell foi uma mulher muito culta e dada a questões sociais e políticas. Ela envolveu-se com muitos escritores, reformadores sociais e intelectuais. Seu esposo também era um reformador social e dedicou-se junto à escritora à luta pelos direitos dos mais pobres e das classes trabalhadoras. William Gaskell também a auxiliou com os dialetos empregados no romance *Mary Barton*, uma vez que a escritora imprimiu o linguajar dos operários à obra, assim como o fez em *Norte e Sul*: nas falas de personagens como John Barton (líder sindical) e Nicholas Higgins (operário). Vê-se uma tentativa genuína de representação – podemos destacá-las para a visualização a seguir:

Como eu estava dizendo, senhor, avalio que o senhor não iria ter muita confiança em si, se tivesse vivido aqui – se o senhor tivesse sido criado aqui. Peço seu perdão se eu uso palavras erradas; mas o que eu quero dizer com toda crença agora, são esses dizeres, máximas e promessas *fazidas* por gente que o senhor nunca viu, nem ninguém mais (GASKELL, N&S, 2015, p.226).¹¹

Desse modo, o casal ajudava-se e havia um desenvolvimento intelectual e literário bilateral:

or at least supervised, the business side of her writing and such practicalities as proof reading. (BEER, 1974, p. 17)

¹¹ – As I was a-sayin, sir, I reckon y o'd not ha' much belief in y o' if yo' lived here – if yo'd been bred here. I ax your pardon if I use wrong words; but what I mean by belief just now, is a-thinking on sayings and maxims and promises made by folk y o'never saw, about the things and the life, yo'never saw, nor no one else. (GASKELL, 2011, p.581)

William Gaskell foi professor, lecionou várias vezes na Manchester New College e no Instituto de Mecânica para homens da classe trabalhadora. A colaboração dos Gaskell em empreendimentos literários, como as palestras de William sobre os poetas ingleses, foi especialmente importante para Elizabeth. (SPENCER, 1993, p.9)¹²

Gaskell foi biógrafa de Charlotte Brontë a pedido de Patrick Brontë (pai de Charlotte). A biografia intitulada *The life of Charlotte Brontë* foi escrita com extrema admiração, tornando-se uma grande narrativa. Isso também foi duramente criticado à época, pois os críticos diziam que havia muita emoção e pouca objetividade em seus relatos, pois as relações entre Gaskell e Charlotte Brontë eram muito estreitas:

No verão de 1850, quando ficou em Lake District com Sir James e Lady Kay-Shuttleworth, Gaskell conheceu Charlotte Brontë. Nessa época, a fama de Brontë, como autora de *Jane Eyre* e *Shirley*, estava se espalhando, enquanto sua vida pessoal se tornava perfeitamente infeliz pelas perdas rapidamente sucessivas de seu irmão Branwel e suas irmãs Emily e Anne. Gaskell ficou fascinada por Brontë, vítima do infortúnio, tanto quanto pela artista Brontë. (SPENCER, 1993, pág.14)¹³

Em seus romances, Gaskell versou sobre temas relacionados à situação dos patrões e empregados, o progresso da indústria, além de problematizar a questão religiosa (passando por questões envolvendo a fé e a tolerância). Ela também criticou o *status quo* da época, a hipocrisia e o falso moralismo de maneira análoga a Jane Austen (escritora georgiana¹⁴), Charlotte Brontë e outras escritoras vitorianas. Isso lhe rendeu diversas e ferrenhas críticas: Stevens (2002) explicita a seguinte crítica da classe média, público leitor do período vitoriano, direcionada à escritora em seu artigo: “[Gaskell] foi uma das mais verdadeiras e patéticas protetoras dos pobres” (STEVENS, 2002, p. 13).

Alguns donos de indústrias diziam que Gaskell incitava o conflito de classe e sabia muito pouco de negócios para espalhar críticas. No entanto, a escritora os replicava, dizendo que era leiga com relação à situação política da época – algo que não nos soa verdadeiro, uma vez que ela descreve (ficcionalmente) com propriedade a situação do operariado. Quando comparamos as obras de Gaskell a narrativas históricas, livros de historiadores, como Asa Briggs (1983) e Peter Gay (1989), com os quais trabalharemos mais adiante, vislumbramos

¹² William Gaskell was a lecturer, teaching at various times at Manchester New College and at the Mechanics' Institute for working-class men. The Gaskells' collaboration on literary ventures such as William's lectures on the English poets was specially important to Elizabeth. (SPENCER, 1993, p.9)

¹³ In the summer of 1850, while staying in the Lake District with Sir James and Lady Kay – Shuttleworth, Gaskell met Charlotte Brontë. At this time Brontë's fame, as the author of *Jane Eyre* and *Shirley*, was spreading, while her personal life was made acutely miserable by the swiftly successive losses of her brother Branwell and her sisters Emily and Anne, Gaskell was fascinated by Brontë the victim of misfortune as much as by Brontë the artist, (SPENCER, 1993, p.14)

¹⁴ Jane Austen publicou seus romances no período regencial, no qual George III reinava.

uma verossimilhança alcançada por poucos, como Dickens, por exemplo.

Tendo isso em vista, Spencer (1993) destaca a autodepreciação tecida por Gaskell no prefácio de seu primeiro romance, *Mary Barton*, no qual enfatiza seu desconhecimento de teorias do comércio e da política de seu tempo. Segundo Spencer (1993), isso é irônico, porque a escritora tinha muitas informações ao seu dispor e muitos leitores de seus romances ofereciam e indicavam livros com as teorias necessárias a ela. A seguir, há a citação de Gaskell sobre sua falta de conhecimento (consideração que, ao longo da obra e da dissertação, será desconstruída, demonstrando que a escritora era versada politicamente):

Não conheço nada de Economia Política, ou as teorias do comércio, tentei escrever com sinceridade; e se minhas contas concordarem ou colidirem com qualquer sistema, o acordo ou desacordo não é intencional. Para mim, a ideia que tenho formado do estado de sentimento entre muitas pessoas da fábrica em Manchester e que eu me esforcei para representar neste conto (completado há um ano) recebeu a confirmação vinda dos eventos que ocorreram recentemente entre uma classe similar no continente. (GASKELL, 2011, p.XIII)¹⁵

Voltando-nos para os romances *Mary Barton* e *Norte e Sul*, fazem-se necessárias algumas informações estruturais, tais como o título e a recepção pelos leitores. *Mary Barton* foi publicado no ano de 1848. O título inicial seria *John Barton*, nome do pai de Mary. No entanto, Gaskell trocou para *Mary Barton*, por sugestões de seu primeiro editor, conforme podemos ler no trecho de uma das cartas de Elizabeth Gaskell a Edward Chapman: “Obrigada por suas sugestões; você verá que eu [adotei] o título adicional de *Mary Barton, a Manchester Love Story*.”¹⁶ Dessa forma, o título faz jus à narrativa e foca na vida da personagem – uma mulher pobre, que luta contra a sua própria realidade, rompe com diversos paradigmas e, implicitamente, torna-se uma militante social quando levanta a voz contra as injustiças cometidas contra um de seus melhores amigos e, posteriormente, esposo, Jem.

Em *Norte e Sul*, o título foi escolhido por Charles Dickens. Porém, Gaskell, em um primeiro momento, pensou em intitulá-lo com o nome da protagonista Margaret Hale, uma vez que os leitores seriam influenciados a seguir os passos de Margaret, mesmo que a narrativa tenha sido escrita em terceira pessoa. O argumento dado por Dickens para a escolha do título se referiu principalmente ao fato de *Norte e Sul* resumir bem o enredo do romance: as agruras

¹⁵ I know nothing of Political Economy or the theories of trade, I have tried to write truthfully; and if my accounts agree or clash with any system, the agreement or disagreement is unintentional. To myself the idea which I have formed of the state of feeling among too many of the factory-people in Manchester and which I endeavored to represent in this tale (completed above a year ago), has received some confirmation from the events which have so recently occurred among a similar class on the Continent. (GASKELL, 2011, p.XIII)

¹⁶ A carta com a afirmação da autora pode ser encontrada no anexo 1.

e o deslocamento da família Hale do Sul campestre para o Norte industrializado. O romance foi publicado em 22 episódios semanais entre setembro de 1854 e janeiro de 1855.

A amizade um tanto difícil de Gaskell com Dickens foi de grande importância para a escrita dela, [...] contribuindo com inúmeras histórias e dois trabalhos mais longos: *Cranford* (1851-3) e *Norte e Sul* (1854-5) para o periódico. Mais tarde, ela escreveu para o sucessor do periódico, *All the Year Round*. (SPENCER, 1993, p.12)¹⁷

Além das temáticas explicitadas, a ideia de meritocracia desponta nesse momento com as teorias liberais e economistas como a de Adam Smith¹⁸ – anterior a Gaskell, mas que imbuíu muitas ideias aos contemporâneos que ainda resistiam no século XIX. Assim, em ambos os romances, encontramos uma representação das críticas sociais, das tensões com relação ao papel das mulheres vitorianas e, principalmente, da esperança de Gaskell de que os patrões e operários travassem uma relação amistosa. É importante pontuar que, sem nenhuma tentativa de biografismo, todas essas intenções progressistas da escritora, como o apoio aos mais necessitados e a luta pelos trabalhadores são encontradas em Margaret Hale. Podemos observar os princípios da heroína e que são partilhados com seu pai no trecho abaixo, no qual são destacadas a luta contra a hipocrisia da sociedade:

“Não, pai”, disse Margaret, olhando diretamente para ele, e falando em tom baixo e firme. “Já é ruim acreditar que errou. Seria infinitamente pior reconhecer-se como um hipócrita.” Ela abaixou sua voz nas últimas palavras, como se entretendo a ideia de hipocrisia em conexão com seu pai, por um momento sequer, demonstrasse desrespeito (GASKELL, 2017, p.58).¹⁹

Ainda no que se refere à publicação do romance *Norte e Sul*, Spencer (1993) sublinha que Gaskell enviou uma proposta para trabalho completo em 1853, e planejou-se, posteriormente, que a publicação ocorresse semanalmente em 1854. Dickens queria capítulos curtos com suspense ao final. Todavia, a escritora apresentava capítulos prolixos com desenvolvimento de enredo lento e bastante complexo: essa contradição entre o que Dickens desejava que fossem os capítulos do romance e a prolixidade da escrita de Gaskell desautorizava o editor. Podemos observar no trecho de uma das cartas escritas por Gaskell, na

¹⁷ Gaskell's somewhat uneasy friendship with Dickens was of great importance to her writing. He asked her to write for *Household Words*, and in 1850, she began her career as his 'Scheherazade', contributing numerous stories and two longer works, *Cranford* (1851-3), north, and *South* (1854-5) to the periodical. Later, she wrote for its successor, *All the Year Round*.

¹⁸ Adam Smith (1723-1790), escocês, foi um filósofo social e economista político. Smith é conhecido, principalmente pela obra “A riqueza das nações”, na qual sublinhava que deveria haver liberdade econômica para o investimento da iniciativa privada, sem a necessidade de intervenção estatal.

¹⁹ – No, father, said Margaret, looking straight at him, and speaking low and steadily. – It is bad to believe you in error. It would be infinitely worse to have known you a hypocrite. She dropped her voice at the last few words, as if entertaining the idea of hypocrisy for a moment in connection with her father savoured of irreverence. (GASKELL, s.a., p.432)

qual ela se esforça para atender à solicitação de Dickens de que criasse capítulos menos prolixos: “São 33 páginas da minha escrita que eu envio hoje, eu tentei encurtar e condensar, porque era uma parte maçante, e fazer com que ficasse em um tamanho razoável” (GASKELL, 1855, s.p.)²⁰. Desse modo, as vendas da revista de Dickens começaram a diminuir. Porém, mesmo com esse fato, Gaskell não mudou seu estilo para atender às expectativas de *Household Words*:

No final de 1854, ela estava “enjoada de escrever”: seu romance, ela reclamou, “tem sido um peso terrível para mim e me feito ter algumas das dores de cabeça mais fortes que já tive em minha vida.” Ela sempre permaneceu insatisfeita com o final “apertado” [de *Norte e Sul*]. (CHAPMAN apud SPENCER, 1993, pág. 13)²¹

Em uma tentativa de descrição de Gaskell, Spencer (1993) destaca que ela era uma incansável professora de crianças pobres, respeitada escritora vitoriana e, desse modo, pôde assumir a postura de mulher que seguia os ideais de seus antepassados. Ou seja, ela também inclinava-se ao conservadorismo nos costumes²². Assim, para ela, ser uma escritora não significava assumir os empregos dos homens:

A autoconfiança autoral de Gaskell resultou de um sucesso profissional que fez dela uma exceção em uma sociedade em que a maioria das mulheres de classe média não tinha acesso a emprego remunerado e vivia uma vida doméstica muitas vezes extremamente restrita por código de gentileza e propriedade. [...] Ela poderia ser legitimada como representante de um tipo de autoridade feminina que desempenhou um papel crucial dentro da ideologia vitoriana. (SPENCER, 1993, p.19)²³

Tendo isso em vista, muitas mulheres vitorianas estavam fatigadas do mundo doméstico, uma vez que não podiam transmitir os valores femininos à esfera masculina, pois estavam completamente separadas dele. De acordo com Spencer (1993), nesse mesmo período, várias atividades de filantropia eram relegadas às mulheres. A profissionalização delas, em atividades como o serviço social, a educação e a enfermagem ocorreu posteriormente. A capacitação para o trabalho permitiu a entrada das mulheres na vida pública. Antes, a figura

²⁰ [...] It is 33 pages of my writing that I send today, I have tried to shorten & compress it, because it was a dull piece, & to get it into reasonable length. (GASKELL, 1855, s.p.)

²¹ By the end of 1854, she was “sick of writing”: her novel, she complained, “has been a terrible weight on me and has made me have some of the most feeling headaches I ever had in my life”. She was always remained dissatisfied with its “huddled” ending. (CHAPMAN apud SPENCER, 1993, p.13)

²² Essa afirmação denota certa contrariedade, no entanto, Gaskell ainda estava imbuída de ideais conservadores, embora também demonstrasse ideais progressistas relacionados ao trabalho nas fábricas.

²³ Gaskell’s authorial self-confidence resulted from a professional success that made her an exception in a society where most middle-class women had no access to paid employment, and lived domestic lives often extremely constricted by codes of gentility and propriety. Yet if the “female novelist” seemed an anomaly to many, she was becoming increasingly valued in Gaskell’s day. She could be legitimised as representative of a type of feminine authority that played a crucial role within Victorian ideology. (SPENCER, 1993, p.19)

feminina ficava apenas relegada a ser “o anjo do lar”, como explicitado pela historiadora Sandra Vasconcellos (1995) : reprimidas sexualmente, oprimidas pelos maridos – os chefes da família – e instigadas a um comportamento compassivo e de natureza frágil. Assim, nesse contexto, havia a mulher novelista – posição que foi ocupada por Gaskell e que permitia uma participação facilitada, mesmo que tímida, na esfera cultural da sociedade:

O romance marcou uma intersecção entre os domínios público e privado: publicado, pago e discutido publicamente, mas destinado aos leitores em casa e promovendo, por meio de um apelo ao sentimento, os ideais da domesticidade. Sua posição ambígua oferecia uma oportunidade para as mulheres exercerem o poder público geralmente reservado aos homens em uma forma aceitavelmente próxima da influência feminina. (SPENCER, 1993, p.20)²⁴

Spencer (1993) destaca que as mulheres da classe média, da qual Gaskell fazia parte, tinham poder real em sua cultura: “As funções culturais que automaticamente atribuímos e incorporamos como mulheres... mãe, enfermeira, professora, assistente social... foram tão instrumentais em trazer a nova classe média ao poder e manter seu domínio como todo o poder econômico.” (SPENCER, 1993, p.27)²⁵. Armstrong (1987), nas palavras de Spencer (1993) salienta que a autoridade da escritora vitoriana naturalizou, de certa forma, seu próprio poder na política.

Ainda tratando da obstinação social e política feminina, em grande parte dos romances vitorianos, o amor e o casamento são apresentados como problemáticas fundamentais. Desse modo, a resistência política das escritoras, a exemplo dos romances de Gaskell, foi transferida para o conflito sexual, como ocorrido em *Norte e Sul*, em que há um embate de interesses entre Margaret Hale (a protagonista), defensora da causa trabalhista, mesmo não pertencendo a essa classe, e John Thornton, dono de uma das fábricas têxteis e um dos personagens mais autoritários da narrativa. A luta travada entre os personagens é resolvida ao final da narrativa, na confirmação do amor romântico e no iminente matrimônio: “Um exemplo do que Armstrong quer dizer pode estar expresso em *Norte e Sul*, onde podemos argumentar que a luta entre

²⁴ The novel marked an intersection between public and private realms: published, paid for and publicly discussed, but aimed at readers in the home and promoting, through an appeal to feeling, the ideals of domesticity. Its ambiguous position afforded an opportunity for women to exercise the public power usually reserved for men in a form acceptably close to feminine influence. (SPENCER, 1993, p.20)

²⁵ Those cultural functions which we automatically attribute to and embody as women... mother, nurse, teacher, social worker... have been just as instrumental in bringing the new middle classes into power and maintaining their dominance as all the economic take-offs... (ARMSTRONG, 1987, apud SPENCER, 1993, p. 27)

capitalista e trabalhadores é, em última análise, vista como menos importante do que o embate sexual entre Margaret Hale e John Thornton” (SPENCER, 1993, p.27).²⁶

Segundo Spencer (1993), as análises de Armstrong são preciosas no que diz respeito à escrita feminina como ato político, uma vez que Elizabeth Gaskell, do ponto de vista de Armstrong (1990), era uma agente da classe média revolucionária: “[...] ela e Charles Dickens são colocados juntos como escritores em cujas mãos a ficção doméstica leva o processo de supressão da resistência política ao domínio da literatura popular.” (ARMSTRONG, s.p., 1990 apud SPENCER, 1993, p.28).²⁷

Mesmo sendo uma mulher da classe média, Gaskell desafiava as estruturas existentes. No entanto, sua religião e seu gênero colocavam-na em uma condição ambígua, pois ela tinha de responder várias instituições como mulher e mãe de família, cristã e militante social. Essas posições lhe inculcavam ideias ao mesmo tempo contraditórias e apaziguadoras, pois a escritora assumia um papel reformista e conciliador social e ficcionalmente. Nesse sentido, Virginia Woolf, em *A room of one's own* (1929) traduzido para o português para *Um teto todo seu* (2000), descreve muito precisamente o papel que Gaskell e tantas outras escritoras vitorianas, como Charlotte Brontë, representavam nessa sociedade em transição. Woolf considera que toda mulher escritora era “porta-voz autorizada da sociedade vitoriana, confiante, tolerante e defensora do progresso, reconciliação e cura das divisões, hesitante, autodividida, consciente de uma herança religiosa radical” (WOOLF, 2009, p.23).

No que diz respeito à recepção da obra no período, assim como citado anteriormente, houve algumas objeções e, ao mesmo tempo, muita admiração. Algumas das críticas vinham diretamente dos patrões das fábricas têxteis da época, como explicitado em algumas cartas endereçadas à autora, já que, em *Mary Barton* (1848), era possível observar que Gaskell estava do lado da luta dos trabalhadores. De acordo com Spencer (2011), *Mary Barton* obteve expressivo sucesso editorial, em meio às contestações, uma vez que a narrativa foi publicada no ano das intensas revoluções europeias e da greve dos trabalhadores em Manchester, conhecida como os quarenta anos de fome²⁸. Desse modo, a escritora atacou Carlyle, a filosofia do *laissez-faire* dos economistas políticos e defendeu, acima de tudo, que os ricos e donos de negócios deveriam responsabilizar-se pelos pobres, a quem empregavam, pagando-lhes

²⁶ One example of what Armstrong means might be in *North and South*, where, it could be argued, the struggle between capitalist and workers is ultimately seen as less important than the sexual struggle between Margaret Hale and John Thornton... (SPENCER, 1993, p.27)

²⁷ [...] she and Charles Dickens are put together as writers in whose hands “domestic fiction carries the process of suppressing political resistance into the domain of popular literature”. (SPENCER, 1993, p.28)

²⁸ A grande fome na Irlanda, de acordo com os tratados de história, deveu-se às intensas safras ruins, especialmente de batata. Estima-se que tenham morrido mais de um milhão e meio de irlandeses nesse período (1845-50).

salários dignos.

Para alguns leitores, especialmente os críticos marxistas, Gaskell era militante da causa operária, pois representava a vida dos trabalhadores com verossimilhança e simpatia. Outros, porém, acreditavam que Gaskell “era movida por apelo às suas consciências”, uma vez que, sutilmente, criticava a forma como os homens de negócios administravam suas fábricas e, conseqüentemente, como tratavam os operários. Diante das críticas, a escritora protestava que não tinha intenção alguma de colocar classe contra classe, o que pode ser visto até mesmo no prefácio de *Mary Barton*, no qual ela pede desculpas por eventuais interpretações, mesmo que muitos leitores lessem seus romances como um apoio aos trabalhadores e contra o gerenciamento capitalista. Assim, Gaskell estava destinada a desagradar os homens de negócios de Manchester que se sentiam prejudicados pelas revelações do sistema e das condições em que os trabalhadores sobreviviam dentro das fábricas têxteis. Conforme Spencer (1993), uma das críticas mais ferrenhas contra a escritora despontou de W.R. Greg, na *Edinburgh Review*²⁹. Ele sugeria que Gaskell culpava os empregadores pela pobreza dos trabalhadores. Dessa forma, a escritora vivenciava as objeções às suas obras e, em uma de suas cartas³⁰, ela relata que os homens de negócios estavam muito zangados com ela e ainda dizia que não tinha noção de que seu trabalho poderia ser uma fagulha causada pelas problemáticas que levantava.

Em contrapartida, Jane Spencer (1993), em uma avaliação sobre os romances de Gaskell, explica que os críticos marxistas elogiavam a interpretação e reflexão sobre a classe trabalhadora e destacavam que, além da agudeza de suas descrições, a escritora não fazia apologia ao poder da classe média. Além disso, os críticos feministas diziam que, em Gaskell, era possível encontrar reflexões aprofundadas sobre as estruturas de poder na sociedade, algo que, de acordo com a historiadora, para alguns leitores, rendeu-lhe a alcunha de “comunista”. Desse modo, segundo Spencer (1993), em uma tentativa de evitar a divisão entre seu trabalho como escritora e sua atuação como mulher e militante na sociedade, Gaskell, seguindo uma preocupação da estética vitoriana, desenvolveu uma visão bipartida da função da arte: a arte como escape e a arte como serviço.

Além de todas essas problemáticas na constituição de seu trabalho literário, Gaskell era unitarista.³¹ Os líderes unitaristas buscavam implementar uma reforma que estivesse em

²⁹ A *Edinburgh Review* foi uma das revistas literárias mais proeminentes do século XIX.

³⁰ Algumas das cartas tecidas por Gaskell estão nos anexos do trabalho.

³¹ Segundo a *Enciclopédia Britannica*, o unitarianismo foi um movimento religioso que emergiu durante o período da Reforma na Polônia, Transilvânia, Inglaterra e mais tarde na América do Norte vindo originalmente das igrejas puritanas da Nova Inglaterra (região dos Estados Unidos).

completo acordo com as escrituras hebraicas (ou *Antigo Testamento*) e o *Novo Testamento*. Assim, essa condição também influenciou a escritora diretamente na produção de suas obras:

Os “hereses” consideravam que as verdades da religião deveriam ser buscadas por meio da razão, e não da autoridade escritural, e enfatizavam a importância da caridade cristã e da tolerância a todas as formas de crença e da preocupação com o bem-estar social. O caráter e a escrita de Elizabeth Gaskell foram profundamente afetados por essa seita religiosa de mente mais ampla. Suas convicções unitaristas estão por trás do tom religioso e didático de grande parte de sua escrita, e igualmente enformam o conteúdo não ortodoxo de sua mensagem. Elas evidenciam-se na (de certo modo ambígua) luta da classe trabalhadora em *Mary Barton*; em sua preocupação com os excluídos da sociedade respeitável. [...] e sua constante mensagem de tolerância e reconciliação onde quer que as pessoas fossem divididas pela crença, classe ou barreiras de desgraça social. (SPENCER, 1993, p.7)³²

Gaskell escreveu com intensidade sobre os temas mais importantes da época, envolveu-se a ponto de detectarmos algumas reminiscências com relação à sua vida e à construção de suas personagens, especialmente Margaret Hale, como destacado anteriormente. Assim, Spencer (1993) destaca alguns aspectos que são análogos entre personagem e escritora, como a situação do irmão de Gaskell na marinha mercante (algo que ocorre em *Norte e Sul* também, pois Frederick Hale se alista na Marinha e, nesse ambiente, se torna um agitador social³³). Vemos, por meio dessa similitudes, um compromisso com a realidade, com o que a escritora verdadeiramente vivenciava. Algo que, conseqüentemente, leva-nos a analisar o quão engajada estava sua narrativa e o quão ancorada nas melhorias de seu tempo Gaskell permanecia, apesar das reprimendas ao seu trabalho.

Tendo em vista o trabalho literário de Gaskell, elencamos abaixo as principais obras e seus respectivos anos de publicação. Os contos publicados foram escritos em coautoria com Dickens e outros escritores que contribuía com *Household Words*:

³² The “heretics” held that the truths of religion were to be sought through reason rather than scriptural authority, and stressed the importance of Christian charity, tolerance for all shades of belief, and concern for social welfare. Elizabeth Gaskell’s character and writing were profoundly affected by this most broad-minded of religious sects. Her Unitarian convictions lie behind the religious and didactic tone of much of her writing, and equally inform the unorthodox content of its message. They show in her (somewhat ambiguous) championship of the working class in *Mary Barton*; in her concern with outcasts from respectable society like the unmarried other of *Ruth*; in her recurrent suspicion of authority in Church of State, and in her constant message of tolerance and reconciliation wherever people were divided by belief, class or the barriers of social disgrace. (SPENCER, 1993, p.7)

³³ Todos os personagens da trama têm, em maior ou menor grau, intenções reformadoras. Margaret Hale e sua família lutam pelos menos favorecidos em diferentes frentes: o irmão da protagonista, por exemplo, se volta para os marinheiros e o poder arbitrário exercido pelo capitão da Marinha.

Obras publicadas³⁴:

Romances	Não-ficção	Novelas e coleções	Contos
<i>Mary Barton</i> (1848)	<i>Sketches among the Poor</i> (1837)	<i>The Moorland Cottage</i> (1850)	<i>Libbie Marsh's Three Eras</i> (1847)
<i>Cranford</i> (1851–1853)	<i>An Accursed Race</i> (1855)	<i>Sr. Harrison's Confessions</i> (1851)	<i>Christmas Storms and Sunshine</i> (1848)
<i>Ruth</i> (1853)	<i>The Life of Charlotte Brontë</i> (1857)	<i>The Old Nurse's Story</i> (1852)	<i>The Squire's Story</i> (1853)
<i>North and South</i> (1854–1855)	<i>French Life</i> (1864)	<i>Lizzie Leigh</i> (1855)	<i>Half a Life-time Ago</i> (1855)
<i>Sylvia's Lovers</i> (1863)		<i>My Lady Ludlow</i> (1859)	<i>The Manchester Marriage</i> (1858)
<i>Wives and Daughters: An Everyday Story</i> (1865)		<i>Round the Sofa</i> (1859)	<i>The Haunted House</i> (1859)
		<i>Lois the Witch</i> (1861)	<i>The Half-brothers</i> (1859)
		<i>A Dark Night's Work</i> (1863)	<i>The Grey Woman</i> (1861)
		<i>Cousin Phillis</i> (1864)	

Quadro 1: Obras publicadas por Elizabeth Gaskell e seus respectivos anos³⁵

Além dos romances seriados e de cunho social, como *Mary Barton* e *Norte e Sul*, Gaskell escreveu contos góticos, a exemplo de *The Haunted House* (1859), embora sua expressiva notoriedade tenha se dado pela publicação dos romances.

³⁴ Algumas obras não foram traduzidas para a Língua Portuguesa.

³⁵ A tabela construída para a visualização completa das obras de Gaskell foi elaborada pela aluna-autora da dissertação.

Nesse período, também havia muitos periódicos que tratavam de temas sociais, como *Punch*, revista que se dedicou a sátiras e humor ácido entre 1841 e 2002 (com alguns hiatos). Assim como a *Punch*, havia a *Household Words* do lado progressista, com publicações também críticas, entre 27 de março de 1850 e 26 de maio de 1859, às quartas-feiras. Os editores responsáveis da revista eram Bradbury & Evans. O nome da revista foi inspirado em uma obra de Henrique V: Familiar in his mouth as **household words**.³⁶ O periódico tinha o preço módico de dois *pence*³⁷ e, dessa forma, abrangia grande público. Todavia, a classe operária não era plenamente atingida, uma vez que a expressiva clientela leitora era parte da classe média. Assim, na primeira edição, é possível observar uma seção destacando os ideais da revista:

Aspiramos viver nos afetos domésticos, e ser considerados entre os pensamentos das famílias, dos nossos leitores. Esperamos ser o companheiro e o amigo de milhares de pessoas, de ambos os sexos e de todas as idades e condições, em cujos rostos nunca poderemos olhar. Procuramos trazer para inúmeras casas, do mundo de agitação em torno de nós, o conhecimento de muitas maravilhas sociais, o bem e o mal, que não são calculados para tornar qualquer um de nós menos ardentemente perseverante em nós mesmos, menos fiéis no progresso da humanidade, menos gratos pelo privilégio de viver neste início de verão do tempo. (DICKENS, 1850, s.p.)³⁸

Assim como Gaskell, Dickens serializou um de seus romances – *Hard Times* – entre 1 de abril e 12 de agosto de 1854, na revista *Household Words*. O texto teve a repercussão esperada pelo autor, obtendo notável sucesso. Dickens dividia a direção da revista com Forster e Wills. Porém, em 1859, por ocasião de uma disputa judicial com os editores – Bradbury e Evans, a revista foi substituída por *All the Year Round*. *Household Words* e, posteriormente, *All the Year Round*, publicavam obras de ficção e não ficção e grande parte dos romances serializados, a exemplo de *Norte e Sul*, tratava de questões sociais.³⁹

O crítico literário Arnold Hauser (1994) sublinha que a publicação de folhetins mensais

³⁶ As edições de *Household Words* podem ser acessadas em: <<<http://www.victorianweb.org/periodicals/hw.html>>>.

³⁷ A conversão exata do valor não nos foi possibilitada, no entanto, possivelmente equivalia a centavos (entre 10 a 50 centavos – tratando-se da moeda corrente brasileira).

³⁸ We aspire to live in the Household affections, and to be numbered among the Household thoughts, of our readers. We hope to be the comrade and friend of many thousands of people, of both sexes, and of all ages and conditions, on whose faces we may never look. We seek to bring to innumerable homes, from the stirring world around us, the knowledge of many social wonders, good and evil, that are not calculated to render any of us less ardently persevering in ourselves, less faithful in the progress of mankind, less thankful for the privilege of living in this summer-dawn of time. (Dickens, 1850, s.p.)

³⁹ As capas da *Household Words* (1851-1859) estão dispostas no anexo I.

foi uma inovação técnica de venda de livros. Além disso, Dickens foi o grande representante do tipo de literatura ideológica e artisticamente progressista:

[Dickens] deblaterava com palavras candentes contra os pecados da sociedade, a desumanidade e a insolência dos ricos, a severidade e falta de compaixão da lei, o tratamento das crianças, as condições desumanas de prisões, fábricas e escolas, em suma, a falta de consideração pelo indivíduo que é o atributo de todas as organizações sociais. (HAUSER, 1994, p.836)

De acordo com Lohrli (1973), a revista dirigida por Dickens abrangia um grupo diversificado, que incluía poetas e romancistas aclamados pela crítica ou até mesmo pessoas obscuras, cujos nomes não apareciam em nenhuma biografia. Havia escritores velhos e novos, de veteranos do *Romantismo* a escritores do século XIX. O periódico também contava com pessoas de todas as classes sociais, embora a grande audiência da revista fosse a classe média da época. No grupo diverso da revista, estava Elizabeth Gaskell.

No que se referia às publicações de Gaskell, observamos que a escritora recebeu diversas e ferrenhas críticas. No entanto, Gaskell as replicou, uma vez que diziam que ela era leiga com relação ao que acontecia nas fábricas têxteis e especialmente que seu trabalho era um tipo de panfletagem política. Na primeira carta reproduzida no anexo 1, Gaskell é grata a Chapman, um de seus primeiros editores, que destacou o quão interessante era sua narrativa. Na carta, a escritora enfatiza o seu lado militante: “Despertar a atenção no momento atual de luta por parte das pessoas trabalhadoras para a obtenção dos direitos estimados.” (GASKELL, s.d.)⁴⁰. Esse trecho indicia as intenções temáticas do seu primeiro livro: expor as lutas do povo que acompanha e assim o faz, em uma mescla que contempla religião e luta política:

Não posso deixar de imaginar que o teor de meu conto é tal que desperte a atenção, no tempo presente de luta, para que as pessoas consigam os seus direitos; por outro lado, é muito possível que as pessoas estejam agora tão absorvidas pelo trabalho público que tenham muito pouco interesse em [conhecer] obras de ficção (GASKELL, 1848, s.p.).

Observando as correspondências de Gaskell, no anexo 1, nas cartas a Kingsley (reformador social inglês) a Robert Chambers (editor britânico), a Charles Dickens e a John Stuart Mill, vemos que, na grande maioria das mensagens da autora, o assunto principal era a apreciação de seus livros e dos livros de suas amigas íntimas, Charlotte e Emily Brontë. Gaskell, impetuosamente, defende o trabalho de seus pares e os seus também, algo apreciável tanto como escritora quanto como mulher. Apenas as cartas endereçadas a Lord Hatherton (1791-1863) tratam de assuntos políticos, uma vez que esse intelectual lidava com as questões

⁴⁰ “[...] to excite attention at the present time of struggle on the part of work people to obtain what they deem their rights.” (GASKELL, s.a., s.p.)

que envolviam a emancipação irlandesa, tema que também era de interesse de Gaskell.

Ainda no que se referia às formas de publicação e ao estilo de escrita de Gaskell, observamos que ela também trabalhava com epígrafes. Segundo Carlos Ceia, em seu *Dicionário de Termos Literários*, “a epígrafe é um pré-texto que serve de bandeira do texto principal, por resumir de forma exemplar o pensamento de outro autor. Tem, pois, a função de um lema ou de uma divisa.” Nesse sentido, os pré-textos mobilizados por Gaskell auxiliam na interpretação dos capítulos e tem como função principal destacar trechos de obras de reformadores sociais, principalmente, e escritores engajados com a causa trabalhista. A primeira epígrafe utilizada faz alusão à mudança da família Hale do sul campestre para o norte industrializado. Os versos explicitam a nostalgia de Margaret Hale, especialmente, embora ela seja uma das personagens que mais se adapta com a distância de sua terra natal. Em Milton do Norte, no entanto, a fumaça das fábricas não permitia que flores ou jardins existissem, pois a fuligem pintava as ruas:

Capítulo VI – *Adeus*: Sem vigília, o galho do jardim há de balançar/ O tenro botão de flor flutuando/ Desamada aquela faia morre/ O plátano queima até findar/ Desamado, o girassol brilha estonteante/ Irradia em chamas seu disco de pétalas/ E muitas rosas-cravo alimentam/ Com a especiaria do verão o ar sussurrante. (TENNYSON, 1850)⁴¹

Em um capítulo posterior, Margaret Hale depara-se com a rebelião dos trabalhadores contra os patrões. Nesse contexto, ela se assusta com a realidade conturbada do Norte, assim como descrito no poema de Robert Southey (1774-1843). As palavras “rude” e a imagem evocada pelos termos “ruidosos mares” conseguem exprimir as sensações de Margaret, que se viu tomada pelas dificuldades dos trabalhadores. Esses reverses lhe deram ímpeto para lutar e tornar-se, posteriormente, uma militante da causa operária. O impacto sentido por Margaret deveu-se, sobretudo, à experiência paradoxal entre o Sul, o lugar da calma, e o Norte, o lugar das tribulações:

Capítulo XIV – *O motim*: Eu estava acostumada a dormir à noite tão docemente quanto uma criança/ – Agora se o vento sopra rude, me faz sobressaltar, E pensar em meu pobre menino se revirando sobre os ruidosos

⁴¹“Unwatch’d the garden bough shall sway, The tender blossom flutter down, Unloved that beech will gather brown, The maple burn itself away ; Unloved, the sun-flower, shining fair, Ray round with flames her disk of seed, And many a rose-carnation feed With summer spice the humming air; Till from the garden and the wild A fresh association blow, And y ear by y ear the landscape grow Familiar to the stranger’s child; As year by year the labourer tills His wonted glebe, or lops the glades; And year by year our memory fades From all the circle of the hills”. (TENNYSON, s.a.)

mares. E então pereci, Senti o quanto foi difícil tirá-lo de mim/ Por tão pequena falta. (SOUTHEY, s.d.)⁴²

Em *Mary Barton*, há epígrafes que marcam as principais ações da narrativa, especialmente a luta e, mais tarde, a derrocada do trabalhador. No capítulo 3, ocorre a morte da esposa de John Barton, decorrente das péssimas condições de habitação e de trabalho enfrentadas por ela. Vemos no poema de Thomas Hood (1799-1845), a imagem do falecimento de uma mulher - “o amanhecer dela era diferente do nosso”:

Capítulo 3: *A desgraça de John Barton*: Mas quando a manhã surgiu,
sombria e triste/ Gelada com a chuva que veio cedo/ Suas pálpebras se
fecharam em silêncio/ O amanhecer dela era diferente do nosso
(HOOD, s.d.)⁴³

Logo em seguida, no quarto capítulo, há um poema que resume os sentimentos dos operários, em *Mary Barton*. Os ideais das mulheres tecelãs são nobres, pois a pobreza e as dificuldades forjaram-nas e, desse modo, elas se fortaleciam mutuamente, tinham umas às outras na luta contra as arbitrariedades da vida. A personagem Alice, uma das anciãs da narrativa, é a representação da pureza de princípios e do saudosismo dos tempos em que as fumaças não tomavam as cidades e era possível ainda admirar a paisagem verdejante de sua terra natal. Além disso, Alice é uma das personagens mais abnegadas às vontades divinas, pois coloca todos os acontecimentos de sua vida nos desígnios de Deus:

Capítulo 4: *A história da velha Alice*: Não invejar nada que existe sobre
a terra/ Não ter nenhum malfeito a lamentar/ E como a violeta viva, em
silêncio/ Retribuir com o cheiro doce o que o céu lhe deu/ E se dobrar
sob a chuva que fustiga, sem reclamar (ELLIOT, s.d.)⁴⁴

Em todos os inícios de capítulos, há uma epígrafe ou poema de autoria de Gaskell, de escritores do Romantismo ou reformadores sociais. Essas aberturas, como dito anteriormente, sintetizam poeticamente o enredo e, em última instância, mostram o quanto Gaskell circulava pelos diferentes gêneros literários e estilos.

Nesse sentido, observamos ainda que a autora foi de encontro à ruptura do movimento romântico, uma vez que, segundo Raymond Williams (2011), os romancistas vitorianos moveram-se em direção à representação da realidade. De acordo com Williams (2011), apoiado

⁴² “I was used To sleep at nights as sweetly as a child – Now if the wind blew rough, it made me start, And think of my poor boy tossing about Upon the roaring seas. And then I seemed To feel that it was hard to take him from me For such a little fault”. (SOUTHEY, s.a.)

⁴³ “But when the morn came dim and sad, And chill with early showers, Her quiet eyelids closed—she had Another morn than ours.” (HOOD, s.a.)

⁴⁴ “To envy nought beneath the ample sky; To mourn no evil deed, no hour misspent; And like a living violet, silently Return in sweets to Heaven what goodness lent, Then bend beneath the chastening shower content.” (ELLIOTT, s.a.)

nas concepções de Auerbach, esse rompimento com a tradição literária que se voltava, sobretudo, para as narrações das histórias domésticas e de assuntos privados, deram lugar às narrativas de cunho social, nas quais os autores exprimiam suas impressões e representações da sociedade na qual viviam.

Além disso, o referido crítico literário, em sua obra *Cultura e Materialismo* (2011), para discutir a ascensão do romance industrial galês destaca as impressões da sociedade que despontava junto às modernizações industriais. No trecho a seguir, Williams (2011) descreve as construções da cidade de Black Country, localizada ao oeste de Birmingham. As semelhanças entre as descrições do norte da Inglaterra de Gaskell e Black Country são notáveis:

Pode mostrar muitos edifícios notáveis, embora com um caráter satânico, sombrio e assombroso. Há o Salão de Ferro, com seus arcos, onde há um barulho incessantemente estrondoso de martelos. Então, há uma floresta maldita no topo de um penhasco enorme... Essa é uma forma de ver, o que é hoje, de modo mais polido, chamado de desenvolvimento industrial. Ela não se limitou ao homem literário errante e romântico. (WILLIAMS, 2011, p.292)

O autor continua a descrição, dando destaque às cinzas e ao carvão, matérias-primas no trabalho das fábricas, assim como é feito literariamente por Gaskell e nas discussões sociológicas de Engels, que serão problematizadas nos capítulos seguintes:

O carvão, que foi retirado do subsolo, está em brasas na superfície. O distrito está lotado de fornalhas de ferro, fornalhas de pudragem e fornalhas de hulha. Dia e noite a região está flamejando com fogo, e a fumaça da fundição paira sobre ela. Há roncões e estalos de forjas e laminadores. Trabalhadores cobertos com fuligem, e com olhos brancos ferozes, são vistos movendo -se entre ferros em brasa e batidas monótonas dos martelos para forjar. Entre essas fábricas incandescentes, esfumaçadas e ruidosas, eu vi os restos do que havia sido, em outro tempo, casas rurais felizes, agora arruinadas e desertas. O chão abaixo delas cedeu pela remoção do carvão, e elas estavam caindo aos pedaços. Foram, em tempos anteriores, envoltas por grupos de árvores; mas apenas o seu esqueleto sobrevive, dilapidado, negro e sem vida. A grama foi queimada e morta pelo vapor do ácido sulfúrico lançado pelas chaminés; e todos os elementos herbáceos possuíam uma cor cinza apavorante – o emblema da morte vegetal em seu aspecto mais triste... (WILLIAMS, 2011, p.293)

As sensações dos escritores galeses referentes às fábricas e aos trabalhadores são análogas às descrições literárias de Gaskell. Williams (2005) destaca que o cenário caótico do trabalho dos homens foi propulsor para o novo movimento literário [romance industrial]: “o movimento em direção ao romance industrial é então, nessa fase, um movimento para uma descrição de como é viver no inferno” (WILLIAMS, 2005, p. 294). Na primeira fase do romance industrial, de 1840 a 1850, romancistas de classe média, observadores das áreas industriais, explicavam o mundo violento e desigual. Um dos principais escritores do

movimento, predecessor de Elizabeth Gaskell, foi Charles Dickens (1812-1870). Williams (2005) explicita que *Tempos Difíceis* [*Hard Times*] foi a resposta para as dificuldades dos trabalhadores nas fábricas têxteis e de carvão:

Uma perspectiva externa e incorporativa que, caracteristicamente, Dickens não mantinha ou tentava manter sempre que tocava outras fontes e fazia as suas variadas personagens – pessoas dickensianas bastante diversas umas das outras – moverem-se e relacionarem-se. Esse segundo olhar responde pela transição significativa. Não somos apenas demônios se vivemos nesse esboço do inferno; não somos autômatos se formos um Vulcano secular; não somos selvagens se vivermos nessa paisagem com aparência primitiva. Mas ainda somos, talvez, trabalhadores, e apenas isso. Certamente aquela perspectiva externa, representativa e, aliás, com uma alta dose de consciência de classe é o método de outros romancistas nesse grupo: de Disraeli, em *Sybil*; de Kingsley, em *Alton Locke*; e mesmo de Dickens entre os trabalhadores, em *Tempos difíceis*. (WILLIAMS, 2011, p. 294)

O crítico literário evidencia o princípio que norteava os romances: a consciência de classe, embora os autores, tais como Dickens e Gaskell, mantivessem uma posição conciliadora sobre as problemáticas dos trabalhadores. Williams (2005) também caracteriza o trabalho de Gaskell como “olhar genuíno”, principalmente em *Mary Barton* e na primeira versão intitulada *John Barton*, na qual o conflito industrial era observado do ponto de vista de um militante. Williams (2005) esclarece que John Barton, um dos personagens principais da narrativa, pai da protagonista Mary Barton, era o herói de Elizabeth Gaskell, a quem a escritora prestava todas as suas simpatias. *Mary Barton* é considerado, pelo autor, o melhor romance industrial inglês do período inicial:

uma história dessas mudanças acontecendo com pessoas que eram, são e se mantêm seres humanos individuais por toda a trajetória brutal e dinâmica da transformação e do conflito social e econômico. Todos esses romancistas da classe média observaram a paisagem industrial sob a pressão da crise industrial e política; especificamente a crise do cartismo. Todos moldaram o que viram e o mostraram com imagens e narrativas de reconciliação do conflito. (WILLIAMS, 2005, pp. 294-295)

A reconciliação dos conflitos observados na sociedade industrial era uma das tônicas fundamentais nos romances. Embora os autores denunciasses as arbitrariedades vividas pelos trabalhadores, eles também buscavam meios de colocar patrões e empregados em harmonia no final das narrativas, algo que se configurava como um grande paradoxo entre os escritores vitorianos, pois, segundo Hauser (1994), “os escritores do período vitoriano inicial bateram-se por reformas no seio da sociedade burguesa, mas nunca pensaram em destruir essa sociedade” (1994, p.835). Ou seja, permaneceram em um entrelugar, sem “tomarem partido” efetivamente ou assumirem um lado politicamente.

Podemos observar que ocorrem acordos entre as classes tanto em *Mary Barton* quanto em *Norte e Sul*, principalmente por meio de ideais cristãos, os quais são pontos de comunhão entre patrões e empregados nos romances. Desse modo, as narrativas gaskellianas são consideradas romances sociais cristãos de subgênero industrial, uma vez que o Evangelho e os textos bíblicos são bases para os diálogos de igualdade entre os personagens. Gaskell fazia parte da tradição socialista cristã, juntamente a escritores como Disraeli, Kingsley e Carlyle. Hauser (1994) sublinha que o gênero [socialista cristão] despontou concomitantemente às ideias liberais no auge da Revolução Industrial, que culminou fatalmente em uma revolução social.

As postulações de Hauser (1994) dialogam com as considerações de Williams (2005), uma vez que aquele destaca que a literatura do período estava carregada de utopia e “nostalgia romântica”. Além disso, o autor evidencia que os vitorianos acreditavam em uma comunidade na qual a justiça e a igualdade fossem absolutas. No entanto, como destacado anteriormente, as mudanças (em sua maioria, negativas) trazidas pela mecanização ocuparam os críticos sociais e da arte na época. O escritor Thomas Carlyle denominou as problemáticas desenvolvidas no período como “condição da Inglaterra”, termo que pode sumarizar efetivamente o que foi desenvolvido por Gaskell. Além disso, para esses escritores, temas como reformas sociais não são meros problemas de consciência, mas questões de consequência vital:

[...] o ponto de vista [dos escritores] é mais humano, mais altruísta; porém, ao mesmo tempo, mais conciliatório e oportunista. Disraeli, Kingsley, Elizabeth Gaskell e Dickens são os primeiros discípulos de Carlyle e estão entre os escritores que aceitam suas ideias mais prontamente. Esses escritores são irracionalistas, idealistas, zombam do utilitarismo e da economia nacional, condenam o liberalismo e o industrialismo e colocam seus romances a serviço da luta contra o princípio de *laissez-faire* e a anarquia econômica que associam a esse princípio. (HAUSER, 1994, p.834)

Williams (2011) destaca que os problemas formais do romance são, em última instância, problemas de relações sociais, pois até mesmo a linguagem do novo gênero que despontava na sociedade oitocentista denotava as diferenças sociais. Para exemplificar, podemos observar o trabalho de Gaskell com os dialetos dos operários. A autora imprime as diferenças linguísticas nos romances, principalmente nas falas dos líderes sindicais, na intenção de realmente “dar voz” aos oprimidos.

Nesse sentido, resumimos os enredos das obras analisadas com o intuito de mostrar o movimento que é realizado pelas protagonistas para alcançar a emancipação (mesmo que elas tenham, ao final, voltado para o plano privado): Em *Mary Barton* (1848) se desenrola a história

de Mary e John Barton, personagens principais, trabalhadores pobres que sofrem toda a sorte de arbitrariedades. No início do romance, John Barton perde o filho para a escarlatina, doença que afligia os bairros periféricos das cidades inglesas no século XIX, e logo em seguida, sua esposa sucumbe doente também. Desse modo, apenas Mary e John sobrevivem naquele ambiente hostil, o qual faz com que John Barton se revolte e busque reivindicar seus direitos e se torna, posteriormente, um líder sindical. Para isso, Barton tem de se submeter às reuniões do sindicato e fazer com que ouçam sua voz. Enquanto isso, Mary, sua filha, conquista um trabalho de costureira. Mary, dadas as condições insalubres de seu trabalho, busca um espaço melhor na sociedade e acredita fielmente que sua beleza fará com que alcance altos patamares. Nessa empreitada, a protagonista se envolve com o filho de um poderoso dono de fábricas, Harry Carson.

A jovem se ilude com um ideal de riqueza e luxo, pois acredita que sua tia, Esther, alcançou um patamar respeitável. No entanto, Mary não sabe a verdade sobre a vida da tia, que, após ter sido abandonada pelo marido, membro da marinha mercante, tem de se submeter à prostituição e aos vícios para suportar o peso dos dias. Quando Esther percebe que Mary está indo para um caminho obscuro, similar àquele por que a personagem passou, causado também por uma paixão desmedida, tenta alertar a protagonista, mas não é feliz no intento, já que se sente indigna diante dos olhos da sociedade e aos olhos de Deus.

Do outro lado, há James, um pobre operário, que é apaixonado por Mary. Esse personagem sofre por seu amor pela protagonista e a defende ao longo da narrativa. O clímax do enredo acontece quando o pai de Mary comete um ato passional e impensado contra o filho do Sr. Carson, o dono da fábrica e flerte de Mary. Barton comete um assassinato! No entanto, a culpa do crime recai sobre James que, posteriormente, acaba preso. No desenrolar das ações desencadeadas pela prisão, Mary descobre que Harry Carson jamais a assumiria como sua esposa, mas antes, estava apenas se divertindo com ela.

Além disso, Esther também procura pela família, que havia abandonado no início da narrativa, para ajudá-los. A essa altura, Mary começa a sofrer várias ameaças tanto da família de Jem quanto da família de Harry Carson. A protagonista se torna a algoz naquela cidade, até o momento em que decide testemunhar a favor de Jem e enfrenta um tribunal repleto de homens: essa imagem consegue sumarizar como as personagens femininas estavam à margem e, mesmo enquanto vítimas, eram consideradas os pivôs de todos os problemas. Nesse ponto da narrativa, Mary declara seu amor por Jem, ao mesmo tempo em que seu pai, o verdadeiro assassino de Harry Carson, decide se entregar. John Barton, porém, já está em seu leito de morte quando assume a culpa pelo crime.

Logo ao fim da narrativa, o pai de Carson e John Barton se encontram e têm uma conversa conciliadora, na qual o Sr. Carson perdoa o assassino do filho. Nesse ínterim, os princípios dos romances de Gaskell despontam: a irmandade e o perdão por meio dos ideais cristãos, pois o velho pai só perdoa Barton quando o reconhece como irmão. Mary Barton, de seu lado, se entrega ao amor que sente por Jem e se casa. Desse modo, há um desfecho feliz para a maioria dos personagens, menos para John Barton, considerando que falece arrependido de um assassinato. Além disso, a protagonista volta para o privado. Embora Mary tenha lutado por uma vida de luxos, se torna uma dona de casa e esposa devotada.

Norte e Sul (1854-55) foi um dos primeiros romances de Elizabeth Gaskell serializado pela revista *Household Words*. A narrativa inicia-se com a protagonista, Margaret Hale, em Londres, na casa de sua prima Edith, escolhendo musselinas para o casamento desta. Fica evidente no desenvolvimento das ações que Miss Hale se sente desconfortável com os luxos de sua tia e prima, mesmo que boa parte de sua infância tenha sido vivida nesses ambientes carregados de requintes.

Em determinado momento, vê-se que os ideais da família e de Margaret colidem: a protagonista é dada às causas mais urgentes, pois não aceita casamentos por conveniência e não se surpreende com as facilidades e ambições da vida. Aos 19 anos, Margaret retorna à casa de seus pais (Sr. Hale é um ministro unitário e sua esposa e mãe de Margaret o acompanha na jornada, que se divide entre os sermões e o cuidado com os fiéis que fazem parte da paróquia). Os Hales habitam o Sul da Inglaterra (Helstone, mais especificamente): descrito como um lugar repleto de chalés e de sentimento de paz, Margaret reforça a veia benemérita (herdada de seu pai).

No Sul agrário, Margaret se apega às pessoas mais necessitadas que vivem em situações pouco favoráveis, assim como faz seu pai, que pode ser definido como um bondoso intelectual. Margaret Hale é muito afeiçoada ao pai e as atitudes empreendidas pela personagem são bastante análogas às ações tomadas pelos personagens masculinos da trama e essa evidência se consolida com os embates que ocorrem posteriormente na narrativa. Assim, acostumados com a aura de bondade do ambiente sulista, a família Hale, por uma decisão tomada pelo pai de Margaret, tem de se mudar para o norte inglês. Insatisfeito com os desmandos dos líderes religiosos da paróquia e as hipocrisias suportadas ao longo dos anos, Sr. Hale, movido por nobres princípios, empreende uma viagem rumo à cidade de Milton do Norte (representação de Manchester).

A decisão de Sr. Hale é recebida com desconfiança pela família, principalmente pela mãe de Margaret, que adoece imediatamente após a mudança. De início, um paradoxo se

desenvolve entre o sul agrário e o norte industrializado, destacando-se, sobretudo, as diferenças de cores: Em Helstone, havia muitas árvores, flores e luz, enquanto em Milton do Norte, as fábricas e a fumaça advinda delas colore o céu de cinza, embrutecendo todo o cenário da narrativa. A imagem da pressa e da corrida contra o tempo das engrenagens do maquinário de Milton pode ser visualizada no primeiro contato da protagonista com os trabalhadores das fábricas – as vestimentas de Margaret Hale diferenciam-se das usadas pelas mulheres trabalhadoras, e o olhar desconfiado das mulheres é o ponto-chave para as oposições que se desenrolam.

Em Milton do Norte, Margaret conhecerá com propriedade a realidade amarga do operariado e do patronato também. Desse modo, a protagonista ficará nesse difícil entrelugar, pois os Hales já foram pertencentes a classe média, mesmo que depois da mudança para o Norte, tenham entrado em franca decadência, e são convidados pelos personagens ricos da cidade a frequentarem suas casas, especialmente a mansão de Thornton, um dos patrões mais importantes da trama.

Margaret Hale, por sua vez, se simpatiza com os mais pobres e, por consequência, seu pai também: eis aí uma das maiores tônicas da narrativa, **a luta de classes**. A protagonista trava diversas relações de amizade com os operários: Nicholas e Bessy Higgins, por exemplo, e visualiza os patrões a partir do ponto de vista dos trabalhadores. Dessa forma, se levanta a revolta contra os donos dos meios de produção e entre esses homens ricos está o grande amor de Margaret, Sr. Thornton. Após inúmeras objeções e oposições de muitas ordens: Margaret e Thornton se apaixonam.

Na greve instaurada, há diversas perdas: trabalhadores perdem seus lugares no trabalho, em especial Boucher, um dos trabalhadores, que representa todo o sentimento de desespero dos mais pobres. Desse modo, ao fim da narrativa, há a derrocada dos patrões e dos empregados ao mesmo tempo, enquanto Margaret perde seu pai e volta para a sua cidade natal. Lá, a heroína encontra seu tutor e recebe uma grande fortuna, a qual futuramente salvará Senhor Thornton e a fábrica, que foi arrendada durante a revolta trabalhista. Ao fim da narrativa, ao modo Gaskell de narrar histórias, todos encontram um final feliz e a reconciliação entre os personagens, por meio da fé e do ideal de irmandade cristão, acontece.

2. A era vitoriana: hipocrisias e desigualdades

Para início da nossa discussão, precisamos ressaltar nossa escolha lexical pela palavra “vitoriana”. Segundo Briggs (1983), importante historiador britânico, o adjetivo “vitoriano”, introduzido em 1851, é mais pleno, em termos semânticos, do que a alcunha “sociedade industrial”, também lançada no mesmo período, dados os eventos transformadores, tais como a mecanização das fábricas, que marcaram e ainda marcam a maioria das questões conflituosas envolvendo a Inglaterra. Para Briggs, em *A história social da Inglaterra* (1983), o termo “vitorianismo” concebe todos os conflitos de ordem social, moral e política juntamente às ideias de autoconsciência e ao orgulho que despontaram à época na qual a Rainha Victoria reinou. Ou seja, o adjetivo faz jus ao nome da monarca e, por extensão, a alguns de seus princípios pautados por moralismos e hipocrisias.

O historiador ainda destaca que a noção de um código moral (único e inviolável) buscada pelos ingleses tornava-se inviável ou absurda. Havia as principais figuras do período, como Florence Nightingale (1820-1910), mulher notável e solidária, conhecida como “a dona da lâmpada”, por percorrer todas as enfermarias com uma lanterna na mão, lutando pela vida durante a Guerra da Crimeia. Enquanto, ao mesmo tempo, temos o Conde de Cardigan, o comandante da Guerra da Crimeia⁴⁵, que duelou em 1840 e, inclusive, foi acusado de adultério. Essas são duas figuras díspares, segundo Briggs (1983), que conseguem definir a era vitoriana: excêntrica e antagônica. Ou seja, aquela sociedade estava longe de ser uma hegemonia moral e de virtudes.

Somados aos antagonismos relacionados à moral e aos paradoxos referentes à hipocrisia do período, Briggs (1983) salienta os inúmeros estilos artísticos e literários dos vitorianos. Assim, o século XIX começou com um estilo grandioso, com pinturas monumentais e históricas, o Neoclassicismo⁴⁶, e findou com o movimento Arts and Crafts⁴⁷, que voltou-se para os princípios socialistas, para a ideia da arte pela arte e para o esteticismo. Nesse sentido, o autor analisa que o reinado de sessenta e quatro anos de Victoria foi marcado, metaforicamente, por luzes e sombras, uma vez que foi o período intermediário no qual o progresso econômico, a diversidade cultural e a estabilidade social foram preponderantes, uma

⁴⁵ A guerra da Crimeia ocorreu no século XIX e se deu entre o império russo e uma junção do Reino Unido com a França, o Reino da Sardenha e o Império Otomano.

⁴⁶ O *Neoclassicismo* volta-se, sobretudo, para a arte como imitação da natureza.

⁴⁷ O movimento *Arts and Crafts* (1880-1900) defendia o artesanato como alternativa à mecanização e à produção em massa. O movimento de Reforma *Arts and Crafts* – uma busca pelo “autêntico” e “significativo” – deve-se em grande parte à ação do artista, poeta, tipógrafo e agitador social William Morris. Quando a produção industrial se tornava um fato consumado, ele ficou aflito pelo mau gosto, desumanização progressiva das condições de trabalho e a poluição ambiental (HEITLINGER, 2006, s.p.)

era atravessada pela Guerra da Crimeia, nos primeiros anos de reinado, e marcada pela Grande Exposição de 1851⁴⁸. Ainda de acordo com o historiador, a década de 1870 foi um “divisor de águas” para o reinado de Victoria. Briggs (1983) evidencia a ponderação de John Morley (1838-1923), jovem liberal britânico, sobre as mudanças ocorridas naquele tempo: “Aqueles que moram nas torres das antigas crenças olham para as mudanças em constante apreensão, perplexidade e admiração... [pois] o ar parece alarmado com mísseis e tudo é dúvida, hesitação e tremores de expectativa.” (BRIGGS, 1983, p.228).⁴⁹

Com essa constatação de Morley (s.d.), vemos o intenso temor dos cidadãos ingleses, os cidadãos da classe média, fundamentalmente, com relação às inovações e às mudanças comportamentais e de organização das relações humanas, que estavam em vias de modificarem-se, uma vez que despontavam os movimentos de mulheres, com o intuito de emancipação e de luta por garantia de direitos elementares, como o sufrágio. Todas essas mudanças causavam espanto nos mais conservadores e também nos trabalhadores, pois, durante os primeiros e últimos anos do reinado de Victoria, houve uma sensação de rebeldia tanto da parte conservadora quanto da parte liberal.

Essa rebeldia aviltada ao longo das décadas, para Briggs (1983), fez com que “as vozes proféticas”, como a de Thomas Carlyle fossem ouvidas. Segundo biografias, esse autor criticou o liberalismo econômico e defendeu o retorno da sociedade medieval. Além disso, abriu-se espaço para se ouvir a linguagem dos cartistas⁵⁰, da classe trabalhadora e dos defensores da Lei do Milho⁵¹. No entanto, a maioria desses discursos eram frequentemente violentos e de retórica romântica, referindo-se aos anseios sociais e econômicos partilhados entre a classe operária. Briggs (1983) sublinha que a maioria do que é considerado “vitoriano” aconteceu ou pertence

⁴⁸ A primeira grande exposição ocorreu em Londres em 1851. Teve como símbolo o Crystal Palace, com 563m de comprimento, 124 de largura e 33 de altura, cujo projeto era de um antigo jardineiro, John Paxton. Era de ferro e vidro, a transparência era 4 valorizada, podia ser desmontado e aplicado a outros fins, da maneira mais econômica e racional possível. Além de inventos, houve obras de artes e projetos como o do Canal de Suez que à época não chamou muito a atenção. Novos modelos de locomotivas e prensas hidráulicas foram apresentados, além de uma máquina de fabricar envelopes. A Inglaterra se julgava destinada a cumprir sua missão de líder mundial; por ser a primeira a fazer a Revolução Industrial tinha também que ser a primeira a ter uma exposição universal. (GOMES, PICOLLO et al, s.a)

⁴⁹ “Those who dwell in the tower of ancient faiths look about them in constant apprehension, misgiving and wonder... [for] the air seems to their alarm to be full of missiles, and all is doubt, hesitation and shivering expectancy.” (BRIGGS, 1983, p.228)

⁵⁰ Os cartistas foram trabalhadores que lutaram por melhores condições de trabalho e por direito de voto, especialmente.

⁵¹ As Leis do Milho em vigor entre 1689 e 1846 foram projetadas para proteger os proprietários ingleses, incentivando a exportação e limitando a importação de milho quando os preços. Eles foram finalmente abolidos em face da agitação militante da *Anti-Corn-Law-League*, formada em Manchester em 1839, que sustentava que as leis, que representavam um subsídio, aumentavam os custos industriais. Depois de uma campanha demorada, os oponentes da lei finalmente conseguiram o que queriam em 1846 - um triunfo significativo que era indicativo do novo poder político da classe média inglesa. (CODY, s.a., s.p.)

ao período intermediário do reinado de Victoria, pois não havia dominação de nenhum partido no cenário político da época. No entanto, o Partido Liberal estava em construção. Para exemplificar o espectro público, Briggs (1983) cita o historiador Whig Macaulay (1800-1859), que exaltava os progressos passados e o assentamento constitucional de 1688, que culminou na Monarquia Parlamentarista⁵². Macaulay ainda enalteceu o crescimento econômico, científico e técnico:

O progresso científico recente prolongou a vida, mitigou a dor, extinguiu doenças, aumentou a fertilidade do solo, deu novas garantias ao marinheiro, forneceu novos braços ao guerreiro, atravessou grandes rios e estútuas com pontes de forma desconhecidas para nossos antepassados, iluminaram a noite com o esplendor do dia, alargaram o alcance da visão humana, multiplicaram o poder dos músculos humanos, movimento acelerado, distância aniquilada, facilitaram o intercuro, a correspondência, todos os escritórios amigáveis, todo o despacho de negócios; e permitiu ao homem descer às profundezas do mar, voar no ar. (BRIGGS, 1983, p.229)⁵³

Assim como visto e preconizado pelos discursos dos historiadores da época, o século XIX foi um período profícuo tanto econômica quanto literariamente. Ou seja, foi uma época de inúmeras turbulências e de extensas desigualdades na Inglaterra. A chamada “era vitoriana” foi marcada pela ascensão econômica e cultural, pela derrocada de valores morais e pela miséria dos mais fracos do espectro: as mulheres, as crianças e os trabalhadores. Assim, coexistindo junto ao crescimento da nação, havia os movimentos de resistência, como a agitação da classe operária por melhores salários, condições dignas de vida e de trabalho e das mulheres, que lutavam por voz e por direitos salutaros. E, em meio a essas tensões, despontaram as obras engajadas de Elizabeth Gaskell.

Partindo para uma perspectiva sociológica e, por vezes, psicossocial, buscamos nas proposições de Peter Gay (1989) corroborar as afirmativas anteriores referentes à era vitoriana e destacar as problemáticas envolvendo os trabalhadores, as principais vítimas do sistema vigente no período. De acordo com Gay (1989), o século XIX foi uma época de grandes incertezas, especialmente para a classe média, isto é, o período vitoriano se configurou entre ideais de esperança e de inúmeras ansiedades.

Ao encontro dessas postulações, temos as descrições do teórico revolucionário,

⁵² Na Monarquia Parlamentarista, o Rei exerce a função de chefe do Estado sob tutela do Poder Legislativo (Parlamento) e do poder executivo (Governo).

⁵³ [Recent scientific progress] lengthened life...mitigated pain... extinguished diseases... increased the fertility of the soil... given new securities to the mariner... furnished new arms to the warrior... spanned great rivers and statuaries with bridges of form unknown to our forefathers... lightened up the night with the splendour of the day... extended the range of human vision... multiplied the power of human muscles... accelerated motion, annihilated distance... facilitated intercourse, correspondence, all friendly offices, all dispatch of business, and enabled man to descend the dephts of the sea, to soar in the air. (BRIGGS, 1983, p.229)

Frederic Engels (2008), que destacam que os pobres experimentaram as maiores crueldades e a indiferença dos líderes da nação e daqueles que detinham o poder e os meios de produção. Desse modo, o número de pessoas que viviam em péssimas condições nas cidades industriais chegava ao extremo: pintava-se a desigualdade entre ricos e pobres. Por outro lado, havia os homens, na maioria bem colocados socialmente, que conseguiam se aproveitar dos avanços do capitalismo e da ascensão econômica da nação inglesa. Nessa perspectiva, Gay (1989) destaca o discurso do príncipe consorte Albert de Saxe Coburg, esposo da rainha Victoria, um dos maiores entusiastas do crescimento britânico:

“Ninguém que tenha prestado atenção às características peculiares da época atual”, disse o príncipe Albert, discursando no banquete oferecido ao prefeito de Londres em 1850, “duvidará por um instante de que vivemos um período de transições maravilhosas, que tende célere à realização do grande fim para o qual, de fato, toda a história aponta - a unificação da humanidade”. (GAY, 1989, p.43)

Os homens influentes e o próprio príncipe Albert entusiasmaram-se diante das promessas do progresso cultural pelo qual a Inglaterra passava e que a Grande Exposição⁵⁴ viria a consolidar, pois, segundo Gay (1989), o príncipe considerava que “[quando] os conhecimentos adquiridos se tornam imediatamente de domínio público, o homem se aproxima do completo cumprimento da grandiosa e sagrada missão que lhe foi atribuída neste mundo.” Conforme Gay (1989), a mensagem entusiástica do príncipe tratava-se de um lugar-comum, que predominava no período:

E.B. Tylor, o evolucionista cultural que abriu muitas sendas novas, assim o expressou em 1867: “A história da humanidade” é “a história de um desenvolvimento ascendente”. Feiras internacionais, tais como a Grande Exposição londrina de 1851, a matriz de todas as seguintes, eram ao mesmo tempo documentos e instrumentos do progresso. (GAY, 1989, p.43)

O progresso, para as pessoas mais abastadas era real, pois viam o fim da escassez. Assim, como destacado por Gay (1989), as mudanças também se configuravam como uma promessa para eles. Para ilustrar esse ideário otimista, o autor evidencia um depoimento de Heinrich Heine⁵⁵, que data de 1830, o qual era influenciado por Saint-Simon⁵⁶:

Medimos as terras, pesamos as forças da natureza, avaliamos os recursos da indústria; isso tudo fizemos, e eis o que descobrimos: que esta terra pode

⁵⁴ De acordo com Briggs (1983) e Leitão (1994), a *Grande Exposição de 1851* foi idealizada pelo príncipe Albert de Saxe Coburg, casado com a Rainha Victoria, e objetivava apresentar um panorama real do crescimento e da expansão da humanidade. Havia outros objetivos, no entanto, o principal assemelhava-se a uma ode ao desenvolvimento e às possibilidades vindouras para as nações.

⁵⁵ Heinrich Heine (1797-1856) foi um poeta alemão, conhecido como o último dos românticos.

⁵⁶ Conde de Saint-Simon (1760-1825) foi um filósofo e economista francês, fundou o socialismo moderno e teórico do socialismo utópico.

alimentar-nos a todos decentemente, se todos trabalharmos e não desejarmos viver às custas dos outros”. Se havia o bastante para todos, o futuro não podia deixar de sorrir, e todas as perspectivas estavam implícitas no presente. Para muita gente, as mudanças não constituíam uma ameaça, e sim uma promessa. (GAY, 1989, p.43)

Como destacado pelo depoimento de Heine (1830) citado por Gay (1983), as transformações do século XIX foram mais rápidas e arrebatadoras do que aquelas que haviam ocorrido em séculos anteriores. No entanto, como enfatizado pelo autor, as mudanças não foram regulares, uma vez que os avanços científicos não produziam tratamentos médicos aperfeiçoados. As críticas e os estudos da sociedade não acarretaram em melhorias ou reformas sociais. Além disso, o tradicionalismo da constituição social, como a vida familiar, foi afetado pela contradição entre a necessidade de adaptação ao “novo mundo” que se abria, e a conservação de velhos hábitos (que não se sustentavam), já que as intensas transições foram mais incômodas ou desestabilizantes do que animadoras.

Gay sublinha que o período vitoriano foi “sensível a suas experiências supremas” (GAY, 1989, p.43). Assim, até os historiadores mais otimistas diante das ocorrências do século XIX concordavam com a afirmação de Thomas Carlyle⁵⁷ datada de 1829: “É indubitável para quem quer que seja que grandes mudanças exteriores estejam se processando. A época está doente e desconjuntada” (GAY, 1989, p. 43). A afirmação de Carlyle (1829) reforça as temáticas trabalhadas por Gaskell nas narrativas e reafirma os relatos de Engels sobre a situação da classe operária. Desse modo, seguiam-se as definições para as turbulências que atravessavam as sociedades burguesas e grandes estudiosos insistiam na alcunha de “era de transições”:

Por isso, testemunhas inteligentes do século o chamavam de “tempo de transição”, sem se darem conta de que estavam emitindo um chavão, e convictas de estarem constatando uma verdade de peso na medida em que distinguem sua era de precedentes. John Stuart Mill falava de sua época, em 1831, como de “uma era de mudanças”, e, mais adiante, como de “uma era de transições”. Três décadas depois, em 1860, Émile Zola informava a um amigo íntimo que “nosso século é um século de transições” (GAY, 1989, p. 43).

As grandes transformações eram recorrentes entre a intelectualidade do século XIX. Dessa forma, os otimistas viam as mudanças como sonhos plenos de esperanças, uma vez que acreditavam na ascensão científica, nas conquistas femininas, no aperfeiçoamento cultural. Por outro lado, os pessimistas previam a perda da ordem e a corrupção iminente, a depravação do

ideal de família e a derrocada das religiões. Como enfatizado por Gay (1989), as atualizações, que atingiam diversos nichos sociais, foram temidas por muitos séculos. No entanto, os medos das sanções trazidas pela inovação foram praticamente institucionalizados no século XIX. Desse modo, com as mudanças, as relações econômico-sociais das comunidades burguesas sofreram algumas consequências. Entre elas está a migração, que representava, concomitantemente, o caminho para a liberdade e um trauma, decorrente das inúmeras dificuldades encontradas nos grandes centros urbanos, como Manchester e Liverpool. A fuga dos campos, especialmente, objetivava essas capitais: “[...] centros industriais e comerciais, como Manchester e Birmingham, que meio século antes haviam sido meros vilarejos, tornaram-se em poucas décadas, extensos, prósperos, miseráveis e agitados aglomerados urbanos” (GAY, 1989, p. 45).

Assim, as migrações auxiliaram no crescimento das cidades e reforçaram o ritmo desenfreado e assombroso da urbanização. Segundo Gay (1989), os subúrbios se “agigantavam”, a multiplicação das fábricas, a expansão das estradas de ferro, o crescimento das ferrovias e a derrocada de bairros considerados nobres resultou em “um caleidoscópio de mudanças habitacionais”. A experiência da migração foi explorada em muitas obras de ficção, inclusive *Norte e Sul* (1854-55), que problematiza o deslocamento da família Hale do Sul agrário inglês para o Norte industrializado em busca de novas condições de vida, já que Helstone (representação do Sul campestre) não supria as necessidades do pai de Margaret (Sr. Hale), pois o personagem não compartilhava dos ideais da Igreja Anglicana e, assim, foi afastado do cargo de pastor. Junto à questão da migração, alguns autores trabalharam com críticas sociais e preocupações elementares, como as destacadas por Gay (1989): moralidade, percepção do tempo, do espaço e a coesão familiar.

Ao longo das décadas, liberais, progressistas e conservadores também queixavam-se da desorganização da época, já que não havia, segundo eles, um referencial estável, pois vivia-se uma “anarquia universal do pensamento, uma velocidade doentia da existência, mal-estar e vacilações generalizadas, e isso em meio aos mais irresistíveis avanços científicos.” (GAY, 1989, p.52). Nesse sentido, o autor evidencia algumas das memórias inglesas (de Louise Bowater⁵⁸, em seu diário) referentes à incerteza do mundo moderno e aos contrastes existentes entre a cidade industrializada e a tranquilidade campestre:

[...] Srta. Louise Bowater capturou com muita sensibilidade essa incerteza do mundo moderno em seu diário um tanto sofisticado, mas nem por isso menos

⁵⁸ Louise (ou Louisa) Bowater teve uma educação doméstica e mantinha um diário desde os seus 14 anos. Nas páginas desse diário, a menina descrevia as paisagens no seu entorno. Desse modo, temos um documento descritivo de dimensão poética e com detalhes geográficos da Inglaterra.

inteligente. Estabelecendo um contraste marcante entre “a agitação e o turbilhão da cidade” e um “glorioso” passeio de charrete pela ensolarada manhã campestre inglesa, onde podiam ser vistos cervos e pica-paus e lindos lagos placidamente calmos, ela observou como “a cada dia que passa” mais sentia “o ritmo em que vivem a maioria das pessoas na época atual. É de se admirar que haja tanta loucura? Nos olhos da metade dos homens que encontro no trem há algo selvagem”, um olhar que, acrescenta ela, “me dá calafrios. Nos dias de hoje não existe descanso nem repouso para ninguém; todos estão sempre em movimento, seja no lazer ou no trabalho. Será isto preferível à estagnação dos dias passados? Não sei; é muito difícil, quase impossível, chegar a uma conclusão”. (GAY, 1989, p.53)

A declaração de Louise Bowater dialoga com as descrições feitas por Margaret Hale, em *Norte e Sul* e por Alice, umas das anciãs de *Mary Barton*, sobre as diferenças entre as regiões. Nos dois relatos abaixo, é possível observar que a agricultura e as belezas do Sul são apreciadas. Em alguns momentos, interpretamos que há uma ode a um passado sem grandes inovações, pois o mundo de outrora era mais simples, embora, mais regrado:

Muitas milhas antes de chegarem a Milton [representação de Manchester], eles viam uma nuvem de chumbo intenso suspensa sobre o horizonte, na direção da qual eles seguiam. Era muito mais escura em contraste com o tom cinza-azulado do pálido céu de inverno; pois em Helstone, já tinham visto os primeiros sinais do inverno. Mais próximo à cidade, o ar tinha um leve sabor e aroma de fumaça; talvez, afinal, fosse mais a perda da fragrância da grama e da vegetação do que qualquer sabor ou aroma. Logo estavam dando voltas pelas ruas longas e retas, de casas regulares, todas pequenas e de tijolos. Aqui e ali, erguia-se uma grande e regular fábrica... (GASKELL, N&S, 2015, p.62)⁵⁹

Em *Mary Barton*, Alice tenta descrever o Sul da sua infância a Mary e a Margaret. Do mesmo modo que Miss Hale, em *Norte e Sul*, Alice destaca os aspectos naturais, as cores que prevaleciam nos lugares, as quais eram imperceptíveis no norte industrializado, uma vez que estavam apagadas e escondidas pela fumaça das fábricas:

Se era bonito, menina? Ora, nunca vi mais bonito. Lá as montanhas parecem que quase chegam ao céu, e não devem chegar nem perto, mas são muito vistosas. Eu costumava achar que eram as colinas douradas do céu, sobre as quais minha mãe cantava quando eu era criança: “Lá ficam as colinas douradas do céu/Onde nunca vais vencer.” Era sobre um navio e um homem que tinha amado e traído uma mulher essa canção. E perto da cabana tinha umas pedras; Ah, minhas filhas! Vocês aqui em Manchester não sabem o que são pedras! Umas rochas cinzentas, todas cobertas de musgo de cores diferentes, alguns amarelos, outros amarronzados; e no chão as urzes roxas

⁵⁹ For several miles before they reached Milton, they saw a deep leadcoloured cloud hanging over the horizon in the direction in which it lay. It was all the darker from contrast with the pale gray -blue of the wintry sky ; for in Heston there had been the earliest signs of frost. Nearer to the town, the air had a faint taste and smell of smoke; perhaps, after all, more a loss of the fragrance of grass and herbage than any positive taste or smell. Quick they were whirled over long, straight, hopeless streets of regularly -built houses, all small and of brick. (GASKELL, 2012, p.435)

que vinham até a altura do joelho, com um cheiro tão doce, e as abelhinhas zumbindo sem parar. (GASKELL, MB, 2017, p.44) ⁶⁰

No discurso da personagem, observamos descrições sobre a estrutura da cidade e as experiências sensoriais por ela vividas: as pedras, as montanhas, as cores, desconhecidas das personagens de Manchester. Observamos, também, que o saudosismo da anciã é análogo à nostalgia de Margaret.

Ainda no que se refere às incertezas da industrialização, Gay (1989) destaca que John Stuart Mill⁶¹ (1806-1873), importante economista britânico, mostrou-se ambivalente, tendo uma perspectiva que respingava em questões democráticas com relação ao progresso, já que o filósofo se esforçou para a promoção do desenvolvimento. Mill, porém, acreditava que a rapidez com a qual as inovações eram empreendidas traziam dificuldades, principalmente no empreendimento de um governo seguro, pois a velocidade das mudanças gerava um desconforto até mesmo na proposição de opiniões. Muitos intelectuais não se posicionavam concretamente por não saber o que aconteceria posteriormente e quais seriam os efeitos de suas críticas ao futuro incerto da Nação, que se polarizaria com a emergência dos partidos políticos no reinado de Victoria:

“A inferioridade da época atual”, escreveu Mill em seu diário ao início de 1854, num paradoxo bem apropriado, “talvez seja uma consequência de sua superioridade. Aparentemente quase ninguém, nas classes mais educadas, tem opiniões formadas, ou se as tem, não parece confiar nelas”. De modo muito semelhante ao de Disraeli uma década antes, ele acrescenta: “Aqueles que deveriam servir de guias aos demais veem cada questão através de demasiadas facetas diferentes”. O que faltava era firmeza de caráter, mas isso era difícil de encontrar. Os líderes “ouvem tanta coisa, acerca de todas as coisas, que já não sentem confiança quanto à verdade do que quer que seja”. Essa não era uma receita para um governo seguro. (GAY, 1989, p.53)

De acordo com Gay (1989), as grandes ferrovias (aclamadas pelo príncipe Albert), as locomotivas e as sinalizações eram as metáforas para a velocidade do século XIX. A celeridade do tempo e da ascensão dessas inovações também produziram nostalgia (mais típica nos

⁶⁰ “Pretty, lass! I never seed such a bonny bit anywhere. You see there are hills there as seem to go up into th’ skies, not near maybe, but that makes them all the bonnier. I used to think they were the golden hills of heaven, about which mother sang when I was a child— ‘Yon are the golden hills o’ heaven, Where ye sall never win.’ Something about a ship and a lover that should hae been na lover, the ballad was. Well, and near our cottage were rocks. Eh, lasses! ye don’t know what rocks are in Manchester! Grey pieces o’ stone as large as a house, all covered over wi’ mosses of different colours, some yellow, some brown; and the ground beneath them knee-deep in purple heather, smelling sae sweet and fragrant, and the low music of the humming-bee for ever sounding among it.” (GASKELL, s.a., p.17)

⁶¹ John Stuart Mill (1806-1873) foi um filósofo e economista britânico. Foi um dos mais importantes defensores do liberalismo econômico. Inclusive, há algumas correspondências entre Mill e Elizabeth Gaskell relacionadas ao trabalho literário da escritora.

discursos conservadores). Para ilustrar esse sentimento de melancolia e pesar pelo progresso, Gay (1989) sublinha a narrativa de Thackeray, grande escritor vitoriano:

“Nós, que vivemos antes da construção das estradas de ferro”, escreveu Thackeray, “pertencemos a um mundo diferente”. Quando as pessoas andavam em carruagens, “*então sim* é que o mundo era mundo”. Ele admitia que “a pólvora e a imprensa tendiam a modernizar” a civilização; entretanto, insistia é a ferrovia “que cria uma nova era”. E comparava aqueles que “viviam antes da ferrovia, e que sobreviveram ao velho mundo” a “Noé e sua família saídos diretamente da sua Arca. As criancinhas farão uma roda à nossa volta e nos dirão: ‘Conte-nos, vovô, como era o mundo de antigamente’. E nós murmuraremos as nossas velhas histórias, e um a um nos iremos; e seremos cada vez menos, e os que sobrarem estarão muito velhos e debilitados”. Não havia dúvida: “Nós, que vivemos antes das ferrovias, somos antidiluvianos - devemos morrer”. Se aceitarmos as hipérboles e as sutilezas do humor travesso de Thackeray, a pequena cena que ele criou materializa uma sensação de perda bastante real (GAY, 1989, p.55).

O depoimento de Thackeray (1811-1863) destaca as perdas acarretadas pelo progresso. No entanto, como apontado anteriormente, a era de melhoramentos foi bastante promissora para os burgueses, considerando os efeitos devastadores causados para os outros grupos de pessoas, principalmente para os tecelões artesanais, que se viram obrigados a adaptar-se às mudanças da mão de obra. Vemos que os bons frutos do progresso foram colhidos imediatamente pela burguesia. No entanto, os trabalhadores sofreram com as modernizações das fábricas e com as adaptações que os expunham às situações degradantes que colocavam à prova suas dignidades básicas de trabalho e de existência. Embora as condições salútares para a integridade humana dos trabalhadores e dos cidadãos à margem fossem problematizadas, a engenharia e a inquietude das máquinas era mais aclamada do que refutada.

Para esse tópico, trazemos algumas análises feitas a partir do recorte de alguns periódicos e cartas remetentes ao período vitoriano, como a revista *Engineering*: “A engenharia fez mais que a guerra e a diplomacia, fez mais do que a Igreja e as Universidades; fez mais do que a filosofia abstrata e a literatura... mais do que nossas leis fizeram para mudar a sociedade.”⁶² (discurso selecionado por Briggs (1983) de um dos editores do periódico *Engineering*⁶³, 1866). É dessa forma, em uma quase ode à industrialização, que alguns otimistas vitorianos enxergavam a chegada das máquinas e da modernização das fábricas têxteis no século XIX. Outros tantos, pouco esperançosos com as mudanças causadas pela fumaça das fábricas, faziam suas objeções:

⁶² “Engineering has done more than war and diplomacy, it has done more than the Church and the Universities; it has done more than abstract philosophy and literature... more than our laws have done to change society.” (BRIGGS, 1983, p. 190)

⁶³ A *Engineering Magazine* foi uma revista americana ilustrada, publicada mensalmente, e que aclamava o progresso industrial, como visto no discurso exposto.

Enquanto o motor funciona, as pessoas devem trabalhar - homens, mulheres e crianças estão unidos com ferro e vapor. A máquina animal – quebrável na melhor das hipóteses ... é acorrentada rapidamente à máquina de ferro, que não conhece sofrimento nem cansaço. (J. P. Kay, *Condições Morais e Físicas dos Operários Empregados na Fabricação de Algodão em Manchester*, 1832)⁶⁴

A afirmação de Kay (1832) consegue captar a essência da revolução industrial: homens personificados em máquinas. As análises pouco promissoras desse cenário que despontava em solo britânico foram feitas por intelectuais, grandes literatos e até mesmo visitantes, como o relato feito pelo alemão J.G. Kohl, no ano de 1844, que, em palavras quase poéticas, destaca as negativas da experiência da indústria:

Imagine estradas negras serpenteando pelos campos verdes, os longos trens de vagões carregados de tesouros negros... montes de carvão espalhados pela planície, bocas de buracos negros e aqui e ali uma capela metodista ou uma casa de escola sem adornos, e você terá uma ideia tolerável do que os ingleses adoram chamar de “Black Indies”. (BRIGGS, 1983, p.191).⁶⁵

Como dito anteriormente, as críticas e os pesares com relação à industrialização estiveram presentes em muitos discursos literários e políticos. Segundo Briggs (1983), o estudo da revolução inglesa se deu, sobretudo, pelos historiadores sociais. Esses estudiosos se simpatizaram com as problemáticas dos operários que, em diversos momentos, foram considerados os beneficiários da revolução, embora, verdadeiramente, fossem suas vítimas. Oxford Frederic York Powell⁶⁶ (1901) dizia que nem todas as pragas, a fome e a guerra trouxeram tanto sofrimento, tratados por ele como golpes mortais de vitalidade ao povo inglês, do que a ascensão do sistema fabril. Arnold Toynbee⁶⁷, importante economista britânico citado por Briggs (1983), vai ao encontro das considerações de Powell (1901), uma vez que, para ele, a essência da revolução não foi a transformação extraordinária das indústrias de carvão, ferro e dos empreendimentos têxteis, tampouco o crescimento da energia a vapor. No entanto, para Toynbee (1983), a essência da revolução foi a substituição da competição pelas regulamentações medievais e pela forma de distribuição desigual de riquezas. Briggs (1983)

⁶⁴ Whilst the engine runs, the people must work - men, women and children are yoked together with iron and steam. The animal machine - breakable in the best case... is chained fast to the iron machine, which knows no suffering and no weariness. (J.P. Kay, *Moral and Physical Conditions of the Operatives Employed in the Cotton Manufacture in Manchester*, 1832)

⁶⁵ Imagine black roads winding through verdant fields, the long trains of waggons heavily laden with black treasures... burning mounds of coal scattered over the plain, black pit mouths, and here and there an unadorned Methodist chapel or school house, and you will have a tolerable idea of what the English delight to call their “Black indies.” (BRIGGS, 1983, p.191)

⁶⁶ Oxford Frederic York Powell (1850-1904) foi um estudioso e historiador inglês

⁶⁷ Arnold Joseph Toynbee, foi um historiador inglês, escreveu, em doze volumes, *Um Estudo de História*, no qual analisa o processo de nascimento, crescimento e queda das civilizações sob uma perspectiva global.

caracteriza o período de industrialização como traumático: “a força humana e animal foram substituídas ou suplementadas por máquinas e poder inanimado” (BRIGGS, 1983, p. 186). Briggs (1983) destaca outros importantes nomes que fizeram as análises e as denúncias do período:

Muitas das primeiras críticas à industrialização foram feitas por Marx, que viveu na Inglaterra por 34 anos. Assim, Southey comparou os ritmos das estações com o ritmo da fábrica, aldeias com cidades, catedrais com moinhos de algodão e crianças de fábrica com escravos negros. No final do século, uma história do passado e outras críticas sociais, como D.H. Lawrence, queixaram-se dos efeitos mortíferos da industrialização nas sensibilidades e na imaginação. (BRIGGS, 1983, p. 191)⁶⁸

Nesse sentido, Elizabeth Gaskell (1810-1865), Charles Dickens (1812-1870), entre tantos outros escritores da chamada tradição socialista cristã⁶⁹ dispuseram-se a trabalhar com o tema da Revolução Industrial e, principalmente, denunciar as arbitrariedades ocorridas dentro das fábricas têxteis. Por meio das obras literárias e das publicações nos folhetins, esses autores destacavam as agruras vividas pelos trabalhadores, pelas crianças e pelas mulheres. O enredo de *Mary Barton* gira em torno das oposições trabalhadores *versus* patrões, como visto no capítulo 1.

Gaskell, embora criticasse as fábricas, trabalhava com um ideal de sociedade, no qual houvesse igualdade entre patrões e empregados. Ela sonhava com uma comunidade em que predominassem o acordo e a distribuição de renda: um ideal utópico, pois, até mesmo do ponto de vista de Engels (2008), a luta de classes é algo inerente à condição humana e extirpá-la acarretaria uma revolução social necessária, mas quase impossível.

Observamos que, ao longo das décadas de 1830 e 1840, intelectuais, críticos, homens de negócios queriam entender os acontecimentos de Manchester e predizer, especialmente, o que aconteceria no futuro. Logo, esses questionamentos ocuparam as análises de Engels, que escreveu *A condição da classe trabalhadora na Inglaterra* (2008). Engels baseou-se em livros oficiais, nos relatórios feitos pelos comitês e em escritores como Peter Gaskell. Segundo Briggs (1983), Peter Gaskell discutia a decadência da humanidade, declarando que os fabricantes

⁶⁸ Much of the early critique of industrialization was moral and sociological rather than economic, although Marx, who lived in England for 34 years, tried to present a scientific analysis. Thus, Southey compared the rhythms of the seasons with the tempo of the factory, villages with cities, cathedrals with cotton mills and factory children with Negro slaves. By the end of the century industry had settled down into routines and while socialists had systematized their analysis, other new critics, like D.H. Lawrence, complained of the deadening effects of industrialization on the sensibilities and on the imagination. (BRIGGS, 1983, p.191)

⁶⁹ A tradição literária socialista cristã voltava-se para as resoluções sociais dos conflitos do período vitoriano por meio de um ideal de igualdade e fraternidade, presentes tanto nos conceitos socialistas quanto nos conceitos do cristianismo como o princípio do amor universal.

artesanais (ou domésticos) eram plenamente superiores aos fabricantes que começavam a despontar, referindo-se aos donos dos meios de produção mais sofisticados. Porém, mesmo apoiando-se nas reflexões do historiador, Engels chegou à conclusões discordantes, uma vez que o filósofo concebia a ascensão do trabalho organizado das fábricas como um resultado inevitável da evolução e da revolução.

Mesmo com a ascensão fabril, Briggs (1983) enfatiza que a Inglaterra não era uma sociedade de apenas dois campos opostos, com o “milionário” comandando a indústria e o escravo assalariado, como diziam os socialistas. O historiador destaca que ainda havia uma classe governante e uma classe empregadora, as quais extraíam o sustento não dos meios industriais, mas da terra. Briggs (1983) ainda discute que havia empregadores simpatizantes com os trabalhadores, os quais estavam dispostos a denunciar as arbitrariedades ocorridas tanto na indústria quanto no trabalho no campo. Nesse sentido, o historiador salienta que “um modelo que exclui esses elos diagonais (ou os ideais de conduta que influenciaram o comportamento) é enganoso, e não inadequado” (BRIGGS, 1983, p.192). Vemos que, nessa ressalva, o estudioso acentua que não é apropriado polarizar ou empregar extremos (patrões e empregados). Essa postulação é conciliadora e, de certa forma, dialoga com aquela buscada pelos escritores do período, como Elizabeth Gaskell, que, na resolução dos conflitos das narrativas em estudo, propõe um diálogo amistoso entre as classes.

Segundo Briggs (1983), tanto Peter Gaskell quanto Engels não compreenderam a realidade da indústria em sua totalidade, uma vez que havia mais modos de organização social, no nível local e no nível parlamentar e os antagonismos entre as classes não eram suficientes para defini-los. No relato de Hugh Mason, um dos donos de fábrica, citado por Briggs (1983), vê-se que, para alguns trabalhadores, a fábrica era uma opção melhor do que a labuta campestre. Desse modo, muitos se adaptaram sem muito esforço. Ou seja, em uma análise sociológica e histórica, não se pode generalizar a situação trabalhista:

A comunidade nem sempre perde sua integridade e o paternalismo poderia existir em um ambiente industrial. Trabalhadores, que tinham sido mais frequentemente atraídos para as fábricas e cidades por salários mais altos e maiores oportunidades sociais do que coagidos, foram mais rapidamente adaptados ao novo ambiente industrial do que se pensava na época, enquanto os empregadores não eram todos exploradores implacáveis. Foi dito, por exemplo, de um empregador de Lancashire, Hugh Mason de Ashton, que “seria impossível para ele comprar o trabalho de seus trabalhadores e para os trabalhadores venderem-no como se fosse uma mercadoria comum sem receita de um lojista.” Ele sentia um profundo interesse no bem-estar de seus trabalhadores. (BRIGGS, 1983, p.192)⁷⁰

⁷⁰ Community did not always lose its integrity and paternalism could exist in na industrial setting. Workmen, who had more often been attracted into the factories and towns by higher wages and greater social opportunities

A análise de Briggs (1983) nos é importante porque, ao longo da História, houve homens da classe média que lutaram pela classe trabalhadora, como Richard Oastler, com seus discursos reformadores que serão mencionados mais adiante. Ou seja, empregadores que estiveram no embate pelos sindicatos contra os abusos cometidos por seus pares. Por outro lado, o historiador Pierre Jaccard (1974), em *A história social do trabalho*, corrobora as análises de Engels (2008), pois o historiador sublinha que os anos dourados da era vitoriana, cantados por tantos ao longo das décadas, mascarou as dificuldades dentro das fábricas:

A primeira metade do século XIX, que os manuais de história sempre apresentaram sob as aparências brilhantes da vida literária, aparece-nos hoje como uma época de grande sofrimento do operariado. Os salários foram, como se viu, reduzidos ao mínimo, os trabalhadores não estavam em condições de suportar as consequências dos acidentes, das doenças nem sobretudo do desemprego. A maior parte da população vivia o presente, sempre com medo do futuro: em caso de adversidade nem sequer tinha o recurso dos camponeses, que possuíam um telhado para se abrigar com os seus e podiam alimentar-se com os produtos da sua terra. (JACCARD, 1974, p.239)

2.1. A questão da classe operária inglesa no século XIX:

Em nossas reflexões, voltamo-nos, especialmente, para essas arbitrariedades destacadas por Jaccard (1974), corroboradas por Engels (2008) e Thompson (1989) e que dialogam com as narrativas de Gaskell. Os autores destacam os meios de resistência da classe trabalhadora. Gaskell, por um viés literário, emprega a religião e os conceitos cristãos para argumentar em favor da classe operária, enquanto Engels (2008), e Thompson (1989), em *A formação da classe operária na Inglaterra* evocam a união de forças por meios políticos, pelas revoluções que seriam possibilitadas pela tomada de consciência do poder que advém da classe operária.

Engels (2008), de uma perspectiva social e historiográfica e, por vezes, militante, pois se posiciona a favor dos operários têxteis, define a situação da Inglaterra como um cenário de guerra social: “as armas de combate são o capital, a propriedade direta ou indireta dos meios de subsistência e dos meios de produção, é óbvio que todos os ônus de uma tal situação recaem sobre o pobre” (ENGELS, 2008, p.69). O filósofo destaca as dificuldades dos operários enquanto vítimas, uma vez que o dono dos meios de produção enriquecia às custas dos trabalhadores enquanto pagava salários miseráveis a eles. Nesse contexto, apareciam outros

than coerced into them, were more quickly adapted to the new industrial environment than was often thought at the time, while employers were not all ruthless exploiters. It was said, for example, of one Lancashire employer, Hugh Mason of Ashton, that “it would be impossible for him to buy the labour of his workpeople and for the workpeople to sell him that labour the same as an ordinary commodity over the counter of a shopkeeper. He felt a deep interest in the welfare of his workpeople. (BRIGGS, 1983, p.192)

inimigos: a polícia (algo que é paradoxal, já que quem deveria proteger, atemoriza) e a fome (o preço dos alimentos não condizia com o pagamento dos operários):

A alimentação habitual de cada operário varia naturalmente em função do salário. Os operários mais bem pagos, em especial os operários fabris, em cuja família todos os membros conseguem ganhar alguma coisa, têm - enquanto essa situação perdura - uma boa alimentação: carne todos os dias e, à noite, toucinho e queijo. Nas famílias que ganham menos, só há carne aos domingos ou às vezes, em dois ou três dias da semana; em compensação, comem-se mais batata e pão. À medida que descemos na escala salarial, verificamos que a alimentação à base de carne se reduz a alguns pedaços de toucinho misturados à batata; descendo ainda mais, até o toucinho desaparece, permanecendo o queijo, a batata, o pão e o mingau de aveia (*porridge*). (ENGELS, 2008, p.114)

Essas opressões são representadas em *Mary Barton*, no trecho em que os operários dão conta das arbitrariedades cometidas e se unem, em especial, a John Barton, pai da protagonista, que é enviado, por escolha de seus pares, a Londres, para expor as dificuldades dos operários às autoridades: “Quando eu fico doente, [os patrões] vêm cuidar de mim? Se meu filho estiver à beira da morte, como o pobre Tom, com os lábios brancos tremendo, precisando de comida melhor do que aquela que eu pude lhe dar, o rico traz o vinho ou o caldo que talvez lhe salve a vida?” (GASKELL, N&S, 2017, p.17).⁷¹

Nesse trecho, John Barton, escarnece dos empregadores, destacando a nula preocupação que eles têm com o operário, o qual é a razão do crescimento da riqueza dos patrões. Embora o trabalhador seja a fonte de renda do patrão, ele é relegado a segundo plano. Uma vez que o cidadão pare de produzir, seu valor diminui drasticamente. Vemos que o que importava naquela sociedade e importa até os dias atuais são os resultados da mão de obra do trabalhador. O homem que é comparado às máquinas e, no embate com a própria modernização e com a máquina, transfigura-se em objeto. Em outras palavras, pelo olhar do empregador, o operário é a extensão do tear mecânico, a amplificação do instrumento que escarnece.

Engels (2008) vem ao encontro dessa denúncia e destaca que, no período de sua estadia na Inglaterra, presenciou ao menos 30 mortes em que a causa direta foi a fome: “[...] quando dos inquéritos, raramente se encontrou um júri que tivesse a coragem de atestá-lo em público. Os depoimentos das testemunhas podiam ser os mais claros e inequívocos, mas a burguesia - à que pertenciam os membros do júri - encontrava sempre um pretexto para escapar ao terrível veredicto: morte por fome.” (ENGELS, 2008, p.69). À vista disso, o filósofo emprega o termo *assassinato social* para tratar desse projeto de dizimação da sociedade.

⁷¹ If I am sick do they come and nurse me? If my child lies dying (as poor Tom lay, with his white wan lips quivering, for want of better food than I could give him), does the rich man bring the wine or broth that might save his life? (GASKELL, s.a., p.6)

O filósofo continua sua análise descrevendo os bairros operários, de forma análoga à Gaskell. Os bairros habitados pelos trabalhadores eram separados das partes destinadas à classe média, uma vez que a média burguesia vivia em ruas boas, mas cercadas pela miséria:

Por todas as partes, há montes de detritos e cinzas e as águas servidas, diante das portas, formam charcos nauseabundos. Aqui vivem os mais pobres entre os mais pobres, os trabalhadores mais mal pagos, todos misturados com ladrões, escroques e vítimas de prostituição. A maior parte deles são irlandeses, ou seus descendentes, e aqueles que ainda não submergiram completamente no turbilhão da degradação moral que os rodeia a cada dia mais se aproximam dela, perdendo a força para resistir aos influxos aviltantes da miséria, da sujeira e do ambiente malsão. (ENGELS, 2008, p.71)

De seu lado, e literariamente, Gaskell também descreve a situação das ruas e habitações dos bairros ingleses. A imagem do abandono é o que há de mais destacável:

E assim eles [Barton e seu companheiro] foram chegando à rua Berry. Era uma rua de terra; atravessada ao meio por uma grossa vala, aqui e ali, formava poças nos abundantes buracos. Nunca a frase que se ouvia em Edimburgo, *Gardez l'eau* [cuidado com a água] foi mais necessária do que nessa rua. Enquanto eles passavam, mulheres chegavam às portas e despejavam *diversos* tipos de água suja na vala; a água então corria até a próxima poça, que transbordava e estagnava. Pilhas de excrementos formavam ilhas onde qualquer transeunte que se importasse minimamente com asseio cuidava para não pôr o pé. Nossos amigos não eram delicados, mas até mesmo eles foram escolhendo onde pisar até chegar a alguns degraus que desciam até uma pequena área. Ali, uma pessoa em pé ficaria cerca de 30 centímetros abaixo do nível da rua, podendo ao mesmo tempo, sem mover o corpo, tocar a janela do porão e a parede úmida e enlameada em frente. Mesmo daquela área fétida, era preciso descer mais um degrau para chegar ao portão onde vivia uma família de seres humanos. (GASKELL, 2017, p.74-75)⁷²

Em uma análise comparativa, podemos vislumbrar muitas semelhanças entre o relato de Engels e a descrição literária em *Mary Barton e Norte e Sul*. Engels (2008) destaca que os operários submetiam-se às habitações em ruínas, pois não podiam pagar as altas taxas de aluguel (ainda havia casas mais deterioradas na vizinhança) ou, muitas vezes, as habitações pertenciam aos industriais e estes apenas empregavam aqueles que aceitassem residir nelas.

⁷² So they put on their hats and set out. On the way Wilson said Davenport was a good fellow, though too much of the Methodee; that his children were too young to work, but not too young to be cold and hungry; that they had sunk lower and lower, and pawned thing after thing, and that they now lived in a cellar in Berry Street, off Store Street. Barton growled inarticulate words of no benevolent import to a large class of mankind, and so they went along till they arrived in Berry Street. It was unpaved; and down the middle a gutter forced its way, every now and then forming pools in the holes with which the street abounded. Never was the old Edinburgh cry of *Gardez l'eau!* more necessary than in this street. As they passed, women from their doors tossed household slops of EVERY description into the gutter; they ran into the next pool, which overflowed and stagnated. Heaps of ashes were the stepping-stones, on which the passer-by, who cared in the least for cleanliness, took care not to put his foot. Our friends were not dainty, but even they picked their way, till they got to some steps leading down to a small area, where a person standing would have his head about one foot below the level of the street, and might at the same time, without the least motion of his body, touch the window of the cellar and the damp muddy wall right opposite. You went down one step even from the foul area into the cellar in which a family of human beings lived. (GASKELL, s.a. p.34)

Gaskell, de sua perspectiva, descreve a rua Berry, na qual os habitantes sobreviviam em ambientes repletos de detritos, pois não havia saneamento tampouco limpeza pública. Dessa forma, valemo-nos das caracterizações da autora e apoiamo-nos nas discussões filosóficas de Engels (2008): “Em síntese, nas moradias de Manchester não há limpeza nem conforto e, portanto, não há vida familiar possível; só podem sentir-se à vontade nessas habitações indivíduos desumanizados, degradados, fisicamente doentios e intelectualmente reduzidos à bestialidade.” (ENGELS, 2008, p.105).

Do mesmo modo que Engels, de um prisma historiográfico, Thompson (1991) destaca que os bens conquistados pelos tecelões na “idade de ouro”, nos momentos em que a indústria inglesa estava no auge, desapareceram das casas dos trabalhadores e corrobora essa afirmação com uma declaração de uma testemunha de Bolton:

Pelo que me recordo, quase todos os tecelões que conheci tinham uma cômoda em suas casas, assim como um relógio e cadeiras, estrados e candelabros, e até mesmo quadros e artigos de luxo. Agora, tudo isto desapareceu, passando para a casa dos mecânicos ou de pessoas de classes mais altas. (THOMPSON, 1991, p. 143)

O historiador ainda continua com o depoimento do fabricante que enfatiza que os tecelões não tinham mais poder de compra, uma vez que, segundo ele:

[...] não era capaz de se lembrar de “um único dos meus tecelões que tenha comprado uma jaqueta nova, em muitos anos”. Uma colcha grosseira, custando 2 xelins e 6 penies, quando nova, servia de cobertor. “Tenho visto muitas casas com apenas duas ou três banquetas de três pés, e outras sem bancos ou cadeiras, apenas com um caixote de chá que servia tanto para guardar as roupas quanto para se sentar.” (THOMPSON, 1991, p.143)

No que dizia respeito à alimentação do tecelão tanto Thompson (1991) quanto Engels (2008) possuem narrativas semelhantes. Eles destacam que havia apenas farinha de aveia, batatas, caldo temperado com cebola, leite, melado e cerveja caseira. O chá, o café e o bacon eram artigos de luxo, segundo o historiador. Richard Oastler, em um depoimento, destaca que muitos dos operários não podiam se alimentar de carne fresca antes do final do ano. Para que isso acontecesse antes desse período, muitos levavam seus filhos aos centros, para que mendigassem alimento e, assim, retornavam com um pedaço de carne. Em *Mary Barton*, vemos a representação dessa fome e dessa escassez descrita por Thompson (1991), no momento em que Barton busca ajuda para seu filho, que está morrendo doente. No entanto, para saciar as necessidades do filho, o pobre operário desfaz-se de suas necessidades básicas e suporta a fome:

O próprio Barton estava com fome, tanta fome que quase chegara a um estado de selvageria animal; mas com a dor física esquecida diante da ansiedade pelo

pobre filho doente, postou-se diante da vitrine de uma loja onde todos os artigos alimentícios de luxo são exibidos; filés de cervo, queijos de Stilton, montanhas de geleia – uma visão de abrir o apetite de qualquer transeunte. (GASKELL, MB, 2017, p.34)⁷³

Os piores cenários eram encontrados em Leeds e Manchester, principalmente porque havia imigrantes sobrevivendo do trabalho nos teares manuais. A situação dos imigrantes irlandeses também é descrita em *Norte e Sul*: a protagonista depara-se com os irlandeses na mansão de Sr. Thornton, o patrão. Esse acontecimento se deve à necessidade de mão de obra, uma vez que os operários ingleses estavam dispostos a dar continuidade à greve e nenhuma negociação havia sido aceita pelo sindicato dos trabalhadores, e os imigrantes irlandeses aceitavam os baixos salários oferecidos sem questionamento algum:

[...] talvez a senhorita saiba que meu irmão importou mão de obra da Irlanda, e isso tem irritado excessivamente o povo de Milton – como se ele não tivesse o direito de conseguir trabalho onde ele quisesse. E os estúpidos desgraçados daqui não trabalhariam para ele; e agora eles têm assustado tanto esses pobres irlandeses famintos, com as ameaças deles, que não ousamos deixar que eles saiam. A senhorita pode vê-los amontoados naquela sala superior da fábrica. (GASKELL, 2015, N&S, p.175)⁷⁴

De acordo com Thompson (1991), os anos que sucederam 1830 a 1850 foram de grandes catástrofes, uma vez que houve um intenso fluxo de imigrantes irlandeses, a ascensão fatal do tear mecânico e a nova Lei dos Pobres. Em sua concepção, tal lei era restritiva e punitiva, uma vez que objetivava conter a população que crescia nos centros urbanos, isto é, tratava-se de um controle hegemônico, pois havia submissão dos pobres aos trabalhos mais degradantes da época. Segundo Thompson (1991), esse cenário caótico coexistia com a luta dos cartistas.

Além dos tecelões dos grandes centros, havia as comunidades têxteis de Yorkshire e Lancashire, nas quais ocorria um amálgama entre orgulho local, tradições populares, conservação de dialetos e, segundo Thompson (1991), conservadorismo social. De acordo com o historiador, essas comunidades apresentavam atraso por essa fidelidade aos costumes

⁷³ Hungry himself, almost to an animal pitch of ravenousness, but with the bodily pain swallowed up in anxiety for his little sinking lad, he stood at one of the shop windows where all edible luxuries are displayed; haunches of venison, Stilton cheeses, moulds of jelly—all appetising sights to the common passer-by. And out of this shop came Mrs. Hunter! She crossed to her carriage, followed by the shopman loaded with purchases for a party. The door was quickly slammed to, and she drove away; and Barton returned home with a bitter spirit of wrath in his heart to see his only boy a corpse! (GASKELL, s.a., p.14)

⁷⁴ Perhaps you know my brother has imported hands from Ireland, and it has irritated the Milton people excessively – as if he hadn't a right to get labour where he could; and the stupid wretches here wouldn't work for him; and now they 've frightened these poor Irish starvelings so with their threats, that we daren't let them out. You may see them huddled in that top room in the mill – and they 're to sleep there, to keep them safe from those brutes, who will neither work nor let them work. (GASKELL, 2012, p.536)

regionais e a noções avessas ao progresso que se avizinhava. No entanto, o historiador destaca que entre esses tecelões desenvolveu-se o autodidatismo e evidente conhecimento: “Todos os distritos têxteis possuíam tecelões – poetas, biólogos, matemáticos, músicos, geólogos e botânicos; o velho tecelão que aparece em *Mary Barton* foi certamente inspirado na vida real.” (THOMPSON, 1991, p. 147). O autor refere-se ao personagem Job Legh, um ancião com considerável conhecimento sobre questões da Biologia:

Ao investigar um pouco mais o caso, Sir J.E. Smith [botânico britânico] descobriu que tanto o carregador de bagagem quanto seu amigo tecelão eram habilidosos botânicos que souberam lhe dar precisamente a informação que procurava. Esses são os gostos e passatempos de alguns desses estudiosos e pouco compreendidos operários de Manchester. E o avô de Margaret era um deles (GASKELL, MB, 2017, p.52).⁷⁵

Tendo em vista os ambientes degradantes, as doenças e pestes eram uma constante. Ao longo do século XIX, a Inglaterra sofreu duramente com a escarlatina e a febre tifóide, enfermidade que ceifou a vida do Príncipe consorte Albert Coburg: “Essa febre tem as mesmas características em todas as partes, evoluindo especificamente, em quase todos os casos, para o tifo, que está presente nos bairros operários de todas as grandes cidades [...] é nos piores bairros que o tifo se espalha, mas faz suas vítimas também em bairros favorecidos” (ENGELS, 2008, p.139). A insalubridade das casas e a falta de recursos da medicina eram pontos-chave para a rápida infecção dos habitantes.

Segundo relatório médico analisado por Engels, a causa da febre tifoide era atribuída às privações e às condições miseráveis dos pobres: “A febre, terrível como um demônio, não podia ser enfrentada com impunidade e desapontada em sua busca por vítimas. (GASKELL, 2017, p.90)”. Engels, de maneira análoga a Gaskell, ainda cita que a propagação da doença poderia ser pior, uma vez que havia um amontoamento de casas e da quantidade excessiva de pessoas vivendo sob o mesmo teto:

A “febre” era, como em geral ocorre em Manchester, uma febre baixa e pútrida, como a febre tifoide; um resultado das condições de vida miseráveis, da vizinhança imunda e de uma enorme depressão mental e física. É virulenta, maligna e altamente contagiosa. Mas os pobres são fatalistas em relação à infecção; e que bom que seja assim, pois em suas pequenas moradias nenhum inválido pode ser isolado dos demais. (GASKELL, MB, 2017, p.76)⁷⁶

⁷⁵ [...] on further investigation, it turned out that both the porter and his friend the weaver were skilful botanists, and able to give Sir J. E. Smith the very information which he wanted. Such are the tastes and pursuits of some of the thoughtful, little understood, working-men of Manchester. And Margaret's grandfather was one of these. (GASKELL, s.a., p.22)

⁷⁶ . "The fever" was (as it usually is in Manchester) of a low, putrid, typhoid kind; brought on by miserable living, filthy neighbourhood, and great depression of mind and body. It is virulent, malignant, and highly infectious. But the poor are fatalists with regard to infection! and well for them it is so, for in their crowded dwellings no invalid can be isolated. (GASKELL, s.d., p. 35)

Além da febre tifóide, havia a escarlatina, doença contagiosa que assolava as crianças dos bairros operários. Há um trecho em *Mary Barton* em que Gaskell descreve o desespero de John Barton diante da morte iminente do filho mais novo, pois uma vez infectado pela doença, os operários apenas esperavam pelo óbito, dadas as precárias condições financeiras e sanitárias:

Foi nessa época que seu filhinho, a paixão da sua vida, o foco de toda a força de seu amor, caiu doente com escarlatina. Eles conseguiram ajudá-lo a passar pela pior fase da doença, mas sua vida ficou um fio de gaze. De acordo com o médico, tudo dependia de boa alimentação, de vida larga para manter a força do menininho, na prostração em que a febre o deixara. Palavras de escárnio, pois foram ditas quando os alimentos mais comuns na casa não eram suficientes nem para uma parca refeição. (GASKELL, MB, 2017, p.34)⁷⁷

De acordo com Engels (2008), as estatísticas de mortalidade infantil nos bairros mais pobres alcançaram níveis altíssimos:

O delicado organismo de uma criança é o que oferece a menor resistência aos efeitos deletérios de um modo de vida miserável; o abandono a que frequentemente se vê exposta quando os pais trabalham, ou quando um deles morre, logo faz sentir seu impacto - e, portanto, não pode ser razão de espanto, por exemplo, em Manchester, conforme um relatório, mais de 57% dos filhos dos operários morrem antes de completar 5 anos. (ENGELS, 2015, p.147)

O mesmo artigo médico citado pelo autor evidencia que as epidemias são muito mais letais em cidades como Manchester e Liverpool do que em áreas rurais ou mais abastadas. As mortes ocasionadas pela escarlatina, por exemplo, eram quatro vezes mais frequentes na cidade do que no campo. Além do cenário infantil, o tempo de vida dos adultos não era animador. Em lugares como Liverpool, que apresentavam condições parecidas com as de Manchester, a duração média de vida de um homem adulto era de 22 anos para os artesãos abastados, de 35 anos para homens ricos e de 15 para os operários que começavam a jornada de trabalho ainda na tenra idade.

A fumaça das fábricas e a insalubridade dentro delas também foi uma das causas da morte de centenas de cidadãos, pois o horário desregrado de trabalho, a falta de alimentação adequada, as vestimentas inapropriadas e a constituição física dos operários favoreciam o surgimento de doenças pulmonares, como a tuberculose:

O artigo do *Artizan* afirma muito corretamente que as doenças pulmonares são a consequência inevitável dessa condição habitacional e, por isso, são particularmente frequentes entre os operários. A aparência de tísicos de tantas pessoas que se encontram pelas ruas é claro indicativo de que a péssima

⁷⁷ It was during this time that his little son, the apple of his eye, the cynosure of all his strong power of love, fell ill of the scarlet fever. They dragged him through the crisis, but his life hung on a gossamer thread. Everything, the doctor said, depended on good nourishment, on generous living, to keep up the little fellow's strength, in the prostration in which the fever had left him. Mocking words! when the commonest food in the house would not furnish one little meal. (GASKELL, s.a., p.14)

atmosfera de Londres, em especial nos bairros operários, favorece ao extremo o desenvolvimento da tuberculose. (ENGELS, 2008, p.138)

A doença pulmonar foi uma das temáticas em *Norte e Sul*. Gaskell descreveu o sofrimento por meio de uma das personagens femininas da trama, Bessy Higgins, que contrai uma doença pulmonar pelos anos de demasiado trabalho inalando fiapos de algodão e fumaça das fábricas: “Bessy! Você está com muita febre! Consigo saber pelo toque de sua mão... (GASKELL, N&S, 2015, p.154)⁷⁸. Margaret Hale percebe os sintomas que acometiam a amiga e tenta amenizá-los: [...] Margaret levantou-se, pegou um pouco de água e, enchando seu lenço de bolso nela, deitou a fria umidade na testa de Bessy, e começou a friccionar os pés frios como pedra” (GASKELL, N&S, 2015, p.154).⁷⁹

Com os altos preços dos alimentos, com a propagação desenfreada das doenças e as crises se tornavam cíclicas: “O curso é sempre o mesmo: prosperidade, crise, prosperidade, crise um ciclo eterno no qual se move, como dissemos, a indústria inglesa a cada cinco ou seis anos” (ENGELS, 2008, p.125). Em outras palavras, Engels mostra que o século XIX vivia períodos de intensa prosperidade e graves perdas. Os operários encontravam refúgio no gim⁸⁰, que era consideravelmente mais barato do que os alimentos. Desse modo, Engels (2008) discute a relação dos vícios com a degradação moral vivida pelos cidadãos.

Gaskell e Engels apresentam esse outro ponto comum. O filósofo e a escritora citam a deficiência do ensino formal e até mesmo religioso como propulsores da decadência daquela sociedade. Conseqüentemente, o teórico constata que os meios de instrução eram extremamente limitados:

As poucas escolas que funcionam durante a semana para os trabalhadores só podem ser frequentadas por uma pequena minoria e, além do mais, são péssimas: grande parte dos professores (operários que já não podem trabalhar e pessoas ineptas, que só se dedicam ao ensino para sobreviver) não possui os mais rudimentares conhecimentos, não dispõe da formação necessária para sobreviver) não possui os mais rudimentares conhecimentos, não dispõe da formação moral necessária ao educador e, ademais, as escolas não estão sujeitas a qualquer controle público. (ENGELS, 2008, p.150)

As crianças operárias eram impedidas de frequentar as escolas normais e os professores, por sua vez, eram despreparados para os cargos ocupados. Assim, para suprir a necessidade de

⁷⁸ ‘Bessy! you’re very feverish! I can tell it in the touch of your hand, as well as in what you’re saying. It won’t be division enough, in that awful day, that some of us have been beggars here, and some of us have been rich,— we shall not be judged by that poor accident, but by our faithful following of Christ.’ (GASKELL, 2012, p. 517)

⁷⁹ Margaret got up, and found some water and soaking her pocket-handkerchief in it, she laid the cool wetness on Bessy’s forehead, and began to chafe the stone-cold feet. (GASKELL, 2012, p. 517)

⁸⁰ A história do gim é repleta de pormenores, uma vez que a bebida era um problema de saúde pública, por conta do alcoolismo, e uma espécie de “remédio” para os mais pobres, pois servia de medicamento para o estômago. Salvas as devidas proporções, o percurso dessa bebida é marcado por inúmeros conflitos de muitas ordens.

formação dos trabalhadores, a Igreja Anglicana criou as escolas nacionais. No entanto, essas instituições eram igualmente deficitárias em relação às escolas normais, pois objetivavam o ensino dogmático:

O relatório da *Children's Employment Commission* [Comissão de emprego de crianças] esclarece: aquele que conhece o alfabeto afirma saber ler. O industrial contenta-se com isso. E se pensarmos na complexidade da ortografia inglesa, que transforma a leitura numa verdadeira arte, cuja prática demanda um longo estudo, então consideramos compreensível a ignorância reinante entre os operários: poucos deles sabem escrever - aliás, muitas "pessoas instruídas" não escrevem corretamente. Não se ensina a escrever nas escolas dominicais da Igreja anglicana e dos *quakers* (e, creio, em várias outras seitas) "porque essa é uma ocupação muito profana para o domingo". (ENGELS, 2008, p.151)

Os homens de negócios e os próprios operários não viam a necessidade dos conhecimentos adquiridos, a arte, o saber sobre o universo e as questões filosóficas e políticas não eram importantes. Tendo isso em vista, Gaskell representa, em *Norte e Sul*, os ideais do patronato, pela fala de Thornton, no que se referia às escolas: "Clássicos podem ser muito bons para homens que desperdiçam suas vidas no interior ou em universidades; mas os homens de Milton devem ter seus pensamentos e poderes absorvidos no trabalho de hoje. Pelo menos, essa é a minha opinião" (GASKELL, N&S, 2015, p.116).⁸¹ Vemos que o conhecimento não era interessante ao patronato, já que pessoas ignorantes são mais fáceis de manipular.

Assim, em tom de denúncia, a heroína Margaret Hale descreve o que apreende do discurso de Thornton (o patrão). As reprimendas de Margaret Hale ocorrem quando debate com John e explana a situação degradante dos amigos operários. Assim, Margaret chega à conclusão de que a força de trabalho é apenas o que importa para os homens de negócios: "[Ele - o patrão] fala como se os mesmos quisessem que seus operários fossem meramente iguais a uma criança, grande e forte - vivendo apenas o momento presente - com uma obediência cega e irracional." (GASKELL, N&S, 2015, p.121)⁸²

Para corroborar à ideia de que apenas a força de trabalho importava aos patrões, expomos o trecho a seguir. Ele destaca a parca valorização no crescimento intelectual dos

⁸¹ I have no doubt the classics are very desirable for people who have leisure. But, I confess, it was against my judgment that my son renewed his study of them. The time and place in which he lives, seem to me to require all his energy and attention. Classics may do very well for men who loiter away their lives in the country or in colleges; but Milton men ought to have their thoughts and powers absorbed in the work of today. At least, that is my opinion. This last clause she gave out with 'the pride that apes humility. (GASKELL, 2012, p.484)

⁸² I hardly know what that is. But he - that is, my informant - spoke as if the masters would like their hands to be merely tall, large children - living in the present moment - with a blind unreasoning kind of obedience. (GASKELL, 2012, p.490)

homens, uma vez que o ato mecânico exigido pelas fábricas têxteis não implicava conhecimentos teóricos:

Isso é verdade, – eu havia tropeçado nele na escola; ousou dizer, que o meu conhecimento das línguas clássicas era considerável naqueles dias, embora meu Latim e Grego já tenham saído da minha memória desde então. Mas eu lhe pergunto, que preparação esse conhecimento me deu para a vida que eu levo hoje? Nenhuma. Absolutamente nenhuma de modo algum. No ponto de vista da educação, qualquer homem que possa ler e escrever está no mesmo nível que eu, quanto aos conhecimentos realmente úteis que tive àquela época. (GASKELL, N&S, 2015, p.85)⁸³

As duas descrições de Gaskell sobre a educação dos operários também vão ao encontro da análise de Engels. O filósofo destaca que, embora os operários não sejam plenamente cultos, alguns sabiam como sobreviver com experiências e o conhecimento pragmático desenvolvidos dentro das fábricas:

A necessidade leva o homem a inventar e, mais importante, a pensar e a agir. O operário inglês, que lê mal e escreve pior, sabe bem, no entanto, quais são seus interesses e os interesses nacionais, sabe quais são os interesses particulares da burguesia e o que tem a esperar dela. Se não sabe escrever, sabe falar, e falar em público; se não conhece operações aritméticas, sabe o bastante de noções econômicas para refutar e desmascarar um burguês que defende a abolição das leis sobre os cereais; e se, para ele, apesar dos esforços dos clérigos, as questões celestiais permanecem obscuras, estão esclarecidas as questões práticas dos problemas terrenos, políticos e sociais. (ENGELS, 2008, p.153)

Fatalmente, a falta de instrução e de conduta levavam esses homens a todo tipo de comportamento: à rudeza nos atos, à selvageria no enfrentamento das dificuldades, aos posicionamentos impensados. Em *Norte e Sul*, há a descrição das maneiras dos cidadãos de Milton, cidade fictícia:

Os operários vinham apressados, com ousados, destemidos rostos, e altos risos e galhofas, particularmente dirigidos àqueles que parecessem estar acima deles em nível e posição social. Os tons de suas incontidas vozes, e seus descuidos com todas as regras comuns de polidez, assustaram Margaret de início. (GASKELL, N&S, 2015, p.72)⁸⁴

Engels (2008) salienta que a falta de atenção ao trabalhador é um dos principais motivos da rudeza e da grosseria nas quais esse cidadão era forjado: “A classe dominante descarta e despreza os trabalhadores não apenas física e intelectualmente, mas também moralmente. A

⁸³ He had blundered along it at school; I dare say, I was even considered a pretty fair classic in those days, though my Latin and Greek have slipped away from me since. But I ask you, what preparation they were for such a life as I had to lead? None at all. Utterly none at all. On the point of education, any man who can read and write starts fair with me in the amount of really useful knowledge that I had at that time. (GASKELL, 2012, p. 458)

⁸⁴ They came rushing along, with bold, fearless faces, and loud laughs and jests, particularly aimed at all those who appeared to be above them in rank or station. The tones of their unrestrained voices, and their carelessness of all common rules of street politeness, frightened Margaret a little at first. (GASKELL, 2012, 445)

única atenção que dedica aos trabalhadores consubstancia-se na lei, que os controla de modo a que não se aproximem muito dela” (ENGELS, 2008, p.154). Desse modo, se não há entendimento ou diálogo entre as classes, o que resta ao trabalhador é sua força e sua rebeldia contra a classe dominante. O operário também subjuga-se a cometer crimes na ânsia de livrar-se das dificuldades:

A educação moral, que não é oferecida aos operários nas escolas, não lhes é propiciada em nenhum outro momento de sua vida - nem mesmo aquela educação moral que, aos olhos da burguesia, tem algum valor. A posição social e o meio ambiente do operário incitam-no fortemente à imoralidade. Ele é pobre, sua vida não tem atrativos, quase todos os prazeres lhe são negados, os rigores da lei para ele não são nada de terrível... (ENGELS, 2008, p.154)

O abandono dos padrões com relação aos empregados, muitas vezes, não era vista como total irresponsabilidade humana, mas como uma forma de, supostamente, manter a independência dos operários, o que é criticado por Engels:

Sob as relações patriarcais que ocultavam hipocritamente a escravidão do operário, este permanecia apenas como simples indivíduo, morto de espírito, ignorando por completo seus próprios interesses. Somente quando se afastou do patrão e tornou-se estranho a ele, quando pôde perceber que os únicos laços que os uniam eram os do interesse privado, do lucro, quando a cordialidade aparente, que não resiste à mínima prova, foi dissolvida, somente então o operário começou a compreender sua posição e seus interesses e a desenvolver-se de modo independente; só então deixou de ser escravo da burguesia em seus pensamentos, em seus sentimentos e na manifestação de sua vontade. (ENGELS, 2008, p.161)

Gaskell, do seu lado, representa o discurso dos padrões por meio de John Thornton, um dos mestres das fábricas de tecelagem. Observamos que a fala do personagem o exime das reais incumbências de um líder, pois o discurso da autonomia, empregado por ele, não é totalmente honesto, já que exime os padrões dos deveres, sobretudo humanos, com aqueles que fornecem sua força de trabalho, ou seja, tira as responsabilidades salutares das mãos dos empregadores, para, assim, as adversidades e as consequências dela não chegarem a eles:

E eu digo que os padrões estão abrindo caminho para a independência dos seus empregados de uma maneira que eu, pelo menos, não deveria sentir-me justificado por fazer, se nós interferíssemos muito com a vida que eles levam fora das fábricas. Só porque eles trabalham dez horas por dia para nós, não vejo que temos qualquer direito de impor orientação e um controle sobre aquilo que eles fazem do resto de seu tempo (GASKELL, 2015, p.123).⁸⁵

⁸⁵ And I say, that the masters would be trenching on the independence of their hands, in a way that I, for one, should not feel justified in doing, if we interfered too much with the life they lead out of the mills. Because they labour ten hours a-day for us, I do not see that we have any right to impose leading-strings upon them for the rest of their time. (GASKELL, 2012, p.491)

Em contrapartida, a escritora também expõe o discurso dos reformadores sociais, que acreditavam que os patrões deveriam se comprometer verdadeiramente com aqueles que eram os reais propulsores de seus negócios: “os deveres de um industrial são muito maiores e mais amplos que aqueles meramente de um empregado: temos um amplo caráter comercial para manter, que nos transforma nos grandes pioneiros da civilização” (GASKELL, 2015, p.125).⁸⁶ Outro fator presente nesse abandono era a união dos operários, desamparados pelo Estado e pelos empregadores. Eles tinham uns aos outros, mesmo na miséria. Dessa maneira, por conhecerem as suas dores, as suas dificuldades, se compadecem verdadeiramente e buscam a ajuda mútua:

Experimentando pessoalmente uma vida penosa, são capazes de sentir compaixão pelos que têm dificuldades. Para os operários, qualquer homem é um ser humano; para os burgueses, o operário é menos que um homem. Por isso, os operários são mais sociáveis, mais amáveis; para eles, o dinheiro vale unicamente pelo que permite comprar, ao passo que, para o burguês, o dinheiro possui um valor particular, intrínseco, o valor de um deus, o que transforma o burguês num vulgar e sórdido “homem do dinheiro” (ENGELS, 2008, p.163).

Com o enfrentamento das agruras dos operários, havia as válvulas de escape do regime das fábricas. Elencamos, sobretudo, o suicídio e a prostituição, além do alcoolismo desenfreado: “No fim das contas, todos os defeitos dos operários se reduzem à busca desenfreada do prazer, à falta de precaução e previdência, à recusa em se submeter à ordem social e, de um modo mais geral, à incapacidade de sacrificar a satisfação do momento por uma vantagem mais distante” (ENGELS, 2008, p. 166). A busca por prazer era uma constante em meio a tantas dores.

O operariado procurava escapar ao desespero com a revolta exterior (brutalidade com a burguesia) ou com a revolta interior (a deterioração individual):

[...] havia dois grupos de operários para operá-las [as máquinas] continuamente: um grupo trabalhava doze horas ao dia e outro, doze horas à noite. Não é difícil imaginar as consequências dessa permanente supressão do repouso noturno, que nenhum sono diurno pode substituir, sobre o estado físico das crianças, e mesmo dos jovens e dos adultos - dela resultou, inevitavelmente, uma superexcitação nervosa e um esgotamento do corpo, que se acresceram ao enfraquecimento físico preexistente. Ademais, ela aumentou o estímulo ao alcoolismo e ao desregramento sexual. (ENGELS, 2008, p.189)

⁸⁶ [...] the duties of a manufacturer are far larger and wider than those merely of an employer of labour: we have a wide commercial character to maintain, which makes us into the great pioneers of civilisation. (GASKELL, 2012, p. 493)

No trecho de *Norte e Sul*, há a representação do álcool como veículo de evasão, pois o gim era mais barato do que todos os outros gêneros alimentícios: “E o pai – todos os homens – sente isso com mais força que eu. Eles ficam cansados da mesmice, e de trabalhar para sempre. E o que há para eles fazerem? Não se deve culpá-los se vão à loja de gim para fazer o sangue correr mais rápido e mais vivazmente.” (GASKELL, N&S, 2015, p.140).⁸⁷ Vemos que o álcool ajudava o operário a suportar os dias e davam energia para continuar o trabalho. Além disso, o gim permitia que os operários esquecessem sua situação de miséria, ou seja, era uma droga poderosa e barata – o maior e melhor entorpecente do século XIX: [...] “o tabaco e o álcool enfraqueciam as dores da fome e ajudavam a esquecer o lar miserável e o futuro desolador.” (GASKELL, MB, 2017, p. 219)

Enquanto alguns bebiam, outros operários optavam por medidas mais trágicas: o suicídio, pois a morte era o último recurso: “Sem dúvida, há entre os operários muitos indivíduos suficientemente moralistas para, mesmo na extrema privação, não roubar. Esses morrem de fome ou se suicidam” (ENGELS, 2008, p.155). Em *Norte e Sul*, há um trecho significativo que descreve a morte de um dos personagens, Boucher, que, em um momento de desespero genuíno, afoga-se em um riacho raso. A descrição do riacho e o fato de ele ser de pequena extensão reitera ainda mais o desalento do personagem:

Seis homens caminhavam no meio da estrada, três deles policiais. Eles carregavam nos ombros uma porta, tirada de suas dobradiças, sobre a qual deitava alguma criatura humana morta; e de cada lado da porta havia constantes gotejares. Toda a rua saiu para ver, e, vendo, acompanhava a procissão, cada um questionando os carregadores, que, afinal, respondiam quase relutantemente, tão frequentemente haviam contado a mesma história. (GASKELL, N&S, 2015, p.289).⁸⁸

Diante desse cenário, havia muita resistência figurada pela luta de classes e pelas greves, principalmente. Engels (2008) salienta que a enorme frequência de greves demonstra que havia uma guerra social na Inglaterra, uma vez que as paralisações aconteciam diariamente. As greves, segundo Engels (2008), eram como escolas de guerra, porque incentivavam a bravura e a coragem dos operários. Dessas rebeliões derivou-se o Cartismo (representado por Gaskell em John Barton): “John Barton se tornou um cartista, um comunista, tudo aquilo que em geral chamam de louco e de visionário. Ah, mas ser visionário é alguma coisa! É um sinal

⁸⁷ And father—all men—have it stronger in ‘em than me to get tired o’ sameness and work for ever. And what is ‘em to do? It’s little blame to them if they do go into th’ gin-shop for to make their blood flow quicker. (GASKELL, 2012, p.504)

⁸⁸ Six men walked in the middle of the road, three of them being policemen. They carried a door, taken off its hinges, upon their shoulders, on which lay some dead human creature; and from each side of the door there were constant droppings. All the street turned out to see, and, seeing, to accompany the procession, each one questioning the bearers, who answered almost reluctantly at last, so often had they told the tale. (GASKELL, 2012, 638)

de alma, de um ser que é mais do que carne; uma criatura que pensa nos outros, embora não pense em si mesma” (GASKELL, MB, 2017, p.201)⁸⁹. Engels destaca que o Cartismo era a verdadeira oposição à burguesia, a resistência política à subordinação vivenciada nas fábricas:

O cartismo é a forma condensada da oposição à burguesia. Nas associações e nas greves, a oposição mantinha-se insulada, eram operários ou grupos de operários isolados a combater burgueses isolados, nos poucos casos em que a luta se generalizava, na base dessa generalização estava o cartismo – neste, é toda a classe operária que se insurge contra a burguesia e que ataca, em primeiro lugar, seu poder político, a muralha legal com que ela se protege. (ENGELS, 2008, p.262)

Para tanto, no desfecho das tramas e na resolução de problemas, Gaskell, tanto em *Norte e Sul* quanto em *Mary Barton*, emprega a união trabalhista e o diálogo entre patronato e operariado. O diálogo entre as classes se dá, sobretudo, pelas noções cristãs de que todos são irmãos e devem se perdoar, acima de tudo. Antes, porém, há a representação da luta de classes, a força da quantidade dos trabalhadores e do interesse comum são as propulsoras da revolta.

Desse modo, no trecho a seguir, vemos o despontar da greve em *Norte e Sul* e a ação resoluta dos trabalhadores, que se baseia, sobretudo, na união dos oprimidos contra os opressores. Isso porque, segundo os líderes sindicais, não havia outra força propulsora, além da quantidade de homens lutando em conjunto para a sua causa, uma vez que eles não possuíam nenhum poder aquisitivo, mas apenas uns aos outros, e estavam relegados à margem da sociedade inglesa:

Naqueles dias de dolorida opressão, os Sindicatos começaram, foi uma necessidade. É uma necessidade agora, de acordo comigo. É uma resistência à injustiça passada, presente ou futura. Pode ser como a guerra, junto com ela vem crimes. Mas eu penso que é um crime maior deixar isso como está. **Nossa única chance é juntar homens com um interesse comum;** e se alguns são covardes e alguns são tolos, eles devem vir e se juntar à grande marcha, **cuja única força está em números.** (GASKELL, N&S, 2015, p.232, grifos nossos.)⁹⁰

Ao encontro das análises feitas anteriormente, destacamos ainda as observações de D.H. Lawrence⁹¹, escritor inglês, que queixava-se dos efeitos devastadores da industrialização, principalmente no que se referia às sensibilidades e à imaginação, já que os operários eram

⁸⁹ John Barton became a Chartist, a Communist, all that is commonly called wild and visionary. Ay! but being visionary is something. It shows a soul, a being not altogether sensual; a creature who looks forward for others, if not for himself. (GASKELL, s.a., p.101)

⁹⁰ In those days of sore oppression th' Unions began; it were a necessity. It's a necessity now, according to me. It's a withstanding of injustice, past, present, or to come. It may be like war; along wi' it come crimes; but I think it were a greater crime to let it alone. Our only chance is binding men together in one common interest; and if some are cowards and some are fools, they mun come along and join the great march, whose only strength is in numbers.' (GASKELL, 2012, p.586)

⁹¹ D.H. Lawrence foi um escritor inglês.

tratados como máquinas e as rotinas estafantes do trabalho não deixavam o tempo necessário para o ócio. Tanto Smiles⁹² quanto D.H. Lawrence sentiam que a indústria não desordenava somente as relações humanas, mas também deteriorava os ambientes fabris.

Nas palavras de Tocqueville de Manchester (s.d.) apud Briggs (1983), a civilização fazia milagres (referindo-se às grandes inovações) e o homem civilizado era transformado em um selvagem: “A partir desse dreno, o maior fluxo da indústria humana flui para fertilizar o mundo inteiro. Deste esgoto imundo corre o ouro puro. Aqui [cidades industriais, como Manchester] atinge o seu desenvolvimento mais completo e brutal”⁹³ (BRIGGS, 1983, p.191).

Os movimentos de resistência foram formados pelos operários. Algumas das organizações operárias dedicavam-se à reforma, enquanto outras intentavam à revolução. Elizabeth Gaskell, nas duas narrativas em questão, preconizava as reformas da situação trabalhista e das relações entre patronato e operariado. Algo que fica claro no seguinte trecho, no qual uma das anciãs da narrativa se revolta contra as arbitrariedades vividas no trabalho e, em tom de denúncia, destaca, na figura de Albert, que o poder político mostrava-se apático e estático diante da situação operária:

Pois eu acho que deviam era perguntar ao príncipe Albert se ele ia gostar de não encontrar a esposa em casa quando chegasse cansado, precisando de alguém para lhe alegrar; e depois ela chega, tão cansada e chateada quanto ele; e o que ia achar se ela nunca tivesse tempo de limpar a casa ou fazer um bom fogo na lareira. Para não falar que só ia comer coisa malfeita e ruim. Aposto que, mesmo sendo príncipe, se a mulher dele fosse assim, ia parar num botequim ou em algum lugar do tipo. (GASKELL, MB, 2017, p. 144)⁹⁴

Briggs (1983) sublinha que as necessidades da classe emergente foram preponderantes durante o período cartista, especialmente em 1842, o qual foi considerado um ano das mais difíceis crises, com colheitas ruins e desemprego. Segundo o historiador, 1842 compunha o quarto ano de colheitas pouco satisfatórias e de árduo desemprego, o qual foi “cantado” pelo poeta Thomas Hood (1799-1845), em “The song of the Shirt”: “pão era caro e carne e sangue

⁹² Smiles foi um escritor e reformador social inglês.

⁹³ From this foul drain the greatest stream of human industry flows out to fertilize the whole world. From this filthy sewer pure gold flows. Here humanity attains its most complete development and its most brutish. (BRIGGS, 1983, p.191)

⁹⁴ I say it's Prince Albert as ought to be asked how he'd like his missis to be from home when he comes in, tired and worn, and wanting some one to cheer him; and maybe, her to come in by-and-bye, just as tired and down in th' mouth; and how he'd like for her never to be at home to see to th' cleaning of his house, or to keep a bright fire in his grate. Let alone his meals being all hugger-mugger and comfortless. I'd be bound, prince as he is, if his missis served him so, he'd be off to a gin-palace, or summut o' that kind. So why can't he make a law again poor folks' wives working in factories? (GASKELL, s.a., p.71)

eram baratos”⁹⁵. Embora as condições desumanas tenham feito movimentos de resistência insurgirem, Jaccard (1974) sublinha que não foi apenas a miséria que deu origem à luta dos operários:

Estes [os movimentos] desenvolveram-se de maneira contínua através de diversos períodos de crise e prosperidade. No seu ponto de partida, existe sobretudo uma reivindicação de ordem psicológica e moral. Todas as revoluções e guerras deste último século tiveram um carácter ideológico cada vez mais acentuado: não foram, muitas das vezes, mais do que a explosão de profundos sentimentos de injustiça e de inferioridade muito tempo recalcados. Neste aspecto, os antigos preconceitos sobre o trabalho manual não seriam exagerados. Foi o orgulho do aristocrata, depois o do burguês, mais ainda que a avidez ou o egoísmo deles, o que engendrou a luta de classes, despertando a cólera e o ressentimento das massas populares. (JACCARD, 1974, p. 261-2)

O historiador, no trecho anterior, enumera as mais variadas insatisfações dos trabalhadores – um contínuo que atravessava os poderes e as lideranças e que, conseqüentemente, tomou proporções políticas. Jaccard, nesse caso, cita o despontar dos ideais socialistas e comunistas. Nas narrativas de Gaskell, encontramos esses lampejos de insatisfação e a emergência das ideologias políticas, até mesmo para definir os grupos apoiadores dos trabalhadores, como comunistas e socialistas, alcunhas díspares e que não dialogam entre si:

John entrara em algumas associações e se tornara membro ativo do sindicato, mas teria sido muito improvável que uma menina de sua idade (mesmo após dois ou três anos da morte de sua mãe) se importasse muito com as diferenças entre patrões e empregados – um assunto que sempre traz agitação aos distritos manufatureiros e que, embora adormecido durante algum tempo, nunca deixa de despertar com mais violência quando o mercado fica ruim, mostrando que, em meio a uma aparente tranquilidade, as brasas ainda ardam nos corações de alguns homens. (GASKELL, MB, 2017, p. 33)⁹⁶

O personagem John Barton, em *Mary Barton*, como vimos anteriormente, filia-se ao Cartismo e aos ideais socialistas. É possível interpretar, por meio dos princípios cartistas, as intenções de Barton, quando deseja que haja distribuição de renda, uma vez que indigna-se com a disparidade de oportunidades entre aquele que produz e aquele que explora. Essa

⁹⁵ With fingers weary and worn, / With eyelids heavy and red, / A woman sat in unwomanly rags, / Plying her needle and thread— Stitch! stitch! stitch! /In poverty, hunger, and dirt, /And still with a voice of dolorous pitch/She sang the “Song of the Shirt.” (HOOD, 1843).

⁹⁶ Three years of independence of action (since her mother's death such a time had now elapsed) had little inclined her to submit to rules as to hours and associates, to regulate her dress by a mistress's ideas of Mary Barton Mary Barton 12 propriety, to lose the dear feminine privileges of gossiping with a merry neighbour, and working night and day to help one who was sorrowful. (GASKELL, s.d., p.12)

tendência de princípios socialistas é visualizada também em *Norte e Sul*, tanto nos membros da classe operária quanto na própria Margaret Hale: “Ouça essa sua filha, Hale. A residência dela em Milton muito a tem corrompido. Ela é uma democrata, uma vermelha republicana, um membro da Sociedade da Paz, uma socialista.” (GASKELL, N&S, 2015, p.323).⁹⁷

Vemos que as alcunhas que procuram definir as atitudes de Margaret Hale em relação à classe operária não são análogas do ponto de vista teórico. Isso demonstra que apenas um lampejo de defesa da dignidade humana era confundido com espectro político, o que parecia reprovável aos olhos dos homens de negócios. Assim, Margaret Hale questiona os nomes e as ideologias que lhe incutem: “Papai, isso tudo é porque estou me levantando em defesa do progresso do comércio. Sr. Bell queria que ficássemos parados no tempo, ainda fazendo troca de peles de bestas selvagens por castanhas.” (GASKELL, N&S, 2015, p.323).⁹⁸

Jaccard (1974) sublinha um dos meios de resistência que emergiram nesse período: as *trade-unions* [Sindicatos], que foram clandestinamente organizadas por Francis Place e Hume⁹⁹. No ano de 1831, a National Union of Working Class and Others, considerando os ensinamentos bíblicos e a declaração francesa dos Direitos do Homem¹⁰⁰, publicou um plano de reformas sociopolíticas, que, em 1838, foi retomada na carta do Povo¹⁰¹, o qual, de acordo com Karl Marx (s.a), “abriu a estrada da liberdade a todo o universo”. Nesse documento, havia as seguintes reivindicações: sufrágio universal masculino (o direito de todos os homens ao voto); voto secreto por meio da cédula; eleição anual; igualdade entre os direitos eleitorais; participação de representantes da classe operária no parlamento e remuneração parlamentar. Os sindicatos foram um movimento de resistência que culminou, posteriormente, no ano de 1864, na primeira internacional socialista¹⁰², em Londres. Para corroborar os ideais de resistência empregados pelos operários, Thompson (1991) menciona uma declaração de

⁹⁷ Hear this daughter of yours, Hale. Her residence in Milton has quite corrupted her. She’s a democrat, a red republican, a member of the Peace Society, a socialist— (GASKELL, 2012, 669)

⁹⁸ Papa, it’s all because I’m standing up for the progress of commerce. Mr. Bell would have had it keep still at exchanging wild-beast skins for acorns. (GASKELL, 2012, p.669)

⁹⁹ Francis Place e Hume foram políticos e reformadores britânicos.

¹⁰⁰ Segundo os documentos públicos disponíveis em plataforma da USP (Universidade de São Paulo): “Os representantes do povo francês, reunidos em Assembleia Nacional, tendo em vista que a ignorância, o esquecimento ou o desprezo dos direitos do homem são as únicas causas dos males públicos e da corrupção dos Governos, resolveram declarar solenemente os direitos naturais, inalienáveis e sagrados do homem, a fim de que esta declaração, sempre presente em todos os membros do corpo social, lhes lembre permanentemente seus direitos e seus deveres; a fim de que os atos do Poder Legislativo e do Poder Executivo, podendo ser a qualquer momento comparados com a finalidade de toda a instituição política, sejam por isso mais respeitados; a fim de que as reivindicações dos cidadãos, doravante fundadas em princípios simples e incontestáveis, se dirijam sempre à conservação da Constituição e à felicidade geral.” (Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão – 1789)

¹⁰¹ Segundo Thompson (1984), a *carta do povo* despontou na luta por participação política da classe operária.

¹⁰² Em linhas gerais e, de acordo com o dicionário político marxista, a Internacional Socialista conduzia, com o auxílio de Karl Marx, a classe operária de toda Europa e Estados Unidos a se reunirem e a fundarem um partido político para as reivindicações relativas à categoria.

Richard Oastler¹⁰³, o qual denuncia que os trabalhadores são abandonados enquanto o capital e a propriedade são protegidos. Desse modo, Oastler explicitou um depoimento ao Comitê especial, composto pelos partidários da “economia política”, e destacou as diferenças entre as visões alternativas sobre a responsabilidade social:

[Oastler] O número de horas de trabalho deveria ser reduzido, e.... o governo deveria criar uma comissão... escolhida pelos mestres e trabalhadores... para resolver a questão da regulamentação salarial...

P. Você propõe o fim da liberdade de trabalho?

R.[Oastler] Proponho o fim da liberdade de assassinar e de explorar os trabalhadores, além de suas forças. Proponho o fim de tudo o que impede os pobres de levarem uma boa vida, com um trabalho justo e equilibrado. Proponho o fim desta situação, por ser destrutiva à vida humana.

P. Você acredita que essas medidas teriam o efeito desejado?

R. [Oastler] Estou certo de que os efeitos do trabalho livre são a pobreza, o sofrimento e a morte. (THOMPSON, 1991, p.155)

Adiante, encontramos as reivindicações dos tecelões com relação aos teares mecânicos. Tais exigências foram “estopins” para a maioria das greves e dos sindicatos. A imigração irlandesa foi um dos pontos históricos mais importantes retomados pela narrativa de Gaskell. A imigração era incômoda aos trabalhadores, pois enfraquecia o movimento por melhores salários, já que, como visualizado previamente, os irlandeses aceitavam os desmandos dos patrões:

... o uso irrestrito (ou antes abusivo) de maquinaria cada vez mais aperfeiçoada.

... a negligência em se proporcionar apoio e emprego aos irlandeses pobres que saturam o mercado de trabalho inglês, aceitando trabalhar em troca de um simples pedaço de pão.

... a adaptação das máquinas, em cada aperfeiçoamento técnico, às crianças, aos jovens e às mulheres, excluindo-se, dessa forma, aqueles que realmente devem trabalhar – OS HOMENS. (THOMPSON, 1991, p.163)

Nesse sentido, destacamos uma das falas de John Barton, em *Mary Barton*, que corrobora todas as lutas travadas pelos operários em busca de dignidade social. Em atos desesperados por necessidades básicas e dignidades irrepreensíveis, os movimentos operários firmaram acordos, muitas vezes, pouco promissores. Vemos, na fala de John Barton, que o trabalhador não desejava subir altos escalões, mas apenas conseguir subsídios mínimos, pois a sobrevivência era o maior objetivo para esses cidadãos periféricos:

O que me deixa mais triste, o que faz meu coração queimar no peito, é ver que tem gente capaz de rir do trabalhador; de homens que vieram pedir um pouco de lenha para a avozinha que treme de frio; por alguns lençóis e umas roupas quentes para a pobre mulher que tem neném na pedra fria do chão; e por comida para as crianças, cujas vozes estão ficando fracas demais para

¹⁰³ Richard Oastler (1789-1861) foi um proeminente abolicionista e resistente à Lei Anti-pobre.

chorar de fome. Afinal, meus irmãos, não é por isso que nós pedimos quando clamamos por um salário maior? (GASKELL, N&S, 2017, p. 221)¹⁰⁴

Diante do cenário devastador, ocasionado pelas inúmeras arbitrariedades fabris e pelas lutas incessantes e sem grandes respaldos e respostas, a maioria dos trabalhadores, representados nos romances de Gaskell, também se apoiavam na fé, na certeza de um Deus misericordioso, que acolheria as súplicas ou, de um ponto de vista mais resignado, podemos ler essas orações, vindas principalmente das personagens femininas das tramas, como uma forma de reconhecimento da derrota, uma vez que não havia para elas, ou parecia não haver, nada a ser feito perante as injustiças humanas.

Assim, os ideais cristãos resistiam nos discursos suplicantes dos trabalhadores e trabalhadoras, ora como pedido de socorro, ora como forma de refutar a existência de um ser repleto de compaixão, que faria justiça às suas dores. Essas intenções cristãs são trabalhadas no capítulo 3, logo a seguir.

¹⁰⁴ It makes me more than sad, it makes my heart burn within me, to see that folk can make a jest of striving men; of chaps who comed to ask for a bit o' fire for th' old granny, as shivers i' th' cold; for a bit o' bedding, and some warm clothing to the poor wife who lies in labour on th' damp flags; and for victuals for the childer, whose little voices are getting too faint and weak to cry aloud wi' hunger. For, brothers, is not them the things we ask for when we ask for more wage? (GASKELL, s.a., p.111)

3. “Senhor, lembra-te de Davi”: fé e política

Tendo em vista a tradição literária da qual Elizabeth Gaskell fez parte e considerações da Igreja Anglicana em sua constituição, enquanto escritora, trabalharemos, neste capítulo, com as questões referentes à religiosidade e à fé presentes em *Mary Barton* e *Norte e Sul*. Observaremos ainda os ideais moralistas pelos quais as narrativas são atravessadas implícita e tematicamente.

Percebemos que as implicações dos ideais cristãos aparecem como resolução dos conflitos e das lutas entre os personagens, uma vez que o princípio da irmandade rege todas as relações, independentemente do vínculo entre os patrões e os empregados, tanto nas associações fraternas quanto nos embates e lutas. Assim, a noção elementar, propagada por Gaskell, pode ser encontrada em inúmeras passagens bíblicas, inclusive em Colossenses, no capítulo 3 e versículo 11, o qual sublinha a concepção da igualdade que deve haver entre os povos (tratando-se das narrativas, entre operariado e patronato, por exemplo), uma vez que, pelos preceitos cristãos, todos são filhos de um único Deus: “Nessa nova vida não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos.” (Cl, 3.11).

Desse modo, encontramos tais resoluções de conflitos em narrativas outras, que faziam parte do movimento socialista cristão. Isto é, tratava-se de uma característica inerente a alguns autores, como Charles Kingsley (1819-1875)¹⁰⁵ e Dickens (1812-1870), de forma implícita. Gaskell buscava unir os ideais de fraternidade, solidariedade e perdão, pregados por Jesus Cristo, em suas parábolas, às concepções sociais reformistas, entre elas, a equidade entre as classes, o perfeito entendimento entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores e o desaparecimento das agruras das fábricas enfrentadas, sobretudo, por mulheres e crianças. Nesse sentido, há uma tentativa de aproximação entre intenções políticas e religiosas, ou seja, entre o socialismo e o cristianismo.

Embora o cristianismo e os ideais socialistas não pareçam dialogar de forma plena na prática ou teoricamente, Engels (1985) corrobora as intenções dos escritores socialistas cristãos, destacando que há pontos de contato entre o movimento operário (apoiado largamente por Dickens, Gaskell, entre outros autores vitorianos) e o cristianismo primitivo:

A história do cristianismo primitivo oferece curiosos pontos de contato com o movimento operário moderno. Como este, o cristianismo era, na origem, o movimento dos oprimidos: apareceu primeiro como a religião dos escravos e dos libertos, dos pobres e dos homens privados de direitos, dos povos

¹⁰⁵ Gaskell tinha uma relação próxima a Kingsley, a qual pode ser observada em uma de suas correspondências a ele – elas estão dispostas no anexo 2.

subjugados ou dispersos por Roma. Os dois, o cristianismo como o socialismo operário, pregam uma libertação próxima da servidão e da miséria; o cristianismo transpõe essa libertação para o Além, numa vida depois da morte, no céu; o socialismo coloca-a no mundo, numa transformação da sociedade. Os dois são perseguidos e encurralados, os seus aderentes são proscritos e submetidos a leis de exceção, uns como inimigos do gênero humano, os outros como inimigos do governo, da religião, da família, da ordem social. E, apesar de todas as perseguições, e mesmo diretamente servidos por elas, um e outro abrem caminho vitoriosamente. Três séculos depois do seu nascimento, o cristianismo é reconhecido como a religião do Estado e do Império romano: em menos de sessenta anos, o socialismo conquistou uma posição tal que o seu triunfo definitivo está absolutamente assegurado (ENGELS, 1985, s.p.).

De acordo com Jaccard (1974), a religião também dividiu e atravessou outros segmentos da sociedade, uma vez que especialmente o Metodismo (Primitivo) poderia tornar-se um substituto para a política. Sabemos, assim, que há pontos complexos na discussão sobre o cristianismo primitivo. No entanto, nesta reflexão, atemo-nos à concepção de Engels (1985) das ideias do *Evangelho*: o amor, as lutas contra algumas ordens vigentes, por exemplo. Desse modo, as semelhanças destacadas por Engels (1985) entre o cristianismo primitivo e o socialismo são, de fato, incontestáveis: ambos os movimentos são constituídos por elementos subjugados da sociedade, uma vez que Cristo, segundo a *Bíblia*, era líder daqueles que estavam à margem, como mostrado no Livro de Marcos, no qual Cristo exorta sua missão terrena, o trabalho junto aos pobres, às prostitutas e aos pecadores: “Ouvindo isso, Jesus lhes disse: ‘Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores’” (Mc, 2.17). Assim, semelhantes aos seguidores de Cristo, são os sindicalistas e os operários, isto é, as pessoas relegadas às condições mais depreciativas no contexto da Revolução Industrial, no século XIX, pois estes e aqueles são igualmente perseguidos e reduzidos a meros empregados famintos e a mão de obra barata.

Engels (1985) também destaca que os fundamentos de sociedade, no socialismo, são equivalentes aos ideais cristãos, já que, no Cristianismo, há a idealização de um mundo “além-terra”, onde não há desigualdade, dor, fome ou qualquer adversidade. Este paraíso preponderante nas Escrituras, em especial no Livro do Apocalipse, é desejado pelos personagens de *Mary Barton* e *Norte e Sul*, já que a comunidade prometida aos pecadores e sofredores parece melhor do que qualquer experiência já vivida na Terra:

As doze portas eram doze pérolas, cada porta feita de uma única pérola. A rua principal da cidade era de ouro puro, como vidro transparente. Não vi templo algum na cidade, pois o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são o seu templo. A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia. As nações andarão em sua luz, e os reis da terra lhe trarão a sua glória. (Ap, 21: 21-24)

Na descrição do paraíso do Apocalipse, a cidade prometida é destituída de todo contraste e/ou desigualdade. Ela pode ser comparada às perspectivas sociais da doutrina socialista, que, simplificada, trata-se de uma doutrina política e econômica, que prega a distribuição e a coletivização dos meios de produção. Nesse sentido, se implementada, as classes sociais e a luta entre eles seriam suprimidas, resultando em uma comunidade fraternal, esperada pela classe operária na realidade e representada ficcionalmente.

Engels (1985) enfatiza que tanto o Cristianismo quanto o Socialismo ocupavam posições equivalentes, uma vez que a ideologia cristã vigorava na época e vigora fortemente nos dias atuais. No entanto, no que se refere ao triunfo do Socialismo, nas décadas subsequentes, Engels (1985) equivocou-se, talvez por excesso de esperança, uma vez que, como é sabido, a doutrina política, embora resolutiva e bem intencionada, não conquistou muitos adeptos no decorrer dos séculos, ou melhor, da perspectiva atual, não se mostra viável e perde força diariamente, dadas as circunstâncias sociais, nas quais o neoliberalismo e as tendências competitivas crescem exponencialmente. Portanto, essencialmente, o ideário socialista cristão do século XIX tentava transformar a sociedade, reformando-a, sem grandes revoluções, mas antes, apoiada em noções fraternas, presentes também no Evangelho.

Diante do exposto, analisamos a religiosidade dos romances de dois pontos de vista: ora como resistência, ora como escape. No último, há o intuito de perpetuar a doutrina da Igreja Anglicana, mesmo que de forma velada. Assim, da perspectiva dos personagens da classe média, a fé tem relação intrínseca com a Religião. No entanto, para os personagens pertencentes à classe operária, as citações bíblicas e o ato de orar diante de uma situação de injustiça se configura como evasão, uma vez que não estão vinculados a nenhuma doutrina, apenas às palavras conhecidas e repetidamente proferidas para aliviar as dores e os fardos diários nas fábricas têxteis. Assim, a fé se constitui na procura por respostas, na crença e na descrença de um Deus, pois vemos que também há a negação, ou relutância, na crença da existência de um Deus onipotente e misericordioso nos discursos dos operários. Ou seja, aqueles que mais sofrem duvidam de promessas de mundos melhores ao mesmo tempo em que desejam que a Terra Santa e a igualdade destinada aos pobres seja real. A literatura e a fé se aproximam nos romances, sobretudo, por essas manifestações discursivas.

Desse modo, Gaskell retoma importantes livros bíblicos, com o objetivo de compará-los ou de figurar a aproximação/distanciamento entre a vida ou características referentes à personalidade dos personagens bíblicos e os personagens dos romances, principalmente no que se refere à linguagem, a qual é, acima de tudo, de teor benevolente. Isso posto, os principais

livros referenciados nos romances são Isaías, Jó, O Evangelho segundo Mateus, Êxodo e, principalmente, o Apocalipse. Há, ainda, algumas referências e comparações com o Antigo Testamento. Percebemos, portanto, que há uma linha temática contemplada por Gaskell: as tribulações da existência e a redenção após as dificuldades, como fora prometido, nas Escrituras, àqueles que esperam pacientemente no deserto. Vemos um elo entre Gaskell com a tradição cristã, na retomada da palavra redentora, que, por sua vez, está no cerne das questões morais com as quais as narrativas dela lida. Há uma contradição, pois os romances apresentem um cunho fortemente reformista, por um lado, enquanto, por outro lado e implicitamente, em alguns momentos, Gaskell ainda conserva alguns ideais que a prendem ao conservadorismo religioso e aos dogmas do próprio Anglicanismo.

As passagens bíblicas narram as dificuldades do povo e dos servos de Deus para alcançar a plenitude, como Jó, que se vê diante de grandes provações, mas ancora suas expectativas nas boas novas que viriam daquele que era o seu pai no céu. O livro de Isaías discorre, entre outras temáticas, sobre a vinda do Messias, daquele que salvaria os pobres e desgarrados, com críticas à injustiça social em alguns trechos.

Gaskell trabalha com as parábolas de Cristo, no sentido paródico e metafórico ao mesmo tempo, por meio das falas dos personagens principais, principalmente com os anciãos das narrativas, como Senhor Hale, em *Norte e Sul* e Alice, a senhora mais condescendente de *Mary Barton*, principalmente com o Sermão do Monte: “Bem aventurados os puros de coração porque verão a Deus” (Mt, 5.8). No Evangelho Segundo Mateus, há as passagens da vida de Jesus de Nazaré (nascimento, morte e ressurreição). Há, portanto, uma espécie de justificativa para o sofrimento da classe operária e dos menos favorecidos. Em algumas falas dos personagens, há a possibilidade de vislumbrar trechos do livro do *Êxodo*, que conta uma das mais importantes passagens sobre a história do povo de Israel: as crises causadas pela escravidão, o nascimento e a vida de Moisés, o qual, de acordo com os estudos bíblicos, foi um líder notável em Israel, pois libertou seu povo da escravidão do Egito e recebeu os Dez Mandamentos de Deus¹⁰⁶.

Além disso, há maior destaque aos trechos do Apocalipse, uma vez que o livro é um amálgama de esperança e de prenúncios do fim da existência terrena, ambas perspectivas convenientes para os operários, pois a justiça dos homens era falha para eles e entregavam suas vidas para instâncias divinas, como se já não tivessem mais esperanças. Isso é paradoxal, já que a figura de Cristo e tudo o que ele representa se resume em esperança e fé.

¹⁰⁶ As análises dos trechos bíblicos foram feitas a partir da leitura efetiva da *Bíblia*.

Os personagens valem-se, principalmente, dos ideais de confiança de que há um lugar melhor, em que o descanso e a paz são constantes. Desse modo, o fim prometido não é um castigo, mas a recompensa por tantas dores vividas na terra. Vemos que as questões levantadas são análogas a todas as passagens: injustiças, provações, dores, resignação diante das arbitrariedades, a crença em um Deus benevolente e completamente avesso às injúrias cometidas na Terra. Há, ainda, a ideia de irmandade, mais clara nos discursos dos personagens da classe média (de Margaret Hale, em *Norte e Sul*, e de seu pai, Senhor Hale).

A descrença quanto a esses preceitos surge, sobretudo, dos discursos da classe operária, representada pelos líderes de sindicato Nichollas Higgins, em *Norte e Sul*, e John Barton, em *Mary Barton*, nos momentos delicados de luta e sobrevivência, em que eles se veem diante de difíceis escolhas entre continuar o trabalho sem reclamar da ausência de dignidade ou se rebelar contra as lideranças das fábricas e arriscar-se a morrer de fome.

Assim, se da perspectiva da classe operária, a contestação fomenta os discursos, do lado da classe média são as orações que aparecem nos diálogos, uma vez que as preces aliviam os momentos de dor, os quais são distintos daqueles enfrentados pela classe operária. As dificuldades da família Hale, por exemplo, são relativas à intelectualidade: Sr. Hale toma decisões que afetam a consciência, isto é, todas as problemáticas ocorrem entre os personagens desse núcleo graças ao abandono de sua função na Igreja Anglicana, por questões que lhe desagradavam e que afetavam suas convicções.

Embora com todas as objeções à doutrina anglicana, tanto Margaret quanto seu pai não abandonaram os principais ritos diários: as orações e a crença de que, em Deus, tudo poderiam alcançar: “Margaret, ouvi que você estava acordada. Não pude evitar entrar para pedir a você que ore comigo – que faça a prece do *Pai Nosso*: isso fará bem a nós dois.”¹⁰⁷ (GASKELL, 2015, N&S, p.47). Margaret e seu pai se unem em oração em todos os momentos de ruína, pois, segundo o pastor anglicano, as respostas para o sofrimento e para as provações virão dos Céus, sinônimo de refúgio, do ponto de vista cristão. Ao mesmo tempo em que as orações e a postura de Margaret parecem ampará-la, também têm a função de resigná-la como se, em seu âmagô, apenas quisesse aplacar sua consciência, no sentido de que não há nada prático a ser feito e, dessa forma, a protagonista ora, num gesto que beira a desistência. Mais uma vez, não há nada

¹⁰⁷ – Margaret, I heard you were up. I could not help coming in to ask you to pray with me – to say the Lord’s Prayer; that will do good to both of us. (GASKELL, 2015, p. 420)

prático a ser feito e ela, assim como os personagens que sofrem nas fábricas, entrega as situações para Deus.

No que se refere à protagonista e aos seus discursos, há a comparação da sua própria existência com a caminhada de vida de Jó, mais especificamente, os silêncios e os sentimentos de angústia, de desolação e solidão por ele experimentados. A figura de Jó é fortemente retomada, pois o personagem bíblico sempre foi muito obediente aos desígnios divinos e, mesmo depois de todas as provações passadas pelo pobre homem, Deus honrou sua vida e a reconstruiu: “Depois se assentaram no chão com ele, durante sete dias e sete noites. Ninguém lhe disse uma palavra, pois viam como era grande o seu sofrimento.” (Jó, 2:13). Miss Hale, metaforicamente, destaca que o silêncio que buscava era impossível de se obter em Londres, tampouco em Milton do Norte, cidade para a qual ela e sua família migram, após a decisão que afetava a consciência moral de seu pai. Os lugares são paradoxais, uma vez que apenas Helstone, localizado no sul inglês, possibilitava a reflexão ensimesmada, a necessidade de quietude diante das dores vividas. Enquanto isso, nas cidades industriais, lugares nos quais as ações mais significativas acontecem, os pensamentos e dores competiam o espaço com a fumaça e barulho das fábricas, com o choro das crianças e os levantes dos operários:

A vida de Londres é muito movimentada e plena para admitir uma hora sequer daquele sentimento de profundo silêncio que os amigos de Jó mostraram quando ‘sentaram-se com ele na terra sete dias e sete noites, e nenhum deles lhe dizia palavra; pois viam que a dor era demasiado grande. (GASKELL, N&S, 2015, p.60)¹⁰⁸

Enquanto Margaret Hale trata dos silêncios, da dificuldade de se ter paz, Bessy Higgins, filha de Nicholas Higgins, também busca a serenidade. No entanto, ela o faz de maneira diferente, pois Bessy prefere a morte, o descanso eterno longe do mundo terreno, já munida de desesperança: “‘Você pensa que leva a pena importar-se com uma vida como esta?’, disse Bessy, com dificuldade.” (GASKELL, N&S, 2015, p.91). Margaret, de seu lado, busca o conforto da amiga por meio das Escrituras, como veremos mais adiante.

No que se refere às dificuldades, há muitos pontos divergentes, pois Margaret Hale encara as tribulações como provação, o que as torna necessárias, do ponto de vista cristão, uma vez que a resistência às dificuldades têm um propósito para a filha do pastor: aproxima-nos da dor do outro e gera a empatia necessária para compreender as aflições do mundo. Margaret Hale era benevolente, assim como o pai a ensinara: “Margaret não lhe respondeu, mas levou a água aos

¹⁰⁸ London life is too whirling and full to admit of even an hour of that deep silence of feeling which the friends of Job showed, when – they sat with him on the ground seven days and seven nights, and none spake a word unto him; for they saw that his grief was very great. (GASKELL, 2015, p.433)

lábios dela. Bessy tomou um longo e sedento gole, e então recostou-se e fechou os olhos. Margaret ouviu-a murmurar para si mesma: ‘E não mais terão fome nem sede, nem o calor, nem o sol os afligirá.’ (Is, 49.10).” (GASKELL, N&S, 2015, p.91) Ainda na mesma passagem citada por Margaret Hale: “[...] porque o que se compadece deles os guiará e os levará mansamente aos mananciais das águas.” (Is, 49.10). Nesse trecho, observamos uma promessa, que, embora intencionalmente boa, não deixa de ser frágil e quase inalcançável. A leitura da Bíblia e a pregação despreziosa de Margaret acalenta o coração de Bessy, mas revolta Nicholas, um dos sindicalistas mais fervorosos do romance. Diante do cenário em que vive, Nicholas encara a crença e fé das personagens como algo vazio:

Agora, não terei ninguém pregando para minha menina. Ela já está ruim do jeito que está, com seus sonhos e suas imaginações metodistas e suas visões de cidades com portões de ouro e pedras preciosas. Mas se isso a entretém deixe estar, mas não quero que metam mais coisas na cabeça dela. (GASKELL, N&S, 2015, p.91)¹⁰⁹

Vemos que Nicholas está caído pelas negativas da vida no trecho: “[...] suas imaginações metodistas e suas visões de cidades com portões de ouro e pedras preciosas” refere-se, como destacado anteriormente, sobretudo, ao Apocalipse, uma vez que, nesse livro, em específico, fala-se da habitação divina para aqueles que souberam esperar pacientemente em Deus, na terra. Ou seja, Nicholas conhece a Bíblia, mesmo que não siga nenhuma religião em específico, uma vez que não é um cético comum, como veremos logo adiante.

Essa dualidade entre a crença e a descrença, o confronto entre resignação e revolta secular é um dos pontos mais fortes das narrativas de Gaskell, uma vez que se trata de um aspecto realista: a contradição humana com relação às suas crenças e os limites dessas diante de tantas injustiças.

A visão de Margaret e de seus pares beira, muitas vezes, ao reducionismo, pois coloca a responsabilidade dos problemas enfrentados diariamente, nas fábricas, nas mãos de Deus, eximindo, de certo modo, os erros dos patrões e a crueldade com que os negócios eram levados. Desse modo, observamos que emergem mais que questões referentes às injustiças sociais ou ao sofrimento, mas antes refletem algo mais profundo: a responsabilidade do indivíduo e, acima de tudo, a falta dela, sobre o seu destino e de seus pares. Nesse contexto, há os patrões que não olham para os empregados e os direitos daqueles pobres trabalhadores. Embora esse ponto seja sumário nas narrativas, vemos uma tentativa, que na prática não é viável, dadas as proporções

¹⁰⁹ Now, I'll not have my wench preached to. She's bad enough as it is,/with her dreams and her methodee fancies, and her visions of cities with golden/ gates and precious stones. But if it amuses her I let it abe, but I'm none going to have more stuff poured into her. (GASKELL, 2012, p.463)

e organização da sociedade na qual vivemos, de conciliar as classes nessa convicção de que todos são irmãos e devem se perdoar: “‘Mas certamente’, disse Margaret, encarando-o, ‘o senhor acredita no que eu disse, que Deus lhe deu a vida, e ordenou que tipo de vida deveria ser?’” (GASKELL, N&S, 2015, p.91).

De seu lado, Nicholas contradiz a fala de Margaret, que buscava encontrar propósitos divinos nas ações inconsequentes dos patrões, igualando-se ao descrente Tomé, no Evangelho de João: “Os outros discípulos disseram para ele: ‘Nós vimos o Senhor.’ Tomé disse: ‘Se eu não vir a marca dos pregos nas mãos de Jesus, se eu não colocar o meu dedo na marca dos pregos, e se eu não colocar a minha mão no lado dele, eu não acreditarei.’” (1Jo, 20:25). Do mesmo modo que Tomé, Higgins duvida das palavras benevolentes de Margaret, pois as agruras do mundo haviam-no forjado como um homem pragmático, de concretudes e de pouco credo, principalmente, em promessas de qualquer ordem. Nicholas vai de encontro aos ideais da maioria dos personagens, e fatalmente ser cético com relação aos dogmas e a fé de Margaret diretamente não deixa de ser um ato revolucionário e, em última instância, de resistência, pois o personagem permanece firme pelas feridas criadas pelas injustiças, arbitrariedades e pelo trabalho:

Eu acredito no que eu vejo, e em nada mais. É nisso que eu acredito, mocinha. Não acredito em tudo o que eu ouço - não! De jeito nenhum. Certa vez, ouvi uma jovem fazer um alvoroço para saber onde morávamos, prometendo que viria nos ver. Minha menina acreditou nessa promessa, e muitas vezes ficou corada, quando ouvia um passo estranho lá fora; eu notei isso sem ela perceber. E agora, finalmente essa moça veio, - e é bem-vinda, contanto que pare de pregar sobre aquilo que nada sabe (GASKELL, N&S, 2015, p.91).¹¹⁰

As semelhanças entre o discurso de Tomé e de Higgins são evidentes. Nenhum deles acredita no invisível, porque não mais se dispõe a sentir ou experimentar, uma vez que, de certo modo, a fé está no plano das ideias e também dos afetos, dadas as circunstâncias da sua formação ao longo da narrativa: dor, suor e lágrimas. Os homens de Milton, representados por Higgins, são tratados como máquinas, ou seja, a reflexão do que não estivesse no plano concreto não era relegada a eles. Assim, apenas o trabalho braçal competia aos operários. A máxima: “quanto menos o trabalhador pensa, melhor é para o patrão” funcionava em Milton do Norte, mesmo entre os trabalhadores que lutavam pelo fim das opressões.

¹¹⁰ I believe what I see, and no more. That’s what I believe, young woman. I don’t believe all I hear – no! not by a big deal. I did hear a young lass make and about knowing where we lived, and coming to see us. And my wench here thought a deal about it, and flushed up many a time, when hoo little knew as I was looking at her, at the sound of a strange step. But hoo’s come at last – and hoo’s welcome, as long as hoo’ll keep from preaching on what hoo knows nought about. (GASKELL, 2012, p.463)

Em *Mary Barton*, o questionamento da existência de Deus aparece em John (pai de Mary) e Mary Barton. No entanto, há diversas reprimendas contra esses discursos, que são feitas pelos próprios personagens que sofrem para evitar atentar contra o nome de Deus e os desígnios d’Ele:

‘Por que não diz logo que teria sido melhor se Deus não tivesse feito o mundo, pois então a gente não estaria assim de coração pesado?’ ‘Bom! Ele disse que aquilo era uma blasfêmia indecente; mas eu achei que o seu jeito de reclamar do que Deus tinha decidido mandar era uma blasfêmia pior. De qualquer maneira, não falei mais nenhuma palavra raivosa...’ (GASKELL, MB, 2017, p.128) ¹¹¹

Nos dois trechos, a ideia de pecado e até mesmo de respeito às palavras da Bíblia são preponderantes. No anterior, vemos que uma das personagens anciãs da narrativa esclarece que é preciso aceitar os fardos enviados por Deus e relutar a recebê-los se configura em blasfêmia. Assim, por meio dos personagens mais velhos das narrativas, observamos traços dogmáticos e doutrinadores, principalmente com relação à ideia de culpa ou temor, como destacado: “Ele disse que aquilo era uma blasfêmia indecente” (GASKELL, MB, 2017, p.128). A ideia de pecado está muito arraigado no imaginário do operariado, especialmente de Barton, que acredita que uma palavra torpe ou impensada contra o nome de Deus pode estender males sobre os seus, especialmente de Mary. Como se os filhos pagassem pelos maus feitos dos pais, tal qual no Antigo Testamento:

-Minha querida! Eu nunca vou me perdoar se as palavras más que eu disse hoje atrapalharem o seu caminho. Veja como o Senhor amontoou brasas sobre a minha cabeça! Ah, Mary, não deixe que o fato de eu ser cético como São Tomé enfraqueça a sua fé. Tenha paciência com o Senhor, não importa qual seja o seu problema. (GASKELL, MB, 2017, p. 174)¹¹²

Essas, portanto, são as representações dos homens calejados de Milton, em *Norte e Sul*, e de Manchester, em *Mary Barton*, que não se detêm em questões filosóficas ou meramente religiosas. Antes, eles valem-se da pragmática e daquilo que podem ver e tocar: “se há um Deus, por que sofreremos?”; “se há um Deus, por que há desigualdade?”. Em uma análise das entrelinhas do discurso de Higgins, vemos nesses questionamentos que a crença existe, mas não há como mantê-la diante das provas contrárias e da crueldade humana. Mais uma vez, vemos o contraste entre a esperança em dias de esperança e de justiça, enquanto, por outro

¹¹¹ Well! he said that were rank blasphemy; but I thought his way of casting up again th’ events God had pleased to send, were worse blasphemy. Howe’er, I said nought more angry, for th’ little babby’s sake, as were th’ child o’ his dead son, as well as o’ my dead daughter. (GASKELL, s.a., p.63)

¹¹² "My dear! I shall never forgive mysel, if my wicked words to-night are any stumbling-block in your path. See how the Lord has put coals of fire on my head! O Mary, don't let my being an unbelieving Thomas weaken your faith. Wait patiently on the Lord, whatever your trouble may be." (GASKELL, s.a., p.87)

lado, há a descrença em seu significado mais intenso, principalmente por emergir de um personagem embrutecido feito Higgins:

[...] ‘Não fique aborrecida com ele - há muitos que pensam como ele, muitos e muitos aqui. Se você os ouvisse falar, não ficaria chocada com ele. É um homem muito bom, é meu pai - mas oh! disse ela, retrocedendo em desespero, ‘o que ele diz às vezes me faz assustar pela morte mais do que nunca, posto que quero saber sobre tantas coisas e fico tão perturbada com esse mistério.’ (GASKELL, N&S, 2015, p.91) ¹¹³

Além disso, os homens de Milton mantinham um compromisso com a verdade vivida, experimentada, como destacado por Higgins: “[...] e quando eu vejo o mundo indo todo errado a essa hora do dia, se incomodando com coisas sobre as quais nada sabe e deixando desfeitas todas as coisas que estão perto de si, em desordem...” (GASKELL, N&S, 2015, p.91).¹¹⁴ Nessa fala, Higgins denuncia a negligência com os assuntos mais importantes, como o trabalho dos homens, a fome enfrentada pelos trabalhadores e todas as penúrias existentes. Higgins destaca as amenidades que ocupavam os homens de negócios, especialmente os aspectos burocráticos que competiam somente aos interesses desses mestres, detentores dos meios de produção: “[...] ora, eu digo, deixe essa conversa sobre religião para lá, e se ponha a trabalhar no que a moça vê e sabe. Esse é o meu credo. É simples, fácil de alcançar e de realizar.” (GASKELL, N&S, 2015, p.91).¹¹⁵ O discurso de Higgins evidencia a omissão dos homens de bem, daqueles cujos discursos não dialogam com as ações. O inconformismo do operário se dá, sobretudo, porque presencia as injustiças no seu entorno, enquanto os homens com poder para efetivar a mudança juntam-se nos grandes templos para orar ou discutir ideias (que, para ele, não pareciam urgentes) ao mesmo tempo em que aqueles que consideram irmãos padecem. Vemos nessas investidas rudes de Higgins a denúncia à hipocrisia subjacente ao moralismo vitoriano (discutido nos capítulos anteriores). Assim, as orações sem ações concretas ou as citações bíblicas são vazias e perdem-se, não apenas literariamente. Essa, portanto, é uma evidência narrativa do quão nociva a postura moralista se torna para a sociedade como um todo.

¹¹³ Don't be vexed wi' him – there's many a one thinks like him; many and many a one here.

If y o' could hear them speak, y o'd not be shocked at him; he's a rare good man, is father – but oh! said she, falling back in despair – what he say s at times makes me long to die more than ever, for I want to know so many things, and am so tossed about wi' wonder. (GASKELL, 2012, p.463)

¹¹⁴ Poor wench – poor old wench – I'm loth to vex thee, I am; but a man mun speak out for the truth, and when I see the world going all wrong at this time o' day, bothering itself wi' things it knows nought about, and leaving undone all the things that lie in disorder close at its hand – why, I say, leave a' this talk about religion alone, and set to work on what y o' see and know. That's my creed. It's simple, and not far to fetch, nor hard to work. (GASKELL, 2012, p.464)

¹¹⁵ I say, leave a' this talk about religion alone, and set to work on what y o' see and know. That's my creed. It's simple, and not far to fetch, nor hard to work. (GASKELL, 2012, p.464)

No entanto, mesmo com todo o discurso cético, Higgins deseja que os sonhos da filha sejam reais. Assim, lemos a fé como evasão da realidade: “Bessy inclinou-se para o pai, que se preparou para carregá-la para o andar de cima; e enquanto Margaret levantava-se para partir, ele esforçou-se para dizer algo: Eu podia desejar que houvesse um Deus, se fosse apenas para Lhe pedir que te abençoe, minha menina.” (GASKELL, N&S, 2015, p.92).¹¹⁶ Em outro momento da narrativa, Higgins também implora o amparo de Deus: “Nunca pensei ouvir papai chamar por Deus novamente. Mas você o ouviu dizer ‘Que Deus me ajude!’” (GASKELL, N&S, 2015, p.159).¹¹⁷

O auxílio de Deus, na visão de Higgins, seria a cura de sua filha. Mas, para Bessy, a misericórdia divina se revelaria plenamente com o seu descanso, com o findar de suas dores. Assim, para Bessy, a morte é descanso, ainda que o temor pelas estafas, causada pelo esgotamento terreno continuem a fazer parte de suas indagações: “[...] Algumas vezes fico tão estafada, que penso que não conseguirei desfrutar dos céus sem um pouco de descanso antes. Estou com medo de ir direto pra lá, sem antes usufruir de um bom sono no túmulo para me refazer” (GASKELL, N&S, 2015, p.103).¹¹⁸ Para os trabalhadores pobres, a morte é descanso, algo que se aproxima de um prêmio por todas as dores suportadas na terra. Notavelmente, nas palavras de Bessy não deseja o sono eterno de uma vez por todas, mas quer se refazer antes para desfrutar do reino dos céus. Nesse sentido, Bessy visualiza o reino dos céus como uma morada, na qual poderá habitar com Deus e seus anjos, de forma análoga à descrição bíblica do paraíso.

Ao longo de toda a narrativa em *Norte e Sul*, há um jogo que passa da crença à descrença, pois há lampejos de esperança e perda da perseverança, mesmo nos discursos da personagem Bessy, que é a representação da insistência e da resistência: “‘Não tenha medo, Bessy’, disse Margaret, pousando sua mão sobre a da moça. ‘Deus pode lhe dar o descanso mais perfeito do que qualquer outro na terra, ou até mesmo que o sono da morte possa lhe dar.’”

¹¹⁶ I could wish there were a God, if it were only to ask Him to bless thee. (GASKELL, 2012, p.464)

¹¹⁷ – I never thought to hear father call on God again. But y o’ heard him say, “So help me God!” (GASKELL, 2012, p. 521)

¹¹⁸ – I used to think once that if I could have a day of doing nothing, to rest me – a day in some quiet place like that y o’ speak on – it would may be set me up. But now I’ve had many day s o’ idleness, and I’m just as weary o’ them as I was o’ my work. Sometimes I’m so tired out I think I cannot enjoy heaven without a piece of rest first. I’m rather afeard o’ going straight there without getting a good sleep in the grave to set me up. (GASKELL, 2012, p.473)

(GASKELL, N&S, 2015, p.103)¹¹⁹ “[...] penso que se essa vida é o fim, e que não há um Deus para enxugar todas as lágrimas de todos os olhos...” (GASKELL, N&S, 2015, p.103).¹²⁰

‘Bessy... nós temos um Pai no céu.’

‘Eu sei disso! Eu sei disso’, gemeu ela, virando a cabeça de um lado para o outro, constrangida. ‘Sou muito perversa. Falei muito perversamente. Oh! Não fique assustada comigo e nem deixe de vir aqui novamente. Eu não machucaria um fio de cabelo sequer em sua cabeça.’ E, abrindo seus olhos, olhou avidamente para Margaret, ‘creio que sei melhor do que você o que há de vir. Eu li o livro do Apocalipse até que eu soubesse de cor, e nunca duvido quando estou acordada, e em meus sentidos, de toda a glória que me espera’ (GASKELL, N&S, 2015, p.103).¹²¹

A glória eterna mencionada por Bessy Higgins é descrita no paraíso do Livro do Apocalipse, no cenário que haveria de vir: “Ele vai enxugar toda lágrima dos olhos deles, pois nunca haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor. Sim! As coisas antigas desapareceram!” (Ap, 21.4). As descrições do Apocalipse aproximam-se daquelas que podem ser encontradas na figura paterna: o gesto de enxugar as lágrimas que permeiam o rosto dos que sofrem. Vemos também a ideia de amparo e acalento, sensações que a personagem não experimentou em toda a sua construção: “Eu queria morar lá’, disse Bessy, enfadonhamente. ‘Não aguento mais ficar cansada e exausta com essas greves. Esta é a última que verei. Antes que ela tenha acabado hei de estar na Grande Cidade – a Santa Jerusalém.” (GASKELL, 2015, N&S, p.136)¹²². Ou seja, nem todo o idealismo construído pelas personagens sobrevive intacto às restrições e dificuldades da vida comenzinha.

O fundamento cristão de igualdade aparece muitas vezes na fala de Margaret Hale: “Deus nos tem feito de forma que devamos ser mutuamente dependentes.” (GASKELL, N&S, 2015, p.124).¹²³ A personagem principal argumenta sutilmente em favor da classe operária por meio dos discursos cristãos, pois Miss Hale tenta comover os patrões do cenário desigual enfrentado pelos trabalhadores, destacando, assim, as qualidades do bom cristão: a benignidade, a compaixão para com o próximo, a empatia ao vislumbrar o sofrimento – esse,

¹¹⁹ Don’t be afraid, Bessy, said Margaret, laying her hand on the girl’s; – God can give you more perfect rest than even idleness on earth, or the dead sleep of the grave can do. (GASKELL, 2012, p. 473)

¹²⁰ I think if this life is th’ end, and that there’s no God to wipe away all tears from all eyes. (GASKELL, 2012, p.473)

¹²¹ – Bessy – we have a Father in Heaven. – I know it! I know it, moaned she, turning her head uneasily from side to side. – I’m very wicked. I’ve spoken very wickedly. Oh! don’t be frightened by me and never come again. I would not harm a hair of your head. And, opening her eyes, and looking earnestly at Margaret – I believe, perhaps, more than you do of what’s to come. I read the book of Revelations until I know it off byheart, and I never doubt when I’m waking, and in my senses, of all the glory I’m to come to. (GASKELL, 2012, p.474)

¹²² – I wish I were there, said Bessy, wearily. – But it’s not for me to get sick and tired of strikes. This is the last I’ll see. Before it’s ended I shall be in the Great City – the Holy Jerusalem. (GASKELL, 2012, p.501)

¹²³ God has made us so that we must be mutually dependent. (GASKELL, 2012, p.492)

porém, trata de um uso diverso do discurso religioso como estratégia retórica e de persuasão, já que não está implicada apenas a fé dos patrões, mas muito mais pelo sentimento de culpa inerente à crença cristã. Margaret apela para a consciência pesada dos patrões para convencê-los. Os homens de negócios, embora pouco afeitos aos trabalhadores, são friamente moralistas e, fatalmente, não sabem lidar com suas consciências e arrependimentos. De um ponto de vista mais realista, observamos que Margaret Hale apela para o discurso religioso especialmente pelo medo implicado a ele: “Quando vejo homens violentos e obstinados à procura de seus direitos, posso seguramente inferir que o patrão é assim também, que ele ignora um pouco aquele espírito sofredor, que é benigno, e não busca os seus interesses” (GASKELL, N&S, 2015, p.124).¹²⁴

No trecho anterior, ainda, há uma clara referência à primeira carta de Paulo aos Coríntios, na qual os ideais do amor são destacados e ensinados: “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal.” (1Co, 13:4.5). Margaret Hale tem plena confiança na justiça divina como também é consciente das atitudes humanitárias que o discurso benevolente provoca nos patrões moralistas: ““Não tenho preocupação? Oh, Bessy, Deus é justo, e nossos fardos são bem proporcionados por Ele, embora ninguém, senão Ele, saiba da amargura de nossas almas”” (GASKELL, N&S, 2015, p.140).¹²⁵ É possível ver que Margaret Hale atribui propósitos a todas as tribulações, resiste às dores, porque acredita que há uma força divina zelando pelo caminho que está a trilhar. Vemos, então, que a confiança de Margaret na vida é semelhante à certeza de Bessy na Terra Santa, na bem-aventurança:

“E o nome da estrela era Absinto; e a terça parte das águas tornou-se absinto, e homens morreram das águas, porque se tornaram amargas”. (Apocalipse, 8:11) Uma pessoa pode suportar melhor a dor e a tristeza, se pensar que isso foi profetizado há muito para si: de alguma forma, então parece como se minha dor fosse necessária para o cumprimento, de outra forma parece que tudo foi enviado para nada.’ (GASKELL, N&S, 2015, p.140)¹²⁶

¹²⁴ – That is a great admission, said Margaret, laughing. – When I see men violent and obstinate in pursuit of their rights, I may safely infer that the master is the same that he is a little ignorant of that spirit which suffereth long, and is kind, and seeketh not her own. (GASKELL, 2012, p.493)

¹²⁵ Oh, Bessy, God is just, and our lots are well portioned out by Him, although none but He knows the bitterness of our souls. (GASKELL, 2012, p.505)

¹²⁶ “And the name of the star is called Wormwood; and the third part of the waters became Wormwood; and men died of the waters, because they were made bitter.” One can bear pain and sorrow better if one thinks it has been prophesied long before for one: somehow, then it seems as if my pain was needed for the fulfilment; otherway s it seems all sent for nothing. (GASKELL, 2012, p.505)

Margaret Hale também discute a existência de Deus e da misericórdia proporcionada por ele com o médico da família, que, desesperado pela saúde da Senhora Hale (mãe de Margaret), julga que não há cura para a enfermidade diagnosticada, doença causada pela fumaça das fábricas de Milton e potencializada pelo desgosto de ter deixado seu lar em Helstone por uma decisão de seu esposo:

Não a doença. Não podemos curar a doença, com todas as nossas pobres vangloriadas habilidades. Podemos apenas atrasar seu progresso, aliviar a dor que ela causa. Seja um Cristão, senhor... Tenha fé na imortalidade da alma, que nenhuma dor, nenhuma doença mortal, pode assaltar ou tocar! (GASKELL, N&S, 2015, p.172) ¹²⁷

Tomada pelos ideais de Margaret Hale, Bessy também busca propósitos em seus sofrimentos, como se Deus escolhesse os fardos de cada um antes do nascimento. No trecho a seguir, vemos uma clara alusão à parábola do Rico e Lázaro sobre as dificuldades do pobre e da herança que recebe na morte, diferentemente do que acontece com o Rico – tão premiado ao longo da existência, não participa da bem-aventurança daquele que apenas conheceu a dor:

[...] Alguns são eleitos de antemão para banquetes suntuosos e finos linhos cor de púrpura – talvez você seja um deles. Outros labutam e sofrem por toda a sua vida - e os próprios cães não são piedosos em nossos dias, como eles eram nos dias de Lázaro. Mas se você me pedir para esfriar sua língua com a ponta do meu dedo, atravessarei o grande golfo por você, apenas pela lembrança do que você tem sido para mim aqui (GASKELL, N&S, 2015, p.154). ¹²⁸

Mais uma vez, observamos que Margaret Hale não usa as referências religiosas apenas para criar parábolas seculares, mas antes utiliza as representações bíblicas, nas quais o pobre vai para o céu, a morada eterna, enquanto o rico vai para o inferno, já que aproveitou de todas as bem aventuranças terrenas. Em última instância, Margaret tenta convencer os patrões, não apenas pela benignidade inerente aos sujeitos, como ela acredita que haja, mas pelo medo das trevas bíblicas:

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: "Havia um rico que se vestia com fatos caríssimos e todos os dias fazia grandes festas. Havia também um pobre, chamado Lázaro, coberto de chagas, que costumava ir para a porta do rico, para ver se ao menos comia as migalhas que caíam da sua mesa. Mas até os cães vinham lambe-lhe as chagas. O pobre morreu e foi levado pelos anjos

¹²⁷ – Not the disease. We cannot touch the disease, with all our poor vaunted skill. We can only delay its progress – alleviate the pain it causes. Be a man, sir – a Christian. Have faith in the immortality of the soul, which no pain, no mortal disease, can assail or touch! (GASKELL, 2012, p. 532)

¹²⁸ – No! said Bessy. – Some's pre-elected to sumptuous feasts, and purple and fine linen – may be y o're one on 'em. Others toil and moil all their lives long – and the very dogs are not pitiful in our day s, as they were in the day s of Lazarus. But if y o' ask me to cool y o'r tongue wi' th' tip of my finger, I'll come across the great gulf to y o' just for th' thought o' what y o've been to me here. (GASKELL, 2012, p. 517)

de Deus para junto de Abraão. O rico também morreu e foi enterrado. No lugar de sofrimento onde se encontrava, levantou os olhos e viu lá longe Abraão e Lázaro com ele. Disse então em voz alta: "Pai Abraão! Tem pena de mim e manda Lázaro molhar na água a ponta do dedo e vir refrescar-me a língua, porque sofro horripelmente neste fogo!" Mas Abraão disse-lhe: "Lembra-te, meu filho, que em toda a tua vida só tiveste coisas boas, enquanto Lázaro só teve males. (Lc, 16: 19-30)

Além da parábola de Lázaro, há uma alusão a Salomão¹²⁹, referências, principalmente, à sabedoria desse rei e às dificuldades enviadas por Deus: “[...] veja, nem todas as pessoas são sábias, e ainda assim Deus os deixa viver. Sim, e dá a eles alguém para amar, e por quem ser amado, tão bem quanto Salomão. E se o pesar vem sobre aqueles que eles amam, os machuca tanto quanto já machucou Salomão” (GASKELL, N&S, 2015, p.159).¹³⁰ Quando Salomão é agraciado com os dons de Deus, a sabedoria, há uma crítica à ideologia meritocrática tão caras às concepções liberais na economia e na sociedade nesse momento, uma vez que até mesmo o rei não conquista esse talento por si mesmo, mas precisa de um pai, representado pela figura divina, para alcançá-lo.

Ao mesmo tempo, nesse trecho, há uma ode à tolerância e à inclusão, especialmente quando diz que Deus permite que pessoas não tão sábias quanto Salomão ainda vivam e sejam amadas, ou seja, até mesmo os patrões, que não são tão bons, merecem ser amados.

Ainda no que se refere às comparações, Bessy faz uma analogia dos embates entre a classe operária e o patronato com a batalha do Armagedom,¹³¹ do livro do Apocalipse: “E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom” (Ap, 16:16). “É como a grande batalha do Armagedom a forma como eles continuam, zombando e lutando uns contra os outros, até que, mesmo enquanto lutam, serão arremessados para dentro da sepultura.” (GASKELL, N&S, 2015, p.155).¹³² A luta do Armagedom parecia perdida, não havia vencedores, assim como os embates entre patrões e empregados, nos quais não há vantagens para nenhum dos lados: mestres perdem mão de obra e trabalhadores perdem suas vidas.

¹²⁹ Salomão foi reconhecido por sua sabedoria, prosperidade e riquezas, além disso teve um reinado próspero, mesmo enfrentando inúmeros inimigos.

¹³⁰ He's but a weak kind o' chap, I know, but he's a man for a' that; and tho' I've been angry, many a time afore now, wi' him an' his wife, as knew no more nor him how to manage, y et, y o' see, allfolks isn't wise, y et God lets 'em live – ay, an' gives 'em some one to love, and beloved by, just as good as Solomon. An', if sorrow comes to them they love, ithurts 'em as sore as e'er it did Solomon. (GASKELL, 2012, p.521)

¹³¹ O **Armagedom** é identificado na Bíblia como a batalha final de Deus contra a sociedade humana iníqua, em que numerosos exércitos de todas as nações da Terra encontrar-se-ão numa condição ou situação, em oposição a Deus e seu Reino por Jesus Cristo no simbólico “Monte Megido”.

¹³² It's like th' great battle o' Armageddon, the way they keep on, grinning and fighting at each other, till even while they fight, they are picked off into the pit. Just then, Nicholas Higgins came in. He caught his daughter's last words. (GASKELL, 2012, p.517)

Assim como em *Norte e Sul*, os personagens de *Mary Barton* comparam o conflito de classes com outra passagem do Apocalipse: “E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra.” (Ap, 6.8)

[...] não soubera da última notícia política do dia: de que o Parlamento se recusara a escutar os trabalhadores, quando estes pediram, com toda a força de suas palavras rudes e incultas, para ouvirem o que diziam sobre a angústia que cavalgava, como o Conquistador em seu Cavalo Esverdeado, em meio ao povo; que minava suas vidas, e deixava a marca de tristeza naquela terra. (GASKELL, MB, 2017, p.201)¹³³

No momento em que os padrões são comparados ao Conquistador, dada a maldade e falta de empatia desses homens, que, com sua ganância e busca por lucros devastam o capital mais importante: o humano. Diante dessas dores, para os personagens, a morte é a melhor opção, pois o luto é mais pacífico que a vida e esse descanso ou o silenciar das ações da personagem Bessy é representado pelo momento de seu último suspiro: “O rosto, frequentemente tão fatigado de dor, tão inquieto com turbulentos pensamentos, tinha agora o fraco suave sorriso do eterno descanso sobre ele” (GASKELL, N&S, 2015, p.219)¹³⁴; “Todas as lindas escrituras vieram em sua mente. ‘Eles descansam de seus labores’; ‘Os fatigados repousarão’; ‘Ele concede aos seus amados o sono’.” (GASKELL, N&S, 2015, p.219)¹³⁵ As palavras que vieram à mente de Margaret podem ser encontradas no livro de Hebreus¹³⁶: “Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no seu repouso, ele próprio repousou de suas obras, como Deus das suas.” (Hb, 4: 9.10). Desse modo, a morte é alívio, é a recompensa para a luta dos pobres, como explicitado anteriormente: “[...] Se a vida dela tem sido o que o senhor diz, de qualquer modo, ele não temeu a morte, como alguns temem. Oh, o senhor deveria tê-la ouvido falar da vida eterna – a vida oculta com Deus, da qual ela agora faz parte” (GASKELL, N&S, 2015, p.222).¹³⁷

¹³³ [...] had not heard the political news of the day; that Parliament had refused to listen to the working-men, when they petitioned, with all the force of their rough, untutored words, to be heard concerning the distress which was riding, like the Conqueror on his Pale Horse, among the people; which was crushing their lives out of them, and stamping woe-marks over the land. (GASKELL, 2012, p.58)

¹³⁴ The face often so weary with pain, so restless with troublous thoughts, had now the faintsoft smile of eternal rest upon it. (GASKELL, 2012, p.574)

¹³⁵ All beautiful scriptures came into her mind. ‘They rest from their labours.’ ‘The weary are at rest.’ ‘He giveth His beloved sleep.’ (GASKELL, 2012, p.574)

¹³⁶ O *livro de Hebreus* discorre sobre três grupos: os incrédulos, aqueles que seguiam a Cristo, mas rejeitaram-no e os seguidores efetivamente.

¹³⁷– You shall not. If her life has been what y ou say, at any rate she did not fear death as some do. Oh, y ou should have heard her speak of the life to come – the life hidden with God, that she is now gone to. (GASKELL, 2012, p.576)

Assim como em *Norte e Sul*, as mortes em *Mary Barton* são contempladas e comparadas com trechos bíblicos próximos, como o que ocorre na cena da morte de Alice. Em todo o eixo temático de *Mary Barton*, há uma espécie de exultação à morte, que se transmuta em cura pura e simplesmente: “[...] o túmulo é a cura certa para um coração partido”¹³⁸ (GASKELL, MB, 2017, p.360).

Antigas passagens da Bíblia que sua mãe costumava ler em voz alta (ou melhor, que tinha decorado) quando Mary era criança surgiram em sua memória. “Ali acaba o tumulto dos ímpios, ali repousam os que estão esgotados.” E Deus enxugará toda lágrima de seus olhos.” E era naquele mundo que Alice logo estaria! Ah! Como ela queria ser Alice! (Jó, 3.17; Ap, 7.17) (GASKELL, MB, 2017, p.258)¹³⁹.

Ao longo do romance *Norte e Sul*, percebemos a influência paterna nas ações de Margaret, pois há muito das ideias dos personagens masculinos nos argumentos da heroína. Assim, algo bastante marcante é a postura adotada por seu pai e copiada por ela diversas vezes, já que o Senhor Hale dispõe de um comportamento benevolente e virtuoso. Além disso, Senhor Hale está no entrelugar dos patrões e operários, uma vez que busca o entendimento das razões para as atitudes de ambos os lados: “Sr. Hale tratava todas as suas criaturas semelhantes de forma igual: nunca entrava na cabeça dele fazer qualquer diferença por causa da posição deles.” (GASKELL, N&S, 2015, p.226). Sr. Hale, assim como Margaret, intenciona converter seus pares; nesse caso, Nicholas Higgins é o personagem para o qual dirige suas palavras:

Ele colocara uma cadeira para Nicholas, que ficou em pé até que, a pedido de Sr. Hale, tomasse um assento. Chamava-o invariavelmente de ‘Sr. Higgins’, em vez do brusco ‘Nicholas’ ou ‘Higgins’, nomes os quais o ‘fiandeiro bêbado infiel’ estava acostumado. Mas Nicholas não era nem um beerrão habitual nem um minucioso infiel. Ele bebia para afogar as preocupações, como ele mesmo havia expressado; e ele era infiel porque até agora ainda não havia encontrado qualquer forma de fé à qual ele pudesse se apegar, de coração e alma. (GASKELL, N&S, 2015, p.226)¹⁴⁰

De acordo com o trecho, a família de Margaret Hale, como bons seguidores do Anglicanismo¹⁴¹, tentam convencer aqueles que não estão convertidos e isso é feito por meio

¹³⁸ The grave is a sure cure for an aching heart! (GASKELL, s.a., p.219)

¹³⁹ Old texts from the Bible, that her mother used to read (or rather spell out) aloud in the days of childhood, came up to her memory. "Where the wicked cease from troubling, and the weary are at rest." "And God shall wipe away all tears from their eyes," etc. And it was to that world Alice was hastening! Oh! that she were Alice! (GASKELL, s.a. p.130)

¹⁴⁰ He placed a chair for Nicholas stood up till he, at Sr. Hale's request, took a seat; and called him, invariably, 'Mr. Higgins,' instead of the curt 'Nicholas' or 'Higgins,' to which the 'drunken infidel weaver' had been accustomed. But Nicholas was neither a habitual drunkard nor a thorough infidel. He drank to drown care, as he would have himself expressed it: and he was infidel so far as he had never yet found any form of faith to which he could attach himself, heart and soul. (GASKELL, 2012, p. 580)

¹⁴¹ O Anglicanismo fundou-se a partir dos ideais do trono inglês, ou seja, estabeleceu-se nos interesses da Monarquia, os quais envolviam benefícios para o rei Henrique VIII, por exemplo.

da palavra, do testemunho e pelos seus exemplos de conduta, pela narrativa da fé vivenciada, da fé transformada em ação e que transforma a vida das pessoas. Sr. Hale coloca-se em compromisso com a verdade subjetiva: “[...] a verdade irá prevalecer. Eu não acreditaria em Deus se eu não cresse nisso” (GASKELL, N&S, 2015, p.227).¹⁴² Nesse momento, Sr. Hale espera que o seu exemplo e testemunho de vida fale por ele ou, em uma atitude resignada, aguarda as respostas de uma divindade maior, o que explicita a sua fé absoluta:

‘De modo algum. O senhor me considera equivocado e eu lhe considero muito mais fatalmente equivocado. Não espero convencê-lo em um dia... não em uma conversa; mas vamos nos conhecer, e falar livremente um ao outro sobre estas coisas, e a verdade irá prevalecer. Eu não acreditaria em Deus se eu não cresse nisso, Sr. Higgins, eu confio, não importa do que o senhor tenha desistido, que o senhor acredita... (a voz de Sr. Hale baixou, em reverência, que o senhor acredita n’ Ele) (GASKELL, N&S, 2015, p.227)¹⁴³

Nesse momento narrativo, há um dos mais importantes debates entre crença e descrença, entre a vida prática e as dificuldades apresentadas por ela, na face selvagem do homem em busca de seus próprios lucros sem poupar os seus irmãos (do ponto de vista cristão) e a vida espiritual, representada por Hale, que, dados os seus estudos bíblicos e a construção de sua personalidade indulgente, acredita piamente na transformação individual para o bem coletivo, especialmente quando ocorre o entendimento pleno das palavras de Deus.

No entanto, as afirmações da fé do pastor não são suficientes para convencer o homem de Milton: a dor experimentada forja-o com aspereza. No trecho a seguir, Nicholas Higgins destaca que gostaria que, de fato, existisse um Deus, ao mesmo tempo, que, para ele, é custoso acreditar que o acaso esteja agindo sob as vidas do povo, principalmente a de Bessy, a filha amada, ceifada pela fumaça das fábricas e pela insalubridade do trabalho. Bessy, filha de Higgins, morreu acreditando que conquistaria a vida eterna, mesmo com as negativas de Higgins. Nessa conjuntura, a vida eterna seria uma conveniência para Higgins para confortá-lo enquanto pai, para garantir a ele que, depois da morte, sua filha estaria plena como nunca esteve ao lado dele:

‘Não creio em qualquer outra vida além desta, na qual ela suportou tanta dor e teve essa doença sem fim. E não posso tolerar pensar que foi tudo um conjunto de acasos, que poderiam ter sido alterados com um sopro do vento. Houve muitas vezes que pensei que não acreditava em Deus, mas nunca coloquei isso diante de mim em palavras, como muitos homens fazem. Eu

¹⁴² [...] and the truth will prevail. I should not believe in God if I did not believe that. (GASKELL, 2012, p.581)

¹⁴³ None at all. You consider me mistaken, and I consider you far more fatally mistaken. I don’t expect to convince you in a day – not in one conversation; but let us know each other, and speak freely to each other about these things, and the truth will prevail. I should not believe in God if I did not believe that. Mr. Higgins, I trust, whatever else you have given up, you believe – (Mr. Hale’s voice dropped low in reverence) – you believe in Him. (GASKELL, 2012, p.581)

posso ter rido daqueles que fizeram isso, que tiveram essa coragem, mas eu teria olhado ao meu redor depois, para ver se Ele me ouvia, se tivesse de existir um Ele. Mas hoje, quando sou deixado desolado, não vou ouvir o senhor com suas questões, e suas dúvidas. Há apenas uma coisa estável e calma em todo este mundo bagunçado, e, com razão ou sem razão, vou me agarrar a isso. É muito bom pra gente ser feliz'. (GASKELL, N&S, 2015, p.227)¹⁴⁴

No início da análise, afirmamos que, para a classe média, a religião e a fé eram veículos de resistência diante das mudanças, uma maneira de perpetuar até mesmo moralismos, do certo e do errado, do proibido e do permitido. Desse modo, Margaret Hale também vê a fé como conforto para sua própria consciência, no intento de encontrar razões para as dificuldades que acometem a ela e aos seus. É importante acreditar que há esperança para além da terra: “Nicholas, não queremos racionalizar. O senhor interpretou mal meu pai. Não argumentamos... nós acreditamos; e o senhor também. É o único conforto em tempos como estes” (GASKELL, N&S, 2015, p.227)¹⁴⁵. A necessidade de encontrar refúgio pode ser representada pelo versículo do Evangelho de João (mas não apenas), citado por Margaret Hale: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim”(Jo, 14:1).

O coração de Margaret doía dentro dela. Ela não conseguia pensar em sua própria perda ao pensar no caso de seu pai. A noite se esgotara, e o dia estava quase raiando, quando, sem uma palavra de preparação, a voz de Margaret quebrou a quietude do quarto, com uma clareza de som que sobressaltou até a ela mesma: ‘Não se turbe o vosso coração’, ela disse, e ela passou firmemente por todo aquele capítulo de indizível consolação (GASKELL, N&S, 2015, p.248).¹⁴⁶

Assim, mesmo com todas as reprimendas de Nicholas e a insistência de sua descrença, as pregações continuam e, significativamente, uma vez que Sr. Hale não acredita na infidelidade de Higgins: “Ele não é um infiel, Margaret. Como você pôde dizer isso?”, murmurou ele, em tom de reprovação. ‘Tenho em mente ler para ele o décimo quarto capítulo

¹⁴⁴ – I dunnot believe in any other life than this, in which she dreed such trouble, and had such never-ending care; and I cannot bear to think it were all a set o’ chances, that might ha’ been altered wi’ a breath o’ wind. There’s many a time when I’ve thought I didna believe in God, but I’ve never put it fair out before me in words, as many men do. I may ha’ laughed at those who did, to brave it out like – but I have looked round at after, to see if He heard me, if so be there was a He; but today, when I’m left desolate, I wunnot listen to yo’wi’ yo’r questions, and yo’r doubts. There’s but one thing steady and quiet i’ all this reeling world, and, reason or no reason, I’ll cling to that. It’s a’very well for happy folk... (GASKELL, 2012, p.582)

¹⁴⁵ – Nicholas, we do not want to reason; y ou misunderstand my father. We do not reason – we believe; and so do you. It is the one sole comfort in such times. (GASKELL, 2012, p. 582)

¹⁴⁶Margaret’s heart ached within her. She could not think of her own loss in thinking of her father’s case. The night was wearing away, and the day was at hand, when, without a word of preparation, Margaret’s voice broke upon the stillness of the room, with a clearness of sound that startled even herself: – Let not your heart be troubled, it said; and she went steadily on through all that chapter of unspeakable consolation. (GASKELL, 2012, p. 601)

de Jó” (GASKELL, 2015, p.228).¹⁴⁷ A ideia de infidelidade no contexto vitoriano respinga, mais uma vez, nos moralismos incutidos no imaginário social. Quando se segue determinado dogma ou preceito, é necessário persegui-lo, mesmo que isso implique em hipocrisias veladas:

Então respondeu Elifaz, de Temã: Se alguém se aventurara dizer-lhe uma palavra, você ficará impaciente? Mas quem pode refrear as palavras? Pense bem! Você ensinou a tantos; fortaleceu mãos fracas. Suas palavras davam firmeza aos que tropeçavam; você fortaleceu joelhos vacilantes. Mas agora que se vê em dificuldade, você desanima; quando você é atingido, fica prostrado. Sua vida piedosa não lhe inspira confiança? E o seu procedimento irrepreensível não lhe dá esperança? (Jó, 4 :1.6).

A escolha de Sr. Hale pelo quarto capítulo de Jó é significativa porque destaca as dores pelas quais Jó passa e Elifaz, em um gesto fraterno, lembra ao amigo quantas batalhas enfrentou e, acima de tudo, recorda a Jó o quão misericordioso é Deus e que nada passa despercebido aos olhos d’Ele. Assim, toda a injustiça será perdoada, de acordo com o jugo merecido por cada um: “Pelo que tenho observado, quem cultiva o mal e semeia maldade, isso também colherá. Pelo sopro de Deus são destruídos; pelo vento de sua ira eles perecem” (Jó, 4: 8.9).

Da perspectiva de Higgins, toda a culpa do sofrimento está nas mãos dos patrões e, em seu discurso, os homens de negócios são inimigos dos cristãos. Toda a interpretação binária entre os personagens beira ao reducionismo, já que há uma concepção de certo versus errado e céu versus inferno que constituem os dualismos de ambas as narrativas. Assim, nesse cenário de dualismos, o operário cita, pelo menos, uma passagem bíblica - “Naqueles dias não se dirá mais: ‘Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram.’” (Jr, 31: 29.30). A referência bíblica reforça que o trabalhador escarnece das gerações anteriores aos fabricantes têxteis, daqueles que deixaram as máquinas como herança aos seus filhos:

E foram os patrões que nos fez pecar, se o Sindicato é um pecado. Não esta geração talvez, mas a dos pais deles. Seus pais ‘moeu’ nosso país até ficar a poeira, nos moeu ao pó! Pastor! Lembro-me que ouvi minha mãe ler um texto em voz alta: ‘Os pais comeram uvas azedas, e os dentes dos filhos ficaram embotados.’ (GASKELL, N&S, 2015, p.232)¹⁴⁸

Até o momento, analisamos apenas as falas de Higgins e Barton, no entanto, há outros operários que questionam a benignidade de Deus, diante de suas grandes dores. O discurso a

¹⁴⁷ Sr. Hale blew his nose, and got up to snuff the candles in order to conceal his emotion. – He’s not an infidel, Margaret; how could y ou say so? muttered he reproachfully – I’ve a good mind to read him the fourteenth chapter of Job. (GASKELL, 2012, p.582)

¹⁴⁸ – Nay, said Higgins – y o’ may say what y o’ like! The dead stand between yo and every angry word o’ mine. D’ y e think I forget who’s ly ing *there*, and how hoo loved y o’? And it’s th’ masters as has made us sin, if th’ Union is a sin. Not this generation may be, but their fathers. Their fathers ground our fathers to the very dust; ground us to powder! Parson! I reckon, I’ve heerd my mother read out a text, “The fathers have eaten sour grapes and th’ children’s teeth are set on edge.” (GASKELL, 2012, p.586)

seguir é de uma personagem que perde o marido (Boucher) para o suicídio e para a fome: “Não conseguia entender a misericórdia de Deus que não havia se interposto para impedir que a água afogasse seu prostrado esposo” (GASKELL, N&S, 2015, p. 296).¹⁴⁹

O questionamento da misericórdia de Deus é um sinal de resistência por parte da pobre personagem, pois no suicídio de Boucher estão implicados dois sentimentos: egoísmo e desespero. Boucher, enquanto suicida, afoga sua própria dor e esquece daqueles que ficam com a ausência apenas e, além disso, há o desespero que o atinge pelo extremo sofrimento enfrentado. Embora do ponto de vista cristão, a atitude de Boucher possa ser lida como um ato individualista e autocentrado, avesso a todos os ensinamentos de Jesus, Margaret olha com misericórdia para o suicídio do operário, pois, como visto anteriormente, está prostrada diante de tanta crueldade experienciada:

Pensou que Deus não podia ser tão duro que os homens; talvez não tão duro; talvez tão terno quanto uma mãe; talvez mais terno. Não estou dizendo que ele fez certo, e não estou dizendo que ele fez errado. Tudo o que eu digo é, não desejo que eu, nem que nenhum dos meus, algum dia nessa vida, tenha semelhante dor no coração, ou poderemos cometer tal coisa. (GASKELL, N&S, 2015, p.293)¹⁵⁰

Há um discurso semelhante em *Mary Barton* e a situação na qual ambos são proferidos é próxima: os personagens pedem por justiça: “Deus não julga com a mesma severidade que os homens, e isso é um consolo para nós” (GASKELL, MB, 2017, p.439).¹⁵¹ A descrença na justiça dos homens faz com que as personagens consolem-se em Deus, mais uma vez: “Mary, precisamos pedir a Deus que nos ouça, pois os homens não nos dão atenção; não, nem se chorarmos lágrimas de sangue” (GASKELL, MB, 2017, p.118).¹⁵²

Em Margaret, vemos convicções cristãs, como a humildade: “O caminho da humildade. ‘Ah, pensou Margaret, isso é o que me tem faltado! Mas coragem, pequeno coração. Nós voltaremos, e com a ajuda de Deus encontraremos o caminho perdido’” (GASKELL, N&S, 2015, N&S, p. 338)¹⁵³. Margaret assume a necessidade ser mais passiva diante da vida, algo que é contraditório, uma vez que apenas consegue ser ouvida ou tolerada por meio de sua

¹⁴⁹ [...] she could not enter into the enduring mercy of the God who had not specially interposed to prevent the water from drowning her prostrate husband... (GASKELL, 2012, p. 644)

¹⁵⁰ He thought God could na be harder than men; mappen not so hard; mappen as tender as a mother; mappen tenderer. I’m not say ing he did right, and I’m not say ing he did wrong. All I say is, may neither me nor mine ever have his sore heart, or we may do like things. (GASKELL, 2012, p.641)

¹⁵¹ Well! God does not judge as hardly as man, that’s one comfort for all of us!" (GASKELL, s.a., 233)

¹⁵² "Mary, we mun speak to our God to hear us, for man will not hearken; no, not now, when we weep tears o’ blood." (GASKELL, s.a., p.58)

¹⁵³ – The way of humility. Ah, thought Margaret – that is what I have missed! But courage, little heart. We will turn back, and by God’s help we may find the lost path. (GASKELL, 2012, p. 682)

altivez, de seu orgulho – dualidades nas quais residem o caráter mais forte das narrativas. Mesmo assim, Margaret pede para que Deus lhe conceda a simplicidade de coração necessária e faz isso por meio de uma prece em francês arcaico, que evoca a compaixão, a coragem e a misericórdia divinas. O trecho da oração em língua francesa evidencia o valor cultural de Margaret, que é influenciada pelo pai, um culto professor:

‘Je ne voudrais pas reprendre mon couer en ceste sorte: meurs de honte, aveugle, impudent, traistre et desloyal a ton Dieu, et sembables choses; mais je voudrais le corriger par voye de compassion. Or sus, mon pauvre couer, nous voil’a tombez dans la fosse, laquelle nous avions tant resolu d’eschapper. Ah, relevons- nous, et quittons-lapour jamais, reclamons la misericorde de Dieu, et esperons en elle qu’elle nous assistera pour desormais estre plus fermes; et remettons-nous au chemin de l’humilité. Courage, soyouns nos garde, Dieu nous aydera.’ (GASKELL, MB, 2015, p.338)¹⁵⁴

Ao fim da narrativa, Gaskell resolve todas as problemáticas concernentes à religião: Higgins, finalmente, converte-se, interessa-se pelas coisas sagradas aos olhos da família Hale:

O pequeno indivíduo repetiu um hino metodista, muito acima de sua compreensão do ponto de vista de linguagem, mas do qual o balançante ritmo havia capturado seu ouvido, que ele repetiu com toda a desenvolvida cadência de um membro do parlamento. Quando Margaret houvera devidamente aplaudido, Nicholas pediu por outro, e ainda outro, para grande surpresa dela, pois descobriu que ele fora estranha e inconscientemente levado a tomar interesse nas coisas sagradas, as quais ele antigamente refutava. (GASKELL, N&S, 2015, p.339)¹⁵⁵

Há muitas mortes em *Norte e Sul* – uma delas é de Sr. Hale, o pastor que olhou para Higgins como uma ovelha desgarrada. Uma das imagens mais emblemáticas da relação que travam se dá com a entrega do presente deixado pelo personagem que acreditou piamente na conversão de Nicholas: “Olhe, Higgins! aqui está a Bíblia dele. Guardei para o senhor. Mal posso cedê-la; mas sei que ele haveria gostado que o senhor a tivesse. Estou certa de que o senhor irá cuidar dela, e estudar o que está nela, pela memória dele.” (GASKELL, N&S, 2015, p.362).¹⁵⁶ O discurso de Higgins modifica-se drasticamente e o nome de Deus já aparece sem

¹⁵⁴ Em francês no original: “Eu não queria retomar meu coração desta maneira: sentimentos de vergonha, cegueira, despudor, traição e deslealdade ao teu Deus, e coisas semelhantes; mas queria corrigi-lo pelo caminho da compaixão. Ou então, meu pobre coração, cairemos na cova da qual tanto tentamos escapar. Ah! Levantemo-nos daqui, e deixemos este lugar para jamais voltar. Peçamos a misericórdia de Deus, e esperemos que ela nos ajude, de hoje em diante, a ser mais firmes. E voltemos ao caminho da humildade. Coragem, estejamos em guarda, e Deus nos ajudará.” (GASKELL, 2015, p.312)

¹⁵⁵ The little fellow repeated a Methodist hymn, far above his comprehension in point of language, but of which the swinging rhythm had caught his ear, and which he repeated with all the developed cadence of a member of parliament. When Margaret had duly applauded, Nicholas called for another, and yet another, much to her surprise, as she found him thus oddly and unconsciously led to take an interest in the sacred things which he had formerly scouted. (GASKELL, 2012, p. 683)

¹⁵⁶ Look, Higgins! here is his bible. I have kept it for you. I can ill spare it; but I know he would have liked you to have it. I’m sure you’ll care for it, and study what is in it, for his sake. (GASKELL, 2012, p. 704)

ressentimentos: ““Bem, moça! Não posso senão dizer Deus lhe abençoe! e lhe abençoe! - e amém”” (GASKELL, N&S, 2015, p.362).¹⁵⁷ A transformação discursiva de Higgins aponta para uma mudança drástica na vida do operário: a aceitação das circunstâncias da vida, pois é como se o pobre homem entendesse que as dores e o fardo lhe são necessários. Aquele personagem impassível resigna-se para alcançar o coração dos patrões, do Senhor Thornton, mais especificamente.

Em *Norte e Sul*, ainda, há alguns pontos paradoxais: a doutrina da igreja anglicana é enfatizada, pois os personagens, pertencentes à classe média, são praticantes fervorosos da religião. No entanto, Gaskell também faz referência a nomes católicos, em uma intenção diplomática de unir nomes diversos com o mesmo propósito: propagar uma mensagem de esperança em meio ao caos, como o poeta Robert Southwell, que foi um padre romano inglês¹⁵⁸: “*Times go by turns: Os mais tristes pássaros uma estação encontram para cantar*”¹⁵⁹ (GASKELL, N&S, 2015, p.239).¹⁶⁰ Quando Gaskell mobiliza todas essas figuras históricas representa os embates sociais em voga na Inglaterra: o Anglicanismo, embora latente na sociedade inglesa, competia com o Catolicismo em número de fiéis, especialmente com a imigração irlandesa naquele momento, problematizada no capítulo 2, pois a maioria dos irlandeses professava a fé católica e também não era bem quista por isso. Assim, colocar figuras de instituições díspares prova, mais uma vez, a forte veia conciliadora que norteia os eixos temáticos da narrativa.

Diante da orfandade, Margaret Hale considera se tornar freira. No entanto, encara a vocação tão honrada pela igreja católica como um grande golpe, o que se configura como uma crítica sutil a alguns dogmas da referida religião, principalmente aqueles que se referem às mulheres, que, por um propósito de fé, se enclausuram e não há um propósito prático ou coletivista para esse preceito da instituição:

Começo a entender agora o que o paraíso deve ser - e, oh! a magnificência e repouso das palavras - “O mesmo ontem, hoje e para sempre. Eternidade! “De eternidade a eternidade. Tu és Deus.” Aquele céu acima de mim parece que não poderia mudar, e assim mudará. Estou tão cansada – tão cansada de ser rodopiada através de todas essas fases de minha vida, nas quais nada subsiste comigo, nenhuma criatura, nenhum lugar; é como o círculo no qual as vítimas de paixão terrena giram continuamente. Estou naquele humor no qual mulheres de outra religião tomam o véu. Busco celeste firmeza em terrena monotonia. Se eu fosse uma católica romana e pudesse amortecer meu

¹⁵⁷ – Well, wench! I can nobbut say, Bless yo’! and bless yo’! – and amen.(GASKELL, 2012, p. 705)

¹⁵⁸ Robert Southwell, hoje, considerado santo, foi um padre católico romano inglês da Ordem dos Jesuítas.

¹⁵⁹ Em cada início de capítulo, Gaskell referencia trechos bíblicos ou passagens literárias, os quais dialogam com as problemáticas que serão tratadas ao longo do enredo.

¹⁶⁰ “The saddest birds a season find to sing”. (Southwell)

coração, desorientá-lo com algum grande golpe, eu podia me tornar uma freira. (GASKELL, N&S, 2015, p.365)¹⁶¹

Posteriormente, há outra objeção ao catolicismo: Frederick Hale, irmão de Margaret, tem de se mudar para a Espanha, em busca de asilo político, porque denunciou as arbitrariedades da Marinha Inglesa. Assim, nesse contexto, conhece uma moça espanhola, católica e com preceitos avessos aos da família Hale: ““Em primeiro lugar, ela é uma católica romana. Essa é a única objeção que eu temia. Mas a mudança de opinião de meu pai – não, Margaret, não suspire.”” (GASKELL, N&S, 2015, p.254)¹⁶². A objeção de Margaret Hale ao catolicismo é paradoxal, uma vez que, segundo Calvani (2006), a igreja anglicana foi e ainda é marcadamente influenciada por características do catolicismo romano e do protestantismo. Assim como o catolicismo, a vida litúrgica e a comunhão eucarística eram fundamentais para o Anglicanismo. No entanto, a pregação era mais salutar aos pastores anglicanos do que aos padres católicos. O desacordo de Margaret com relação à religião da futura cunhada se dá, sobretudo, por ter crescido em um lar anglicano e por ter vivenciado o trabalho de seu pai, líder de uma igreja anglicana. O conservadorismo dos costumes da heroína e às suas raízes reside neste ponto: mesmo sendo uma reformista e conciliadora, permanece com alguns princípios arraigados em sua constituição e há resistência, mesmo que inconsciente, ao tentar abdicar deles.

““Ela é uma papista, Miss, não é?” ‘Creio que sim - oh sim, certamente!’”, disse Margaret, um pouco desanimada por um instante com essa lembrança. ‘E eles moram em um país Papal?’ ‘Sim.’” (GASKELL, N&S, 2015, p.395).¹⁶³ Embora a postura dos Hale seja tolerante e apaziguadora, a resistência com relação à mudança de religião do irmão não é bem vista, mesmo porque, segundo Calvani (2006), a Igreja Anglicana realizava uma tentativa incessante de acomodar as diferenças para preservar a comunhão. Além desse esforço para unir as diferenças, o Anglicanismo utilizava, e ainda se utiliza, de alguns termos católicos para designar seus ritos, muitíssimos semelhantes aos da Igreja Católica. Em uma perspectiva

¹⁶¹ – I begin to understand now what heaven must be – and, oh! The grandeur and repose of the words – “The same y esterday, today, and for ever.” Everlasting! “From everlasting to everlasting, Thou art God.” That sky above melooks as though it could not change, and y et it will. I am so tired – so tired of being whirled on through all these phases of my life, in which nothing abides by me, no creature, no place; it is like the circle in which the victims of earthly passion eddy continually. I am in the mood in which women of another religion take the veil. I seek heavenly steadfastness in earthly monotony. If I were a Roman Catholic and could deaden my heart, stun it with some great blow, I might become a nun. (GASKELL, 2012, p.730)

¹⁶² – In the first place, she is a Roman Catholic. That’s the only objection I anticipated. But my father’s change of opinion – nay, Margaret, don’t sigh. (GASKELL, 2012, p.607)

¹⁶³ – She’s a Papist, Miss, isn’t she? – I believe – oh y es, certainly! said Margaret, a little damped for na instant at this recollection.
– And they live in a Popish country? – Yes. (GASKELL, 2012, p.734)

conciliadora, a diferença religiosa entre os personagens traz à tona a necessidade de tolerância entre as instituições, diferentes em alguns aspectos e tão análogas em muitos outros.

Quando voltamo-nos, uma vez mais, à narrativa de *Mary Barton*, observamos referências aos Salmos: “Subitamente, Margaret deixou ecoar todo o poder de sua magnífica voz, como se esta fosse uma prece vinda do coração de todos que sofriam, na grandiosa súplica, que sumariza toda a temática das narrativas, ‘Senhor, lembra-te de Davi.’” (GASKELL, 2017, MB, p. 48) ¹⁶⁴. Nesse trecho há uma referência aos Salmos: “Senhor, lembra-te de Davi e das dificuldades que enfrentou.” (Sl; 132.1).

Em *Norte e Sul*, vislumbramos uma curiosidade dos personagens acerca da morte. No entanto, em *Mary Barton*, questionamentos análogos também aparecem, mas com um tom mais conformista: a vivência do luto é questionada pela heroína, pois ela acredita que, se há a vida eterna, a morte deve ser celebrada, não abominada:

Essas roupas de luto também vão custar caro – disse Mary – Eu canso de me perguntar por que o povo usa luto; não é bonito nem cai bem; custa bastante dinheiro, bem na hora que se tem menos para gastar; e, se o que a Bíblia diz é verdade, não devíamos lamentar quando alguém que amamos, se foi bom, vai descansar; e, quanto aos ruins, é bom que a gente se livre deles. Não sei de que adianta usar luto. (GASKELL, MB, 2017, p.59) ¹⁶⁵

Em *Norte e Sul*, Margaret Hale encara os sofrimentos como desígnios de Deus. Em *Mary Barton*, Alice, e a própria Mary, acreditam na força divina no decorrer das ações da vida: “Foi que nem ler a Bíblia; nem uma palavra de raiva; só dizendo que Deus é o nosso pai e que nós temos que ter paciência com o que Ele manda. (GASKELL, MB, 2017, p.81).”¹⁶⁶ A personagem Alice já é uma anciã e, como tal, é a representação da sabedoria e da diplomacia. Desse modo, seus conselhos sempre se voltam para a paciência necessária, sem murmúrios, pois, em meio a tantos personagens cuja tônica é a rebeldia, Alice é a calma e o equilíbrio, características que são atribuídas pela sua idade. “Às vezes, eu acho que o Senhor não gosta que a gente planeje nada. Sempre que eu planejo muito, Ele manda alguma coisa para desarranjar tudo, como se quisesse que eu colocasse o futuro nas Suas mãos.” (GASKELL,

¹⁶⁴ Suddenly she burst forth with all the power of her magnificent voice, as if a prayer from her very heart for all who were in distress, in the grand supplication, “Lord, remember David.” (GASKELL, s.a., p. 21)

¹⁶⁵ “This mourning, too, will cost a pretty penny,” said Mary. “I often wonder why folks wear mourning; it’s not pretty or becoming; and it costs a deal of money just when people can spare it least; and if what the Bible tells us be true, we ought not to be sorry when a friend, who’s been good, goes to his rest; and as for a bad man, one’s glad enough to get shut* on him. I cannot see what good comes out o’ wearing mourning.” (GASKELL, s.a., p.26)

¹⁶⁶ Well, as I telled ye, I were grumblin, when she” (indicating the sleeping woman by a nod) “brought me Ben’s letter, for she could na’ read hersel. It were as good as Bible–words; ne’er a word o’ repining; a’ about God being our Father, and that we mun bear patiently whate’er He sends.” (GASKELL, s.a., p.37)

MB, 2017, p.94).¹⁶⁷ Nessa passagem, há um exemplo claro do desespero do indivíduo e a sua incapacidade de controlar o destino, ao mesmo tempo em que há uma atitude desapegada, um dos aspectos duais das narrativas: luta e resignação. Em *Norte e Sul*, a descrença aparece na construção de um líder do Sindicato dos Operários. Em *Mary Barton*, John Barton (líder cartista) também se revolta contra a ideia de uma irmandade com os patrões: “E Deus também não é pai dos patrões? Esse tipo de irmão, eu não quero.” (GASKELL, N&S, 2015, p.81).¹⁶⁸

Assim como Margaret Hale tinha Bessy como amiga, Mary tinha Margaret, uma personagem de voz talentosa e proeminente, mas que estava, pouco a pouco, perdendo a visão. Margaret apoia-se na fé para suportar o problema de saúde, assim como feito por Bessy Higgins: “Ele estacou diante da porta. Margaret estava treinando canto e, em meio ao silêncio da noite, sua voz ecoava como a de um anjo. Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus...” (GASKELL, MB, 2017, p.119)¹⁶⁹. A fala de Margaret faz alusão a Isaías, no capítulo 4 e versículo 1, o qual o consolo de Deus é pedido pelo povo que sofre, algo que, irremediavelmente, ecoa na realidade dos operários retratada nos romances.

Em *Norte e Sul*, Gaskell refere-se aos poemas-prece de Robert Southwell. Em *Mary Barton*, encontramos poemas de Samuel Bamford¹⁷⁰, os quais assemelham-se tematicamente ao de Southwell, pois os versos também são suplicantes:

Deus ajude os pobres que nesta manhã gelada saem dos becos e dos pátios escuros/
Deus ajude aquela pobre moça pálida, desamparada suportando sua aflição com humildade/
Deus lhe ajude, ovelha abandonada...
Deus ajude os pobres!¹⁷¹ (GASKELL, MB, 2017, p.132)

O poema de Bamford enumera os problemas enfrentados no início da industrialização. Assim, Bamford destaca as dores e agruras do povo trabalhador e pede, para o alívio da tormenta, o socorro de Deus. Os poemas-prece de Samuel Bamford são análogos e dialogam com as falas dos operários crentes. Mais adiante na narrativa, um amigo de Barton consola-o perante a dificuldade do sindicato, a impossibilidade de se alcançar a justiça: “[...] Deus ainda surgirá para ajudar os pobres! -Amém! - disse Barton” (GASKELL, MB, 2017, p.134).¹⁷²

¹⁶⁷ “I sometimes think the Lord is against planning. Whene'er I plan overmuch, He is sure to send and mar all my plans, as if He would ha' me put the future into His hands.” (GASKELL, s.a., p.45)

¹⁶⁸ “Don ye think He's th' masters' Father, too? I'd be loth to have 'em for brothers.” (GASKELL, s.a., p. 37)

¹⁶⁹ She stopped outside the door. Margaret was practising her singing, and through the still night air her voice rang out, like that of an angel —“Comfort ye, comfort ye, my people, saith your God.” (GASKELL, s.a., p.58)

¹⁷⁰ Samuel Bamford (1788-1872) foi um radical e escritor inglês.

¹⁷¹ God help the poor, who, on this wintry morn, Come forth from alleys dim and courts obscure. God help yon poor pale girl, who droops forlorn, And meekly her affliction doth endure; God help her, outcast lamb. (GASKELL, s.a., p.62)

¹⁷² [...] God will yet arise and help the poor! "Amen!" said Barton... (GASKELL, s.a., p.64)

Repetidamente, os operários entregam sua causa para as forças divinas, em um gesto que beira a desistência e a falta de esperança. Não há nada a ser feito pragmaticamente, resta apenas a oração ou, de um ponto de vista pouco otimista, a ode à derrota.

Em outro capítulo, falamos sobre a compaixão, palavra que, em seu significado puro e simples, refere-se, de acordo com o dicionário online *Dicio*, à simpatia perante a tragédia que aflige os outros. Esse é o sentimento que resiste no trato entre os operários, uma vez que tem de haver comunhão e concordância entre os pares, já que os grandes líderes não os ouvem. Desse modo, em *Mary Barton*, a união entre os operários se dá pelas convicções cristãs. No trecho a seguir, observamos a fala de Margaret, uma das amigas de Mary. Margaret é uma aspirante a cantora, que perdeu a visão e é considerada pelos outros personagens da trama como um anjo de candura, não apenas pela sua condição fisicamente desfavorável, mas também pela compreensão do mundo e pela empatia, que parece ter sido construída por meio de seu próprio sofrimento:

Eu às vezes penso que existem dois lados no que diz a Bíblia e que devíamos deixar que os outros façam pela gente como faríamos por eles; pois o orgulho nos impede de dar muito prazer aos nossos amigos, quando querem nos ajudar e não deixamos sendo que nós próprios gostaríamos de fazer a mesma coisa se estivéssemos no lugar deles. Ah, quantas vezes já me magoei quando me disseram com frieza que não me preocupasse ou me entristecesse por alguém, quando via que eles passavam por grande sofrimento e precisavam de consolo! Nosso Senhor Jesus Cristo não considerava uma humilhação deixar que cuidassem Dele, pois sabia como ficamos felizes quando podemos fazer algo por alguém. É a melhor sensação deste mundo. (GASKELL, MB, 2017, p.307)¹⁷³

Os próprios operários têm uma visão romantizada sobre si mesmos, sobre a dor que sofrem; e, mais uma vez, a imagem dos céus como a morada esperada e merecida aparece. A dualidade entre céu e inferno está intrincada no eixo temático da narrativa. Sofrer, embora seja dolorido, confere uma dignidade aos trabalhadores, que está distante dos patrões, considerando os maus feitos cometidos por eles:

Minha adorada! Minha adorada! Mesmo depois de morrer não vou poder lhe ver, minha filha! Ela era tão boa... que nem um anjinho. Como é aquela passagem, eu não me lembro... A passagem que minha mãe me ensinava quando me pegava no colo, há tanto tempo. O começo é “Bem aventurados os puros...”

¹⁷³ “I sometimes think there's two sides to the commandment; and that we may say, 'Let others do unto you, as you would do unto them,' for pride often prevents our giving others a great deal of pleasure, in not letting them be kind, when their hearts are longing to help; and when we ourselves should wish to do just the same, if we were in their place. Oh! how often I've been hurt, by being coldly told by persons not to trouble myself about their care, or sorrow, when I saw them in great grief, and wanted to be of comfort. Our Lord Jesus was not above letting folk minister to Him, for He knew how happy it makes one to do aught for another. It's the happiest work on earth.” (GASKELL, s.a., p.158)

-Bem aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.” (Mt, 5:8)
(GASKELL, MB, 2017, p.191)¹⁷⁴

Em *Mary Barton*, há algumas simbologias de nomes e comparações com as grandes mulheres da Bíblia, por exemplo. Uma das analogias é feita com o nome da tia de Mary Barton, Esther, abandonada pelo noivo e que acaba se entregando à prostituição, diante das opções que tinha para sobreviver naquela sociedade conservadora. Biblicamente, Ester foi uma jovem judia que se casou com o rei da Pérsia e salvou o povo judeu do extermínio. A Ester da Bíblia era órfã, assim, foi criada por seu primo Mardoqueu. Como mulher e judia, Ester quebrou diversos paradigmas. A personagem da narrativa, de seu lado, sofre com a situação da sua vida, abandona sua casa, motivada por uma paixão devastadora. Há muitas diferenças entre as duas mulheres.

No entanto, a intenção de Ester (personagem bíblica) de salvar o povo judeu do extermínio é análoga às investidas da Esther da narrativa para livrar sua sobrinha dos braços de Henry Carson, o filho de um dos donos de fábrica e personagem sem qualquer intenção de assumir Mary Barton seriamente. Esther percebe o seu destino refletido e se repetindo em sua sobrinha: Mary Barton, para aquele homem rico, era um jogo, um flerte sem nenhuma intenção grandiosa. Embora Esther seja considerada uma mulher à margem, é a única que tenta salvar a protagonista. A trajetória de percalços de Esther, na qual, primeiramente, se torna mãe solteira e, posteriormente, uma prostituta e alcoólatra, a exime de todos os moralismos e hipocrisias que está incutido nas outras personagens do romance. Esther faz o movimento contrário das mulheres que rodeiam Mary, pois não a critica, mas, de um jeito pouco convencional e cheio de medos, a acolhe.

Mary Barton é orientada pela tia, Esther – a mulher à margem, que a vê repetindo os erros de seu passado. No entanto, Esther sente-se impotente, pois acredita que é uma pecadora e que as suas orações não serão ouvidas por Deus, algo paradoxal, uma vez que a doutrina cristã estimula a igualdade e o perdão e Esther não acreditava que isso pudesse acontecer com ela. Logo a seguir, há a súplica de Esther para que Mary se afaste de Henry. A tia se compadece da sobrinha, pois encontra semelhanças entre os sentimentos dela e os da jovem:

Ela ouve como eu ouvi, ama como eu amei, e seu fim será o mesmo que o meu. Como vou salvá-la? Ela não vai ouvir meus avisos, assim como eu não ouvi; e quem mais a ama o suficiente para tomar conta dela, como deviam ter tomado de mim? Que Deus a guarde do mal! Mas não vou rezar por ela; se

¹⁷⁴ “My darling! my darling! even after death I may not see thee, my own sweet one! she was so good—like a little angel. What is that text, I don't remember,— the text mother used to teach me when I sat on her knee long ago; it begins, 'Blessed are the pure.’” (GASKELL, s.a., p.94)

sou uma pecadora! Alguém vai escutar minha reza? Não! Só vai fazer mal. Como eu posso salvar Mary? Ela não me ouviu! (GASKELL, MB, 2017, p.149)¹⁷⁵

A ruína que Esther não deseja à Mary é resumida nas falas da mãe do homem apaixonado pela heroína, no entanto, ela não retribui o sentimento de Jem de início. Para a mãe de Jem, o amor que o filho sentia por Mary foi o principal motivo para a ruína do pobre homem. Em um momento de revolta pela prisão injusta de Jem, Mary é comparada ao sepulcro caiado do Evangelho de Mateus: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície” (Mt, 23.27). O discurso da mãe de Jem é dirigido à Mary para feri-la, na intenção de que a protagonista possa sentir a mesma dor que a personagem, aquela mãe sofrida, estava sentindo. As figuras criadas por essas aberturas semânticas: “sepulcro caiado”, “hipócritas” nos remete às convenções da sociedade retratada por Gaskell, constituída por moralismos torpes. Mary, nesse contexto, é a mulher à margem, a menina imatura que é sabotada pela ambição, totalmente reprováveis, mas justificáveis, uma vez que a protagonista já havia passado por momentos muito difíceis causados pela pobreza que ela e sua família enfrentava. A culpa, mesmo que injusta, recai sobre os ombros da protagonista:

E é você quem se atreve a pisar nesta casa, depois do que aconteceu? Não foi suficiente me roubar o menino com suas artes e sua indecência? Fez questão de vir aqui contar vantagem? Para mim, que sou mãe dele? Sabe onde ele está, sua vagabunda, com esses olhos azuis enormes e esse cabelo amarelo que levam os homens à ruína? Fora daqui! Você e essa sua cara de anjo, seu sepulcro caiado! (GASKELL, MB, 2017, p. 266)¹⁷⁶.

Ao longo das narrativas, a fé se dá na resolução de conflitos, uma vez que os acontecimentos são justificados por ela. É como se houvesse um Deus que controlasse cada passo dos personagens e retribuísse a cada um na sua devida proporção. Além disso, a conversão ao Cristianismo e à Igreja Anglicana representavam a saída necessária para a evolução. Assim, como observado na escolha dos trechos, todos os personagens voltam-se para a escuta do Evangelho e, conseqüentemente, para o anglicanismo: “Em todos os seus romances, tanto homens quanto mulheres podem ou não conduzir sua vida de acordo com os princípios

¹⁷⁵ “She was listening just as I listened, and loving just as I loved, and the end will be just like my end. How shall I save her? She won't hearken to warning, or heed it more than I did: and who loves her well enough to watch over her as she should be watched? God keep her from harm! And yet I won't pray for her; sinner that I am! Can my prayers be heard? No! they'll only do harm. How shall I save her? She would not listen to me.” (GASKELL, s.a., p.71)

¹⁷⁶ “And is it thee that dares set foot in this house, after what has come to pass? Is it not enough to have robbed me of my boy with thy arts and thy profligacy, but thou must come here to crow over me—me—his mother? Dost thou know where he is, thou bad hussy, with thy great blue eyes and yellow hair, to lead men on to ruin? Out upon thee with thy angel's face, thou whited sepulchre!” (GASKELL, s.a., p.135)

cristãos: em *Mary Barton*, Job Legh o faz e John Barton não o faz. Mas não existe maior alegria no Céu como o pecador que se arrepende.” (BEER, 1974, p.132)¹⁷⁷

Para corroborar essas afirmações, Beer (1974) ainda sublinha que o Cristianismo puro e prático de Gaskell estava direcionado, principalmente, aos problemas femininos: nas ações e dificuldades ao longo da jornada de Margaret Hale e de Mary Barton, que, com a ajuda divina, conseguiram libertar-se e suportar as adversidades¹⁷⁸, enquanto, em Esther, há a tentativa de redenção, uma vez que ela, na situação de prostituta, arrepende-se de suas escolhas por meio da religião¹⁷⁹: “Pois Barton se lembrou da humildade de Esther, do reconhecimento tácito de sua ruína; e começou a cismar, pensando se existiria mesmo na religião aquele poder do qual tantas vezes já ouvira falar, de afastá-la daquele caminho. Acreditava que nenhum poder mundano que conhecia fosse capaz de fazê-lo.” (GASKELL, 2017, p.151)¹⁸⁰

Juntamente ao aspecto religioso, há a militância política dessas heroínas, as quais buscam por meio de seu credo em Deus lutar por sua emancipação (em *Norte e Sul*) e pela verdade e redenção (em *Mary Barton*). Embora política e religião pareçam díspares, nas narrativas, a fé e a luta feminina se complementam.

¹⁷⁷ In all the novels men, like women, may or may not conduct their lives according to Christian principles: in *Mary Barton*, Job Legh does and John Barton does not. But there is not nearly so much joy in Heaven over the sinner that repenteth if he happens to be a man. (BEER, 1974, p.132)

¹⁷⁸ Though few modern readers would agree that the right aim of all exertion was the advancement of the Kingdom of God and perhaps none would so shackle the cultivation of the individual life as to make it dependent on the Divine Will, yet equivalent contemporary terms could be found to make the point of view seem sympathetic and enlightened. Certainly Elizabeth Gaskell’s realization that she had ‘a great number of Mes’ and her intelligent struggle to sort them all out so positively fashionable if expressed in the language of psychology rather than of religion. At all events, we have to accept that her absolute and practical Christianity was bound to direct her approach to feminine problems. (BEER, 1974, p.35)

¹⁷⁹ In some of her heroines she shows us women who interpret everything openly in terms of their religion, who feel and act voluntarily, almost spontaneously, in terms of their relationship with God. (BEER, 1974, p.129-30)

¹⁸⁰ For he now recalled her humility, her tacit acknowledgment of her lost character; and he began to marvel if there was power in the religion he had often heard of, to turn her from her ways. He felt that no earthly power that he knew of could do it. (GASKELL, s.a., p. 72)

4. Mary Barton e Margaret Hale: tensões, disparidades e semelhanças entre as heroínas

Para problematizarmos a relação do século XIX com a ascensão do feminino, as ponderações de Peter Gay (1989) nos são pertinentes. De acordo com o historiador, o modo como o homem sente a mulher tornou-se tema de romances na era vitoriana, já que a emancipação feminina, especialmente nos meios públicos, era considerada uma anomalia. Nos séculos anteriores, a mulher ocupava apenas pequenos espaços, como cuidadora dos bens de seus familiares, a direção de pequenas empresas e, por vezes, eram parteiras. Vemos, em várias narrativas, que o único trabalho que concedia o mínimo de intelectualidade às mulheres era o magistério. Essa representação se dá em romances como *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, no qual a personagem principal trabalha como preceptora para alcançar sua independência.

Gay (1989) destaca que, durante a década de 1860, os cargos de professores eram os mais necessários, e as mulheres, por falta de opções na maioria dos casos, tinham disponibilidade e aceitavam salários mais baixos do que os razoavelmente justos para a profissão. Além disso, a ocupação do magistério representava a extensão do trabalho das mulheres dentro de suas casas, materializado no cuidado e na orientação às crianças. Assim, segundo o historiador, por meio do paternalismo e até mesmo de calúnias, os homens minavam e subjugavam as conquistas femininas, pois, ao longo do século, as mulheres permaneceram sob a tutela de seus pais e de seus maridos, como propriedades irrevogáveis. Havia, inclusive, leis que permitiam o adultério e que desautorizavam a figura feminina tanto no público quanto no privado. As opiniões sobre as mulheres podem ser resumidas na fala de um dos personagens de *Norte e Sul*, na qual é possível inferir a culpabilização que era imposta ao feminino: “Peça a ela para cuidar de suas próprias coisas [leia-se: assuntos domésticos] da próxima vez, em vez de tomar seu tempo e o meu também. Creio que mulheres estão por trás de cada praga desse mundo. Vá-se embora” (GASKELL, N&S, 2015, p.313).¹⁸¹

Ainda nas palavras de Gay (1983), as mulheres eram invisíveis literariamente, trabalhando com pseudônimos masculinos, a exemplo das irmãs Brontë e de algumas jornalistas europeias. Essas escritoras preferiam que seus verdadeiros nomes não fossem reconhecidos para, especialmente, resguardarem-se dos ataques furiosos dos homens, especialmente dos autores, que sentiam-se invadidos ou ameaçados pelo talento feminino. Vemos, assim, que o sobrenome do marido de Elizabeth – Gaskell – auxiliou-a na publicação

¹⁸¹ Tell her to mind her own business the next time, instead of taking up your time and mine too. I believe women are at the bottom of every plague in this world. Be off with you. (GASKELL, 2012, p. 661)

de seus romances. No entanto, não impediu que a escritora recebesse as mais diversas críticas, inclusive de cunho *ad hominem*.

No decorrer do século XIX, algumas leis foram implementadas, como a Lei das Causas Matrimoniais, que, embora garantisse o direito do divórcio, ainda expunham as mulheres às opressões masculinas, porque elas só podiam desvencilhar-se do matrimônio se comprovassem algum tipo de violência, como violação e/ou sodomia. Além das mulheres casadas, havia as opressões contra as prostitutas, que, segundo Gay (1989), eram submetidas às inspeções médicas, enquanto seus clientes, principalmente os marinheiros, não enfrentavam nenhuma perícia ou humilhação. Essas ações lembravam e reforçavam a inferioridade da mulher em relação à figura masculina: “A quem a prostituta, a pária contaria sua história? Quem iria lhe ajudar na necessidade? Seu pecado é como a lepra; todos se afastam com medo de serem considerados impuros.” (GASKELL, 2017, p.188)¹⁸². Observamos que a caracterização de Esther dialoga com a postulação de Gay (1989) – a mulher abandonada pelo amado e colocada à margem. Como prostituta e mulher pobre, Esther esperava a prisão a qualquer momento: “Com isso, a noite passou. Na manhã seguinte, Esther foi levada para o tribunal de New Bailey. Era um caso claro de vadiagem, e ela foi condenada a um mês de prisão” (GASKELL, MB, 2017, p.149).¹⁸³ A pobre mulher vagava pelas ruas, totalmente bêbada e, como acontece em toda a higienização proposta pelas grandes lideranças nas cidades, em vez de ajudada, Esther era levada para o cárcere, como todos os desviados das normas moralistas da época.

Além de tudo, a objetificação, infantilização e reprimenda na participação política das mulheres vigorava plenamente por princípios conservadores, que se pautavam em ensinamentos bíblicos utilizados arbitrariamente. Vemos claramente aqui a face da hipocrisia da sociedade vitoriana:

“Minha mulher e eu somos um só”, diziam os homens do século XIX, “e esse um sou eu”. Na Inglaterra, essa atitude complacente estava firmemente arraigada no direito comum, proporcionando por toda parte argumentos contrários às mulheres: impedia que elas gerenciassem suas próprias heranças, que atuassem em sua própria defesa nos tribunais, que abrissem contas bancárias em seus próprios nomes e contraíssem dívidas sob sua própria responsabilidade. O mais escandaloso, negligente e brutal dos maridos podia obter a custódia de seus filhos, numa afronta direta aos fatos do processo e às mais óbvias sugestões do bom senso (GAY, 1989, p.132).

¹⁸² To whom shall the outcast prostitute tell her tale? Who will give her help in the day of need? Hers is the leper sin, and all stand aloof dreading to be counted unclean. (GASKELL, s.a., p.92)

¹⁸³ So the night wore away. The next morning she was taken up to the New Bailey. It was a clear case of disorderly vagrancy, and she was committed to prison for a month. (GASKELL, s.a., p.71)

Observamos que luta, resistência e oposições marcam a construção das heroínas, Margaret Hale e Mary Barton, heroínas díspares, com ideais de amor romântico e de luta por emancipação. Margaret Hale, em *Norte e Sul*, quebra alguns estereótipos, já que conquista ou é suportada pelos homens de negócios e pelas mulheres mais conservadoras, que reforçavam os ideais de inferioridade. No entanto, para ser suportada, Margaret adota implicitamente o discurso daqueles a quem ela se opõe, uma vez que a heroína adentra o campo político e tem de fazer negociações para conseguir aquilo que deseja. Nesse sentido, a protagonista assume uma posição mais reformista do que revolucionária, já que não instiga nenhuma mudança drástica naquela sociedade.

Desse modo, para corroborar alguns dos argumentos referentes às protagonistas, trabalhamos com as postulações de Vasconcelos (1995) referentes às heroínas dos séculos XVIII, mas que são muito válidas para a reflexão das heroínas do século XIX. Segundo a autora, as heroínas funcionavam como “paradigmas de feminilidade”, pois a moderação, a inocência, dentre outros atributos deveriam ser fundamentais na constituição delas. Tais características se estendiam às mulheres da sociedade além da representação:

[...] eram as qualidades essenciais das heroínas como Cecilia, Camilla, Belinda, etc., cuja educação era baseada na defesa intransigente da virtude, entendida menos como uma questão de princípio do que como um conjunto de regras que visavam exclusivamente à preservação da castidade. Tanto na vida real quanto na ficção, elas deviam ser pacientes, modestas, humildes e delicadas, não deviam almejar o conhecimento ou aspirar à vida intelectual e nem amar antes de serem amadas; uma vez casadas, deviam a seus maridos obediência e submissão. (VASCONCELOS, 1995, p.94).

Assim com relação às particularidades das heroínas, há uma quebra de expectativas tanto em Margaret Hale quanto em Mary Barton. A protagonista de *Norte e Sul*, por exemplo, coloca sua opinião à apreciação em favor dos operários, em um momento de embate, anterior à greve, na tentativa de propiciar um diálogo entre patronato e operariado, colocando-se em uma posição conciliadora e contraditória, posto que Margaret defende o patrão, Sr. Thornton, diante da multidão que a espreitava: “‘Oh, não usem violência! Ele é um homem, e vocês são muitos.’ Mas suas palavras se extinguíram, pois sua voz não tinha força; era senão um áspero sussurro.” (GASKELL, 2015, p.180).¹⁸⁴

A postura de Margaret é diplomática e pouco pragmática, pois se utiliza apenas dos

¹⁸⁴ – Oh, do not use violence! He is one man, and y ou are many; but her words died away, for there was no tone in her voice; it was but a hoarse whisper. Sr. Thornton stood a little on one side; he had moved away from behind her, as if jealous of any thing that should come between him and danger.(GASKELL, 2012, p.540)

discursos para convencer os extremos e isso, fatalmente, a torna uma heroína antirrevolucionária, dado que não menciona uma transformação profunda na sociedade e na luta entre as classes, mas apenas batalha pelo mútuo entendimento.

Ainda sobre as quebras de expectativas na construção das heroínas, Vasconcelos (1995) explicita que questões de cunho político e filosófico, como a mencionada anteriormente, não eram discutidas por mulheres, uma vez que a elas eram relegadas a arte da conversa, dos cuidados familiares e da adequação do vestuário:

Assuntos sérios não eram para elas. Tinham sim é que se concentrar no aprendizado da modéstia, graça, decoro, recato e delicadeza. Em contrapartida, a frivolidade, a coqueteria e o flerte eram geralmente condenados como faltas graves em uma mulher (VASCONCELOS, 1995, p.90).

Observamos que Margaret não está ligada a essas frivolidades. No entanto, seus pares estão, como no caso de sua prima Edith, que se preocupa com os assuntos do casamento, algo que entedia Margaret em muitos níveis. A seguir, há um trecho da fala de um personagem chamado Henry Lenox, amigo e advogado de Margaret, o qual explicita a visão do homem sobre o papel das mulheres naquele espaço: “Bem, suponho que vocês estejam mergulhadas nos negócios – negócios das damas, digo. Muito diferente ao meu negócio, que é o verdadeiro e real negócio da lei. Brincar com xales é trabalho muito diferente de elaborar acordos” (GASKELL, N&S, 2015, p.14).¹⁸⁵ Assim como destacado por Vasconcelos (1995), os homens desejavam que as mulheres permanecessem no plano privado. Outro aspecto é a forma infantil com a qual Lenox trata a ocupação das personagens femininas, comparando-a a uma brincadeira.

A heroína ainda lidera os assuntos familiares e, desse modo, se diferencia das outras personagens da narrativa, principalmente da irmã de John Thornton, que se preocupa apenas em contrair um casamento vantajoso. Margaret Hale, por outro lado, não se atém às regras convencionais da sociedade, mesmo que também deseje se unir em matrimônio. No entanto, seus ideais para que isso realmente aconteça revelam-se nobres. Nesse sentido, Margaret Hale e Mary Barton mostram-se bastante díspares, pois a segunda deseja unir-se em casamento com um homem que proporcione estabilidade financeira e que, fatalmente, a livre do trabalho das fábricas:

A menina sabia que era muito bonita; os inúmeros operários que circulavam pelas fábricas que, com sua franqueza falavam a verdade

¹⁸⁵ – Well, I suppose you are all in the depths of business – ladies business, I mean. Very different to my business, which is the real true law business. Playing with shawls is very different work to drawing up settlements. (GASKELL, 2012, p. 393)

(qualquer que fosse) a qualquer transeunte, logo tinham revelado a Mary o segredo de sua beleza. [...] Assim, por sua consciência, Mary logo decidiu que aquela beleza faria dela uma dama; um *status* que ambicionava ainda mais devido às agruras do pai; um *status* que acreditava firmemente ter atingido pela sua tia Esther. (GASKELL, 2017, p.36)¹⁸⁶

Vemos, assim, que Margaret Hale é mais afeita, de início, ao amor romântico do que Mary Barton e isso se deve, sobretudo, pelas classes sociais das quais emergem, a primeira da classe média e a segunda do operariado têxtil. Mary Barton se vale da pragmática, assim como seu pai (John Barton), forjada pela dificuldade da vida, pelas arbitrariedades do trabalho manual, uma vez que ela era costureira e trabalhava exaustivamente noite e dia.

Margaret Hale possuía uma visão mais filosófica sobre o amor romântico, pois acompanhou a união de seus pais e a devoção de Senhor Hale à esposa ao longo dos anos. A personalidade intelectual e a perspectiva de mundo bastante humana do pastor leva Margaret a acreditar nas pessoas para além do cálculo, tão presente na constituição de Mary Barton. Desse modo, a ascensão social da protagonista não depende de fatores externos, porque ela herda uma fortuna de Sr. Bell, seu padrinho. Nesse sentido, percebemos que é mais fácil para Margaret nutrir ideias de amor romântico, pois os problemas elementares que rondam a vida de Mary não estão tão presentes no seu cotidiano. A atração de Mary estava repleta de orgulho juvenil. Ser bem quista, mesmo pertencendo a uma classe desfavorecida, lhe era estimulante, uma vez que não tivera a mesma sorte de Margaret, a herança de um parente distante:

[...] ela não era insensível ao orgulho de ter atraído um homem de um *status* tão superior; e nem ao prazer secreto de saber que ele, admirado por tantas, muitas vezes dissera que daria tudo por um de seus sorrisos doces. O amor de Mary por ele era uma bolha, inflada pela vaidade, mas parecia muito real e muito brilhante (GASKELL, MB, 2017, p.139).¹⁸⁷

Do lado de Margaret e de acordo com Beer (1974), no momento em que Margaret Hale, no final de *Norte e Sul*, herda uma fortuna, todos os personagens da narrativa esperam que ela se “sente decorativamente” e aguarde o seu cônjuge. No entanto, a protagonista afasta-se desse papel e toma as rédeas da própria vida e, ao contrário, no momento de maior dificuldade de John Thornton, o herói da narrativa, que quase perde a fábrica têxtil em decorrência das

¹⁸⁶ So with this consciousness she had early determined that her beauty should make her a lady; the rank she coveted the more for her father's abuse; the rank to which she firmly believed her lost aunt Esther had arrived. (GASKELL, s.a., p.13)

¹⁸⁷ – Well, I suppose you are all in the depths of business – ladies business, I mean. Very different to my business, which is the real true law business. Playing with shawls is very different work to drawing up settlements. (GASKELL, 2012, p. 393)

sucessivas greves, Margaret o auxilia com a sua fortuna e o seu apoio, que denota força e traquejo financeiro. Mesmo assim, ela ocupa uma posição ambígua, pois investe na fábrica de Thornton e não auxilia os pobres diretamente:

Oh! Aqui está! Ele me redigiu uma proposta – eu queria que ele estivesse aqui para explicá-la – mostrando que se o senhor aceitasse algum dinheiro meu, dezoito mil e cinquenta e sete libras, que, neste exato momento, estão sem uso no banco, e trazendo para mim apenas dois e meio por cento... Bem, o senhor poderia me pagar juros melhores, e pode continuar mantendo as fábricas de Marlborough. (GASKELL, 2015, p.427)¹⁸⁸

Mary Barton, de seu lado, empreende uma caminhada para desvencilhar-se de sua realidade enquanto costureira e filha de operário. Assim, a personagem tem consciência de sua beleza e do que ela pode fazer por meio dela. O que move Mary, inicialmente, é mais o sonho liberal da meritocracia ou do *self-made woman* do que a ideia de igualdade social. Mary demonstra sua ambição desde bem pequenina: “Mary correu como um coelho para realizar aquela que, para uma menina de treze anos que gostava de ter poder, era a parte mais interessante da tarefa – a hora de gastar dinheiro.” (GASKELL, 2017, p.26)¹⁸⁹

Assim como explorado no capítulo referente à religião, Mary se espelha na liberdade de sua tia Esther. No entanto, a personagem desconhece que a tia está relegada às maiores dificuldades por ter sido covardemente abandonada. Desse modo, o caráter de Mary se difere da constituição de Margaret Hale, pois a segunda repreende pedidos de casamento, mesmo que estes se mostrem muito interessantes para sua vida financeira. Mary Barton diferencia-se, uma vez que foge dos sentimentos por Jem Wilson, que não é um simples tecelão, lutando por condições dignas, enquanto corre para os braços do filho de um dos patrões, Harry Carson. Mas tal personagem usa Mary sem nenhum pudor, especialmente quando a chama de coquete, termo que, de acordo com o dicionário *Michaelis*, alude ao comportamento de mulheres sedutoras, que procuram despertar o interesse amoroso e o desejo por meio de sua aparência:

Com mais liberdade do que jamais usaria antes, o Sr. Carson envolveu com firmeza a cintura de Mary, apesar de sua resistência indignada. - Não, não! Sua bruxinha! Agora que eu lhe peguei, não largo mais. Diga agora o que a fez correr tão depressa de mim nesses últimos dias. Diga, minha doce coquete! (GASKELL, MB, 2017, p.161)¹⁹⁰

¹⁸⁸ I wish he was here to explain it – showing that if you would take some money of mine, eighteen thousand and fifty –seven pounds, lying just at this moment unused in the bank, and bringing me in only two and a half per cent. – you could pay me much better interest, and might go on working Marlborough Mills. (GASKELL, 2012, p.761)

¹⁸⁹ Mary ran off like a hare to fulfil what, to a girl of thirteen, fond of power, was the more interesting part of her errand—the money– spending part. (GASKELL, s.a., p.8)

¹⁹⁰ With more freedom than he had ever used before, Mr. Carson put his arm firmly round Mary's waist, in spite of her indignant resistance. "Nay, nay! you little witch! Now I have caught you, I shall keep you prisoner. Tell me

Anteriormente, destacamos que a constituição das heroínas está paulatinamente atravessada pelos ideais paternos e pelas convicções dos personagens masculinos das tramas. Ambas as personagens perdem suas mães prematuramente e tendem a enfrentar o mundo sozinhas e seus pais são as figuras mais próximas: Margaret Hale herda o sentimento de conciliação do pai enquanto Mary Barton é tão impetuosa quanto o pai (homem que desafia os padrões e se perde em sua raiva e vingança, movido pela passionalidade, da tirania do patrão, por meio do filho – Barton comete um homicídio e, assim, inicia-se a derrocada de sua jornada enquanto sindicalista.

Assim, conforme Mary ia crescendo solta e ficando mais geniosa e mais bonita a cada dia, seu pai era presidente de muitas das assembleias do sindicato; era amigo de delegados e ambicionava ele próprio se tornar um; era um cartista, pronto a fazer qualquer coisa pelo movimento. (GASKELL, MB, 2017, p.35)¹⁹¹

A decadência do pai de Margaret Hale também é diferente da derrocada de John Barton, já que Sr. Hale luta contra as arbitrariedades religiosas intelectualmente, ou seja, há uma diferenciação no que se refere às forças, porque, de um lado, há o embate físico e, de outra perspectiva, o embate intelectual, tendo em vista que os personagens emergem de diferentes espaços sociais. Margaret Hale conheceu de perto o luxo e as bem aventuranças de uma vida rica no tempo em que viveu com sua tia Shawn em Londres. Esse fato pode explicar o desaparecimento e até mesmo a indiferença com relação a tudo o que envolvia poder financeiro:

Ela sabia e havia ponderado sobre a ideia de que deveria desistir de muitos luxos, que haviam trazido apenas aborrecimentos e empecilhos à sua liberdade em Harley Street. Seu entusiasmo perspicaz com cada prazer material era delicadamente equilibrado, se não em demasia, por seu consciente orgulho de ser capaz de viver sem tudo isso, se necessário fosse. (GASKELL, 2015, p.22)¹⁹²

Enquanto isso, Mary Barton apenas viveu as lutas da classe operária que sobrevivia aos dias. Assim, as necessidades básicas de vida do operariado misturavam-se com o sonho de pertencer à burguesia, classe para a qual Mary prestava serviços. Desse modo, as ambições das

now what has made you run away from me so fast these few days—tell me, you sweet little coquette!" (GASKELL, s.a., p.79)

¹⁹¹ So while Mary took her own way, growing more spirited every day, and growing in her beauty too, her father was chairman at many a Trades' Union meeting; a friend of delegates, and ambitious of being a delegate himself; a Chartist, and ready to do anything for his order. (GASKELL, s.a., p.12)

¹⁹² She knew, and had rather revelled in the idea, that she should have to give up many luxuries, which had only been troubles and trammels to her freedom in Harley Street. Her keen enjoyment of every sensuous pleasure, was balanced finely, if not overbalanced, by her conscious pride in being able to do without them all, if need were. (GASKELL, 2012, p.399)

heroínas são díspares. Porém, há um ponto convergente entre elas: as crenças religiosas, uma vez que as personagens se apoiam nos ideais cristãos para resistirem e se resignarem.

Com relação à militância política, observamos que a consciência de classe de Mary Barton desponta com mais força quando a personagem tem de se posicionar a favor de Jem, já que ele foi julgado injustamente por um crime cometido pelo próprio pai da protagonista. A voz da Mary é ouvida diante de um tribunal no qual ela coloca à prova sua reputação na defesa de Jem, que, posteriormente, tornar-se-á o seu amado:

Ele me perguntou quem eu preferia. Talvez tenha gostado do Sr. Harry Carson um dia. Não sei; me esqueci, mas amei James Wilson, que está aqui sendo julgado, mais do que as palavras podem dizer, mais do que tudo nesta terra; e o amo agora, mais do que nunca, embora ele só esteja descobrindo isso agora. Pois entenda, meu senhor, eu perdi minha mãe antes de fazer treze anos, antes de saber a diferença entre o certo e o errado sobre algumas coisas e fiquei vaidosa e fútil, disposta a ouvir qualquer elogio à minha beleza. (GASKELL, 2017, p. 382)¹⁹³

Diferentemente de Mary, Margaret Hale cresce com seus pais e os perde quando ela já está com o caráter formado. Isso pode ser observado no embate que ela trava com outra personagem da narrativa, a Senhora Thornton. A mãe de Thornton demonstra traços de personalidade parecidos com os de Margaret e é essa intensa similitude que as distancia nas primeiras ações da narrativa: “A senhorita tem um temperamento muito bom. Se John e a senhorita houvessem ficado juntos, ele teria que manter uma mão firme para lhe fazer saber qual é o seu lugar” (GASKELL, 2015, p.310).¹⁹⁴ A fala da personagem destaca aspectos moralistas e, principalmente, o ideário de “mulher perfeita”: a senhora do lar, a que deve reconhecer o seu lugar. As desavenças entre Margaret e a Senhora Thornton também se deve a essa postura retrógrada que a segunda insiste em cultivar.

Observamos também que Margaret Hale levanta sua voz e se coloca em defesa de Thornton diante de homens que também clamam por justiça social e dignidade. Assim, a protagonista, metaforicamente, está diante de um tribunal que julga o patrão John Thornton. Margaret, assim como Mary, faz um apelo aos corações daqueles homens: os discursos das heroínas trabalham com a emoção do povo, as resoluções objetivam, especialmente, a conciliação, pois evocam os ideais cristãos, falam à alma dos personagens e enumeram aspectos

¹⁹³ Perhaps I liked Sr. Harry Carson once—I don't know—I've forgotten; but I loved James Wilson, that's now on trial, above what tongue can tell—above all else on earth put together; and I love him now better than ever, though he has never known a word of it till this minute. For you see, sir, mother died before I was thirteen, before I could know right from wrong about some things; and I was giddy and vain, and ready to listen to any praise of my good looks (GASKELL, s.a., 199)

¹⁹⁴ “You've a pretty good temper of y our own. If John and you had come together, he would have had to keep a tight hand over y ou, to make you know your place.” (GASKELL, 2012, p. 658)

que os aproximam: patrões e operários, tribunal e réu. No entanto, não há apenas aspectos positivos no discurso de Mary, já que a enumeração dos princípios religiosos também estão constituídos de resignação, passividade e apelo moral e às consciências, geralmente pesadas, do júri. Quando Mary vai à luta por Jem, para provar a inocência daquele que aprendera a amar, a visão dos outros personagens sobre ela muda drasticamente: “Margaret começou a sentir carinho por Mary de novo; a ver nela a mesma criatura doce, falha, impulsiva, adorável que sabia ser Mary Barton, mas com mais dignidade, autoconfiança e determinação” (GASKELL, MB, 2017, p.304).¹⁹⁵ No trecho anterior, observamos que a necessidade faz com que a protagonista amadureça efetivamente e enfrente desafios inimagináveis, como partilhar de uma viagem de barco com pessoas desconhecidas: “E, em menos de cinco minutos, Mary estava num barco pela primeira vez na vida, sozinha com dois homens rudes e carrancudos” (GASKELL, MB, 2017, p.342).¹⁹⁶

De acordo com Beer (1974), as revelações de Esther (tia de Mary) à sua sobrinha, e que servem de estopim para que a protagonista declare amor que sente pelo algoz aos juízes para proteger Jem, é a quebra de um tabu. Segundo a autora, as protagonistas percebem que, com uma comunicação apaziguadora, Mary poderia fazer o bem a Jem, preso injustamente por um crime cometido pelo pai da protagonista, além de colocar a culpa, pelos atos impensados cometidos, em sua ingenuidade e na perda prematura da mãe. Mary atribui todas as suas falhas a padrões irrealistas de amor: “[...] fiquei vaidosa e fútil, disposta a ouvir qualquer elogio à minha beleza. Esse pobre Sr. Carson [...] disse que me amava e eu fui tola o suficiente para acreditar que queria se casar comigo” (GASKELL, MB, 2017, p.382)¹⁹⁷. A protagonista não tinha consciência do lugar político que ocupava, pois a beleza não poderia vencer as grandes diferenças de classe e os moralismos da sociedade:

Sabia que o prisioneiro tinha conhecimento do interesse de Henry Carson por você? Lembre-se de que fez um juramento!
Nunca soube, senhor. Só descobri quando ouvi falar da briga que eles tiveram e do que Jem tinha dito para o policial e isso foi só depois do crime. Até hoje não sei quem contou para Jem. Ah, senhor, eu posso ir embora agora? (GASKELL, 2017, p.383)¹⁹⁸

¹⁹⁵ Margaret began to love her again; to see in her the same sweet, faulty, impulsive, lovable creature she had known in the former Mary Barton, but with more of dignity, self-reliance, and purpose. (GASKELL, s.a., p.158)

¹⁹⁶ And in less than five minutes she was rocking and tossing in a boat for the first time in her life, alone with two rough, hard-looking men. (GASKELL, s.d.,p.176)

¹⁹⁷ I was giddy and vain, and ready to listen to any praise of my good looks; and this poor young Mr. Carson fell in with me, and told me he loved me; and I was foolish enough to think he meant me marriage. (GASKELL, s.a., p.201)

¹⁹⁸ “Were you aware that he knew of Sr. Henry Carson's regard for you? Remember you are on your oath!” “Never, sir. I was not aware until I heard of the quarrel between them, and what Jem had said to the policeman, and that was after the murder. To this day I can't make out who told Jem. O sir, may not I go down?” (GASKELL, 2012, p.200)

De seu lado, Margaret Hale tenta entender os motivos dos patrões, não apenas dos operários, mesmo que isso custe colocar suas crenças à prova: “‘Cromwell [estadista inglês] não é meu herói’, disse ela, friamente. ‘Mas estou tentando conciliar a sua admiração pelo despotismo com o seu respeito pela independência de caráter de outros homens.’” (GASKELL, 2015, p.125)¹⁹⁹. As vozes das mulheres são mais suportadas do que realmente recebidas, uma vez que são refutadas e colocadas diante de debates que se valem de palavras torpes, referindo-se, principalmente, ao seu caráter, no caso de Mary Barton. Por outro lado, em Margaret Hale, os homens de negócios se valem do pouco conhecimento da heroína sobre o jogo comercial de Milton do Norte para desfazer seus discursos ou contradizê-la:

As relações deles eram uma série de contínuas oposições. Suas opiniões se confrontavam; e, de fato, ela nunca havia percebido que ele se importasse com as opiniões dela, enquanto pertencentes a ela como indivíduo. Ele parecia livrar-se delas com desprezo, na medida em que desafiavam seu caráter forte e pétreo. (GASKELL, 2015, p.199)²⁰⁰

Observamos que para as resoluções e para os desfechos dos confrontos são feitas por meio de ideais de amor. Vemos que há pontos análogos, nesse sentido, com narrativas brasileiras, como *Senhora*, de José de Alencar, no qual a heroína transforma o herói pelo amor que dispensa a ele após castigá-lo. Desse modo, segundo Beer (1974), para Margaret Hale, o amor é uma batalha e a vitória se dá quando Thornton transforma a sua agressão e seu desejo de poder em ternura e união com os seus e com os operários, por extensão. Há o caminho inverso em Mary Barton, pois a mudança ocorre no comportamento da própria heroína. Nesse caso, Jem, o herói, é o verdadeiro agente de ternura e transformação genuínas.

Ao longo da narrativa, como visto anteriormente, a ambição por luxos de Mary é um pouco mais evidenciada, especialmente porque foi uma das personagens que mais experienciaram as dores da pobreza. Desde muito jovem, a personalidade de Mary é forjada com inpetuosidade, com fantasias sobre a classe média alta. Nas descrições da protagonista é possível observar mais arrivismos em seu comportamento do que ímpetus revolucionários. Mary é levada pela rebeldia em muitos momentos:

Mary tinha de trabalhar em algum lugar. As fábricas, como eu disse, estavam fora de questão e, portanto, havia duas possibilidades – ser empregada doméstica ou costurar para fora. [...] Três anos de

¹⁹⁹ “Cromwell is no hero of mine, said she, coldly. – But I am trying to reconcile your admiration of despotism with y our respect for other men’s independence of character.” (GASKELL, 2012, p.493)

²⁰⁰ Their intercourse had been one continued series of opposition. Their opinions clashed; and indeed, she had never perceived that he had cared for her opinions, as belonging to her, the individual. As far as they defied his rock-like power of character, his passion-strength. (GASKELL, 2012, p. 557)

independência (esse é o tempo que havia se passado desde a morte de sua mãe) não a deixaram nem um pouco inclinada a se submeter a regras que ditariam seus horários e companhias, a escolher suas roupas de acordo com a noção de decoro de uma patroa qualquer... (GASKELL, 2017, p. 35)²⁰¹.

Há também algumas analogias com os personagens bíblicos, como Adão e Eva. A alusão a Eva implica a ideia de pecado ou desejo proibido aos anseios da protagonista. Vemos, ainda, neste trecho, a ilusão de Mary sobre a independência de Esther sem saber os reais motivos da fuga da tia:

Sim! Mary era ambiciosa e não dava menos preferências ao Sr. Carson por ele ser rico e sofisticado. As antigas noções que, anos antes, sua tia Esther fizera nascer, tinham fomentado em seu peito, talvez ajudadas pela aversão do pai pai pelos ricos e nobres. Tal é a teimosia do coração humano, desde Eva, que nós, velhos Adãos, achamos que o proibido é mais doce. Assim, Mary se deixava levar pelo sonho de um dia se tornar uma senhora da alta sociedade e de fazer todas as coisas elegantes e fúteis que são próprias desse estado (GASKELL, 2017, p.98)²⁰².

Tendo em vista que há aspectos duais em todas as personagens, as ambições de Mary apresentavam um fundo nobre, principalmente com relação ao pai, John Barton. Mary desejava não só seu próprio conforto, mas o do pai também. Além de tudo, aqueles que a ajudaram na dificuldade seriam agraciados pela recompensa recebida pelo casamento vantajoso que Mary faria:

[...] Mas a melhor parte de seus planos, a mais santa, aquela que, em certa medida, redimia a vaidade do resto, era a relação que tinha com o pai; seu querido pai, oprimido de preocupação, sempre desanimado e melancólico. Mary o cercaria de todos os confortos que lhe ocorressem (pois é claro que ele iria morar com ela e o marido) até que ele reconhecesse que a abundância era muito agradável e abençoasse a filha rica! Todos os que tivessem sido gentis com ela na humildade receberiam uma recompensa cem vezes maior. (GASKELL, 2017, p. 98)²⁰³

²⁰¹ Three years of independence of action (since her mother's death such a time had now elapsed) had little inclined her to submit to rules as to hours and associates, to regulate her dress by a mistress's ideas of propriety, to lose the dear feminine privileges of gossiping with a merry neighbour, and working night and day to help one who was sorrowful. (GASKELL, s.a., p.12-13)

²⁰² Yes! Mary was ambitious, and did not favour Mr. Carson the less because he was rich and a gentleman. The old leaven, infused years ago by her Aunt Esther, fermented in her little bosom, and perhaps all the more, for her father's aversion to the rich and the gentle. Such is the contrariness of the human heart, from Eve downwards, that we all, in our old Adam state, fancy things forbidden sweetest. So Mary dwelt upon and enjoyed the idea of some day becoming a lady, and doing all the elegant nothings appertaining to ladyhood. (GASKELL, s.a., p.44)

²⁰³ But the best of her plans, the holiest, that which in some measure redeemed the vanity of the rest, were those relating to her father; her dear father, now oppressed with care, and always a disheartened, gloomy person. How she would surround him with every comfort she could devise (of course, he was to live with them), till he should acknowledge riches to be very pleasant things, and bless his lady-daughter! Every one who had shown her kindness in her low estate should then be repaid a hundredfold. (GASKELL, s.a., p.43)

A desilusão dos sonhos de Mary se dá quando, tardiamente, descobre os verdadeiros planos de Henry Carson. Nas palavras de Carson é possível observar que uma mulher da classe de Mary jamais fosse parte da família daquele homem. O interesse dele estava ligado diretamente à beleza da jovem, da qual o personagem apenas queria usufruir na surdina, como um homem hipócrita e torpe que era. Por meio do discurso de Carson, vemos a marginalidade relegada às mulheres pobres e sem bons dotes na sociedade vitoriana, as quais eram classificadas como indignas de ascender socialmente por meio dos casamentos:

Deve saber (ou talvez não tenha tanta consciência disso) o quanto desagradaria aos meus pais se eu me casasse com você. Eles ficariam tão furiosos, e eu teria de suportar tanta zombaria, que é claro que nunca cogitei isso, até agora. Achei que poderíamos ser felizes o suficiente sem nos casarmos – disse o Sr. Carson, e essas palavras calaram fundo no coração de Mary (GASKELL, 2017, p.98)²⁰⁴.

O discurso de Henry Carson vai ao encontro de mais uma postulação de Vasconcelos (1995), na qual a autora destaca que a liberdade sexual era mais “aceita” entre as mulheres pobres. Essa aceitação explicita a percepção que a sociedade tinha das menos favorecidas: seres descartáveis. Embora Mary tenha desfrutado de uma falsa autonomia com relação a sua sexualidade, isso não a exime do julgamento impiedoso tanto do pai de Henry Carson quanto da mãe de Jem:

A distinção de classe também era clara: enquanto se esperava que as mulheres de classe média e alta fossem castas e que não se comportassem como seres sexuais, havia muito menos restrições em relação às mulheres das classes mais baixas. O controle da sexualidade feminina era uma das formas de domínio masculino sobre elas. Vista como volúvel e propensa à excitação sexual, a mulher era considerada uma ameaça à família nuclear monogâmica. Por isso, devia ser controlada de perto, principalmente através da apologia da castidade e da negação da paixão sexual. (VASCONCELOS, 1995, p.90)

Enquanto Henry Carson rejeita Mary, há Jem, que sofre todas as arbitrariedades em nome do amor que sente pela protagonista e é encarregado de livrá-la do destino impiedoso que se espreitava. Além de tudo, Jem é considerado um personagem livre de preconceitos, uma vez que olha com piedade para Esther, a tia que é julgada por vadiagem. Em um dos diálogos entre Jem e Esther fica evidente a forma compassiva com a qual Jem olha para a situação da personagem:

Você está triste por mim! Eu sei, mesmo que não diga em voz alta. Mas não pode fazer nada por mim. Eu já não tenho esperanças. So que

²⁰⁴ You know (or perhaps you are not fully aware) how little my father and mother would like me to marry you. So angry would they be, and so much ridicule should I have to brave, that of course I have never thought of it till now. I thought we could be happy enough without marriage." (Deep sank those words into Mary's heart.) (GASKELL, s.a., p.78)

ainda pode salvar Mary. Precisa salvar Mary. Ela é inocente, exceto pelo grave erro de amar um homem de outra classe social. Jem! Você vai salvar a menina, não vai? (GASKELL, MB, 2017, p.194)²⁰⁵

Esther coloca a responsabilidade da salvação de Mary nas mãos de Jem, especialmente porque acredita que apenas alguém da mesma classe social poderia fazê-lo: Jem era um trabalhador pobre e fatigado pela vida; conhecia as dores e as ambições que acometem aqueles que nunca experimentaram da fortuna. Desse modo, Jem exime sua amada de toda a culpa e ainda aconselha Mary sobre assuntos relacionados ao caráter: “Não, meu amor! Não se deve culpar ninguém. Quem é pobre só pode ter orgulho de seu caráter; e está muito certo que cada um tome conta do seu, tomando cuidado de não manchar” (GASKELL, 2017, p.423).²⁰⁶

A redenção que é alcançada pelas heroínas é bastante diferente, Mary, por exemplo, é salva por Jem graças ao amor que o pobre jovem sentia: “[...]o de ter o amor de Jem a qualquer hora do dia, para protegê-la de qualquer intempérie e qualquer pensamento perturbador” (GASKELL, MB, 2017, p.417).²⁰⁷ A sinceridade, o amor genuíno, a simpatia pela dor da protagonista pura e simplesmente. Jem, como um personagem afeito às simplicidades, desposa Mary, que também é carente, pois perde a mãe prematuramente e seu pai se forja grosseiramente pelas realidades da vida. A protagonista, tão rebelde e julgada ao longo de toda a narrativa, se torna mãe e dona de casa, algo que, de nosso ponto de vista, se trata de mais uma quebra de expectativa. Após tantas turbulências, Mary volta para o lugar que a sua mãe, anteriormente, ocupava e o qual a heroína não aceitava de início.

Essa mudança de papéis e, sobretudo, a aceitação deles nos possibilita afirmar que Mary é uma heroína dada às reformas e não às revoluções, pois a protagonista não faz nenhuma objeção efetiva ao *status quo*:

Vejo uma casa comprida e baixa de madeira, bastante espaçosa. As árvores ancestrais foram derrubadas num raio de muitos quilômetros, e apenas uma restou para dar sombra ao frontão da construção. Há um jardim em volta da casa, e lá longe, um pomar. A glória de um verão tardio banha tudo, fazendo o coração dar um pulo ao ver tanta beleza. Na porta da casa, olhando na direção da cidade, está Mary, esperando o marido voltar do trabalho. Enquanto aguarda, ela escuta, sorrindo:

²⁰⁵ "You are grieved for me! I know it better than if you told me in words. But you can do nothing for me. I am past hope. You can yet save Mary. You must. She is innocent, except for the great error of loving one above her in station. Jem! you WILL save her?" (GASKELL, s.a, p.95)

²⁰⁶"Nay, darling! I'm not for blaming them. Poor fellows like them have nought to stand upon and be proud of but their character, and it's fitting they should take care of that, and keep that free from soil and taint." (GASKELL, s.a., p.221)

²⁰⁷ [...] having Jem's tender love at hand every hour of the day, to ward off every wind of heaven, and every disturbing thought. (GASKELL, s.a., 216)

“Bate palma, lá vem o papai/ com o bolso cheio de doce/ e um bolinho para o Johnnie.” (GASKELL, MB, 2017, p.459)²⁰⁸

Do lado de Margaret Hale, observamos a mesma tendência reformista na sua construção. No entanto, a protagonista é mais inclinada à honra, e aos moralismos que afetam a consciência, especialmente por influência do Senhor Hale, seu pai, que abandona a liderança de uma igreja por apelo de seus princípios, os quais podem ser expressos a seguir:

Quando tu não podes mais continuar em teu trabalho sem desonrar a Deus, desacreditar a religião, renunciar a tua integridade, ferir a tua consciência, estragar tua paz, e arriscar a perda da tua salvação; em suma, quando as condições sobre as quais tu deves continuar (se fores continuar) em tuas ocupações são pecaminosas, e injustificáveis pela palavra de Deus, tu podes, sim, tu deves crer que Deus trará teu próprio silêncio, suspensão, privação desistência, à Sua glória, e ao avanço do interesse do Evangelho (GASKELL, 2015, p.40).

Como observado anteriormente, Margaret Hale é forjada nos princípios morais cristãos, sobretudo. A ideia de hipocrisia lhe era abominável e relacioná-la a uma figura que tinha como referência era impossível. A relação com o seu pai é muito mais estreita do que a relação com a sua mãe. Atribuímos essa aproximação com o pai aos ideais partilhados, já que Margaret não é tão afeiçoada aos assuntos domésticos e o restante das personagens femininas da narrativa se ocupavam disso.

Em Mary Barton, vemos uma ode à beleza, reconhecida pela própria protagonista. Com Margaret Hale, o ideal de beleza e admiração é nutrido pelo anti-herói da narrativa, Senhor Thornton. Diferentemente de Mary, Margaret não carrega o fardo de ser da classe operária. Pelo contrário, é uma mulher da classe média, em franca derrocada, mas ainda assim, mantinha o *status* que essa posição, mesmo que falsamente atribuída, lhe concedia:

Sr.Thornton viu, então, a plenitude de sua beleza; seu pescoço redondo e branco sobressaindo-se do corpo cheio, porém esbelto, seus lábios, movendo-se levemente enquanto ela falava, sem quebrar a expressão fria e serena de sua suave melancolia, encontrando os dele com a calma liberdade da inocência. Ele quase disse a si mesmo que não gostava dela, antes que a conversa terminasse; tentou convencer-se disso para compensar a mortificante sensação que sentia, enquanto olhava para ela com uma admiração que mal conseguia reprimir e ela o olhava com orgulhosa indiferença. (GASKELL, N&S, 2015, p.65)²⁰⁹

²⁰⁸ I see a long, low, wooden house, with room enough and to spare. The old primeval trees are felled and gone for many a mile around; one alone remains to overshadow the gable-end of the cottage. There is a garden around the dwelling, and far beyond that stretches an orchard. The glory of an Indian summer is over all, making the heart leap at the sight of its gorgeous beauty. At the door of the house, looking towards the town, stands Mary, watching the return of her husband from his daily work; and while she watches, she listens, smiling— "Clap hands, daddy comes, With his pocket full of plums, And a cake for Johnnie."(GASKELL, s.a., p.242)

²⁰⁹ She sat facing him and facing the light; her full beauty met his eye; her round white flexible throat rising out of the full, yet lithe figure; her lips, moving so slightly as she spoke, not breaking the cold serene look of her face

No trecho anterior, há a demonstração do início do embate entre o homem de negócios e Margaret Hale. Assim como pontuado no capítulo 1, juntamente ao confronto ideológico que se dá entre Margaret e Thornton, há a tensão sexual: apaixonam-se pelas suas oposições de pensamento, pela complementaridade que parecia existir entre eles: a mocinha temperamental e o anti-herói, que se redime por meio do amor. A resistência de Margaret Hale às investidas de Thornton e às tentativas do personagem de mostrar as suas melhores características podem ser encontradas em outras narrativas, como *Orgulho e Preconceito* e *Jane Eyre*, por exemplo. As heroínas nas narrativas citadas também criticam ferozmente o caráter dos personagens masculinos, principalmente pelas diferenças sociais. Margaret Hale acredita que a posição que Thornton ocupa deveria instigá-lo a ajudar seus pares, uma vez que a origem do personagem é a classe mais pobre. Já que Thornton alcançara um alto nível social, deveria instigar aqueles que mais precisavam a atingir esse mesmo objetivo, o que não deixa de ser um ideal liberal incutido no pensamento de Margaret e, ao mesmo tempo, um princípio cristão - o auxílio ao próximo: uma premissa cristã, e a conquista de um patamar elevado na sociedade - um anseio liberal:

Todo o resto me revoltou, por sua rudeza; mas ele falou sobre si mesmo com tanta simplicidade – com tão pouca da pretensão que faz os comerciantes serem indivíduos vulgares, e com tão terno respeito pela mãe dele, que era menos provável que eu deixasse a sala do que ele estava ufanando sobre Milton, como se não houvesse outro lugar igual no mundo; ou quando calmamente professou desprezar as pessoas descuidadas, esbanjadoras e imprevidentes, sem sequer pensar que é seu dever tentar fazê-las diferentes, - dar-lhes algo do treinamento que sua mãe lhe deu, ao qual ele evidentemente deve a sua posição, qualquer que seja. (GASKELL, N&S, 2015, p.87)²¹⁰

A construção de Margaret é atravessada pelas dores da classe operária, especialmente dos líderes sindicais, que são marcados pela resistência e por ideais coletivistas. Margaret Hale acredita que essas características são honrosas, como, de fato, o são: “Lealdade e obediência à sabedoria e à justiça são atitudes admiráveis; e é ainda mais admirável desafiar o poder arbitrário, usado de modo injusto e cruel. Ele agiu não em benefício próprio, mas em benefício

with any variation from the one lovely haughty curve; her eyes, with their soft gloom, meeting his with quiet maiden freedom. (GASKELL, s.a., p.438)

²¹⁰– Oh, papa! y ou don’t mean that you thought me so silly ? I really liked that account of himself better than anything else he said. Everything else revolted me, from its hardness; but he spoke about himself so simply – with so little of the pretence that makes the vulgarity of shop-people, and with such tender respect for his mother, that I was less likely to leave the room than when he was boasting about Milton, as if there was not such another place in the world; or quietly professing to despise people for careless, wasteful improvidence, without ever seeming to think it his duty to try to make them different – to give them anything of the training which his mother gave him, and to which he evidently owes his position, whatever that may be. No! his statement of having been a shop-boy was the thing I liked best of all. (GASKELL, 2012, p. 460)

dos mais indefesos” (GASKELL, N&S, 2015, p.110).²¹¹

Em um primeiro momento, a heroína presta sua simpatia aos operários. Ao longo da narrativa, porém, as discussões dos homens de negócios também são apreciadas pela heroína. É nesse aspecto dual que se faz a principal temática do enredo: a conciliação entre as classes: operários e patrões. Margaret Hale se coloca, propositadamente, nesse entrelugar para fazer com esse diálogo entre as classes, quase impossível, se efetivasse: “Margaret [...] poderia ouvir algo maior e mais importante do que os mesquinhos interesses sobre os quais as damas haviam estado conversando. Ela gostava da exultação pelo poder que estes homens de Milton possuíam” (GASKELL, N&S, 2015, p.166). No que se referia aos seus ideais românticos, a heroína também demonstrava uma personalidade forte, diferindo-se de Mary, que, inicialmente, tem uma ideia avessa de amor: “Margaret não era uma amante fácil de ser conquistada, mas quando ela amava, amava apaixonadamente, e com não pequeno grau de ciúmes” (GASKELL, N&S, 2015, p.127).²¹²

Além disso, há a força que Margaret demonstra nos assuntos familiares, principalmente quando a mãe adoece. A protagonista permanece incólume, de maneira análoga a Mary Barton, quando essa perde a mãe, mesmo sendo mais jovem que aquela. Essa altivez é admirada pelo médico da família:

Essa garota joga até o fim. Outra, que tivesse chegado àquela mortal e pálida cor, nunca poderia haver voltado sem desmaiar ou entrar em histeria. Mas ela não faria nenhum dos dois... não ela! E a própria força de sua vontade a trouxe de volta. Tal moça como essa ganharia meu coração, se eu fosse trinta anos mais jovem. Mas é tarde demais agora. (GASKELL, N&S, 2015, p.129)²¹³

Ao longo da narrativa, vemos que Margaret tenta ser ouvida, mas isso acontece no plano privado. Ela implora para que John Thornton ouça os operários e, como estratégia retórica, mobiliza a consciência do personagem, sabendo que se tratava de um homem dado a princípios de honra a sua masculinidade, como pode ser visualizado no seguinte trecho:

Mr. Thornton, bradou Margaret, tremendo inteira com sua paixão. Desça nesse instante, se o senhor não for um covarde. Desça e os encare como um homem. Salve esses pobres estrangeiros que o senhor atraiu até aqui. Fale com seus operários como se eles fossem seres humanos. Fale com eles bondosamente. Não deixe os soldados entrarem me derrubarem pobres criaturas que estão enlouquecidas. Vejo um que está lá. Se o senhor tem

²¹¹ – Loyalty and obedience to wisdom and justice are fine; but it is still finer to defy arbitrary power, unjustly and cruelly used-not on behalf of ourselves, but on behalf of others more helpless. (GASKELL, 2012, p. 481)

²¹² Margaret was not a ready lover, but where she loved she loved passionately, and with no small degree of jealousy. (GASKELL, 2012, p.494)

²¹³ That girl’s game to the back-bone. Another, who had gone that deadly colour, could never have come round without either fainting or hysterics. But she wouldn’t do either – not she! And the very force of her will brought her round. Such a girl as that would win my heart, if I were thirty years younger. It’s too late now.(GASKELL, 2012, p.496)

qualquer coragem ou qualidade nobre em seu sangue, saia e fale com eles, de homem para homem. (GASKELL, 2015, p.178)²¹⁴

A condição de Margaret, no plano privado, é discutida por Vasconcelos (1995), pois se tratava de uma forma de controle. As mulheres não podiam expressar sentimentos, principalmente as pertencentes à classe média. Quando Margaret enfrenta os operários, leva uma pedrada, que pode ser lida como um ataque social àquela que decidia se interpor entre os negócios dos homens. A protagonista é repreendida até na morte de sua mãe, já que sofrer ou chorar nos lugares públicos eram permitidos para as mulheres pobres, as únicas que poderiam ser ferozmente julgadas:

Você?! Minha querida, mulheres geralmente não vão a funerais.' Não, porque elas não conseguem se controlar. Mulheres de nossa classe não vão, porque elas não têm poder sobre as suas emoções, e ainda assim, ficam envergonhadas de mostrá-las. As mulheres pobres vão e, não se importam se são vistas oprimidas pela tristeza. (GASKELL, 2015, p.264)²¹⁵

Margaret Hale, após toda a tentativa de movimentação, de ocupar um espaço público, é pedida em casamento por John Thornton, mesmo com suas oposições de convicções, mas não de valores. A protagonista age no plano privado para que o amado aja no plano público. Ou seja, assim como Mary, Margaret se torna uma dona de casa, mais ativa, dada às condições sociais favoráveis que a fortuna herdada permite a ela. Mais uma vez, a independência não é total, pois é emancipada financeiramente por um homem. De acordo com Vasconcelos, algumas romancistas construíram uma “imagem alternativa” de mulher, mas que não afetava diretamente a ordem das coisas. Observamos que Gaskell assim o fez:

Houve algumas romancistas, entretanto, que conseguiram construir uma imagem alternativa de mulher. Sem de fato desafiar a hierarquia social ou a estrutura política, muitas delas criaram heroínas que não eram vítimas inocentes tentando se defender num mundo infestado de predadores masculinos, mas sim de mulheres inteligentes, fortes e desembaraçadas. [...] defendendo convicções predominantes, suas vozes se levantaram para protestar contra a subordinação feminina, contra os horizontes estreitos e a falta de oportunidades. Como escritoras profissionais, o que por si só já era um desafio aos tradicionais papéis destinados à mulher, era natural que essas romancistas se colocassem contra as restrições que limitavam a vida das mulheres. (VASCONCELOS, 1995, p.98)

²¹⁴ – Mr. Thornton, said Margaret, shaking all over with her passion – go down this instant, if you are not a coward. Go down and face them like a man. Save these poor strangers, whom you have decoyed here. Speak to your workmen as if they were human beings. Speak to them kindly. Don't let the soldiers come in and cut down poor-creatures who are driven mad. I see one there who is. If you have any courage or noble quality in you, go out and speak to them, man to man. (GASKELL, s.a., p.539)

²¹⁵ – You! My dear, women do not generally go. – No: because they can't control themselves. Women of our class don't go, because they have no power over their emotions, and yet are ashamed of showing them. Poor women go, and don't care if they are seen overwhelmed with grief. (GASKELL, 2012, p.614)

Embora as dualidades estejam presentes nas heroínas, e elas ajam mais no plano privado que no plano público, sem romper verdadeiramente com os paradigmas sociais existentes, graças aos moralismos e hipocrisias que reinavam no período vitoriano, há muitos lampejos de liberdade e da ânsia de libertação. Vemos, por meio de uma das falas de Margaret, esse ímpeto de emancipação, quando deseja conversar com Thornton, para explicar os maus entendidos sobre sua reputação: “‘Oh!’, pensou ela, ‘eu gostaria de ser um homem, assim poderia ir a ele e forçá-lo a expressar sua desaprovação, e dizer-lhe honestamente que eu sabia que merecia. Parece difícil perdê-lo como um amigo, justo quando havia começado a perceber o seu valor’” (GASKELL, N&S, 2015, p.302).²¹⁶ Observamos que Margaret deseja ser homem, algo que indicia a necessidade de autodeterminação que não existia para as mulheres, no entanto, ao mesmo tempo, esse desejo é contraditório, pois a protagonista quer salvar sua face, que poderia ser manchada por qualquer desvio de conduta esperado para a época.

Na narrativa, Margaret apenas auxilia seu irmão a fugir do Estado, uma vez que ele estava sendo perseguido pelos opressores da Marinha, pois ele era um agitador social e denunciava as arbitrariedades, assim como outros membros da família Hale. Ou seja, Miss Hale não tinha culpa alguma, não tinha se afastado de nenhum princípio de conduta imposto a ela, mas, ainda assim, precisa se desculpar sem dever explicações realmente.

Nesse sentido, a hipótese de que tanto Margaret quanto Mary são mais heroínas reformistas e, que perpetuam, de uma forma ou de outra, as premissas da sociedade moralista, se reforça. A ideia de que as protagonistas são reformadoras, não desprestigia, porém, os inúmeros movimentos realizados por elas em busca de justiça e respostas mais presentes no plano individual, em *Mary Barton*, e no plano coletivista, em *Norte e Sul*, como analisado ao longo desse estudo.

²¹⁶– Oh! thought she – I wish I were a man, that I could go and force him to express his disapprobation, and tell him honestly that I knew I deserved it. It seems hard to lose him as a friend just when I had begun to feel his value. (GASKELL, N&S, 2012, p. 650)

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O objetivo deste trabalho foi analisar as principais temáticas das narrativas *Mary Barton e Norte e Sul* de um viés sociológico e, em certa medida, também político. Abordamos as lutas que constituíram as heroínas, Mary Barton e Margaret Hale: a luta trabalhista e a resistência e resignação que emergem por meio da fé e da religião, que é mais forte em Margaret Hale, especialmente pelo fato dessa saber utilizar a retórica cristã no intuito de reconciliar as classes, operários e patrões. Nesse contexto, avaliamos que há variadas quebras de expectativas do papel das heroínas que, embora lutem, às suas maneiras, ao longo das narrativas, colaboram para a manutenção do *status quo* da sociedade, pois se tornam esposas devotadas e, especialmente, donas de casa, isto é, não ocupam o espaço público efetivamente, algo que não era fácil de ser conquistado na era vitoriana.

É possível observar, ainda, que todas as chaves de leitura - sociológica, religiosa e sobre o espaço feminino - realizadas ao longo da dissertação corroboram a construção das heroínas, em maior ou menor grau e com as dualidades inerentes a essa formação. Vemos, portanto, que as protagonistas são mais reformistas do que revolucionárias: Mary é dada aos arrivismos, detentora de uma ambição que a faz perder a consciência de sua própria classe e os motivos da luta de seu pai, John Barton, um sindicalista radical. O sofrimento experimentado ao longo de sua formação faz com que seja mais pragmática, pois a fome, o frio e as necessidades elementares transformam-na em uma jovem rebelde. Constatamos que a batalha que Mary trava contra os arroubos da sociedade estão mais no plano individualista do que coletivista, já que deseja, acima de tudo, a sua independência financeira e tornar-se uma *self-made woman* do que transformar a realidade de seu povo. A reviravolta em sua personalidade acontece quando se dispõe a ajudar um inocente em nome do amor que percebe que sente pelo personagem, James Wilson. Isso acontece graças aos discursos envolvendo ideais como solidariedade e irmandade que emergem, sobretudo, de seus pares, as mulheres da classe operária. Além disso, os moralismos sociais também arruinam seu esforço de emancipação, pois as mulheres pobres não eram plenamente aceitas e casamentos com diferenças sociais eram mal vistos.

De um ponto de vista mais otimista sobre a personagem, vemos que Mary abdica de uma paixão que lhe era mais conveniente do que sentimental, para fazer-se ouvir em um júri composto apenas por homens e coloca o interesse de um de seus pares em detrimento dos próprios. Fatalmente, isso também a favorece, uma vez que, ao final, Jem se torna o seu protetor e esposo. Mais uma vez, a heroína volta para o lar, para a posição de dona de casa feliz. Ou

seja, embora tenha se rebelado e colocado os membros de sua família em risco, especialmente sua tia Esther, que se mostra mais emancipada do que a sobrinha, pois se coloca na linha de frente para salvá-la de decisões impensadas e é rechaçada e humilhada, não apenas por esse gesto, uma vez que as prostitutas eram mulheres à margem e a sociedade vitoriana moralista apenas tentava a higienização dos espaços públicos, subtraindo todos os seres humanos necessitados e não os acolhendo, como pregavam em seus discursos hipócritas, apoiados na ideologia cristã, da qual não compreendiam o cerne, mas apenas a utilizavam para aliviar suas culpas e consciências.

Observamos também que, em muitos momentos, as heroínas não saem do privado. Pelo contrário, se voltam para ele, pois há a resistência dos personagens masculinos, representação dos patrões, na aceitação dos discursos e dos posicionamentos femininos. Margaret Hale, de seu lado, é mais feliz nesse empreendimento de ser ouvida, já que se coloca no entrelugar (ricos e pobres) por meio de suas estratégias discursivas que contemplam os pensamentos dos homens de negócios e suas tendências liberais, e os ideais operários e suas inclinações revolucionárias. Vemos, portanto, que a protagonista é reformista e, mesmo que seja uma personagem da classe média em derrocada, ainda conta com o status que sua antiga posição lhe garantia, com certa respeitabilidade e o mínimo de aceitação, pois é mais suportada do que recebida. Assim como Mary, o amor romântico também é a salvação e o veículo de transformação para Margaret. No entanto, o movimento é inverso: Margaret salva o antiherói, John Thornton, tanto financeira quanto espiritualmente, fazendo-o olhar para os operários com irmandade.

Vemos que as temáticas se voltam para a ambivalência tanto dos discursos religiosos quanto dos discursos de reconciliação. Observamos que a religião é consolo para os crentes e pobres e, de outro prisma, instrumento de controle para os moralistas, pois a ideia de bem e mal é que os guia nas atitudes, mais do que o Evangelho de Cristo. Margaret Hale, por exemplo, sem perceber, consegue lidar com esses dois extremos, pois quando tenta incutir uma visão amistosa nos patrões, movimenta a ideia de céu e inferno, isto é, a convicção de que aqueles que fazem o bem serão recompensados. Enquanto, para os trabalhadores, acreditar em Deus é necessário para viver e sobreviver, e esse também é um sentimento bastante recorrente nas falas de Margaret, para aliviar as dores e encontrar motivos para o que acontece com seus amigos mais necessitados. Nesse sentido, o eixo temático de todas as nuances analisadas gira em torno das premissas da tradição literária da qual Gaskell fazia parte: socialista cristã, que pregava a reconciliação entre os diferentes e, sobretudo, não defendia nenhum lado (patrões ou empregados), apenas a igualdade entre as classes. Esses princípios podem ser visualizados no trecho a seguir, no qual John Barton reflete sobre a sua condição de dor e angústia comparando-

as ao de um patrão. Ambos poderiam ser de classes distintas, lutavam em frentes totalmente opostas, mesmo que o instinto de liderança fossem análogos, já que Barton era sindicalista, no entanto, a dor da perda de um ente querido os unia, ou seja, eram irmãos no sofrimento:

Os olhos de John Barton foram ofuscados pelas lágrimas. Ricos e pobres, patrões e empregados, eram, portanto, irmãos em sofrimento; pois não fora essa angústica que ele sentira pelo pequeno Tom, numa época tão remota que parecia pertencer a outra vida? O homem que se lamentava diante dele não era mais o empregador, um ser eternamente ocupando um papel de antagonista; que atravessava o mundo brilhando como ouro, com um coração de pedra, e que não conhecia nenhuma tristeza além das vicissitudes do mercado; não era mais o inimigo, o opressor, mas um velho desolado e digno de pena (GASKELL, MB, 2017, p.98).²¹⁷

De modo geral, existe um ideal de sociedade quase impraticável em ambas as narrativas, pois não há, como discutido no capítulo 2, meios de extirpar a luta de classes, pois sempre haverá a hierarquização e, com ela, embates justos e injustos. A reconciliação, embora benéfica, não se dá sequer no plano ideológico, uma vez que a ambivalência é inerente a condição humana, assim como o representado pelos personagens. Portanto, Mary e Margaret não são categóricas em suas formações, assim como nada o é literária ou literalmente.

²¹⁷ The eyes of John Barton grew dim with tears. Rich and poor, masters and men, were then brothers in the deep suffering of the heart; for was not this the very anguish he had felt for little Tom, in years so long gone by, that they seemed like another life! The mourner before him was no longer the employer; a being of another race, eternally placed in antagonistic attitude; going through the world glittering like gold, with a stony heart within, which knew no sorrow but through the accidents of Trade; no longer the enemy, the oppressor, but a very poor and desolate old man. (GASKELL, s.a., p.227)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALLOT, M. *Elizabeth Gaskell*. London: The British Council, 1960.
- ALENCAR, J. *Senhora*. In ALENCAR, José de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959a, vol. I.
- ARMSTRONG, N. *Desire and Domestic Fiction: A Political History of the Novel*. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- AUSTEN, J. *Orgulho e preconceito*. Trad. Lúcio Cardoso. São Paulo: Clássicos Abril Coleções, 2010.
- BEER, P. *Reader, I married him: a study of the women characters of Jane Austen, Charlotte Brontë, Elizabeth Gaskell and George Eliot*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 1974.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia On-line: módulo básico expandido*. Versão 3.0. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. 1 CDROM
- BODENHEIMER, R. North and South: A Permanent State of Chance. *Nineteenth – Century Fiction*, California, v; 34, n. 3, Dez. 1979. Disponível em: < http://www.jstor.org/stable/2933329?seq=1#fndtn-page_scan_tab_contents> Acesso em: 20 jun. 2017.
- BRIGGS, A. *A social history of England*. New York: The Viking Press, 1983.
- BRONTË, C. *Jane Eyre: An Autobiography*. São Paulo: Editora Landmark, 2010.
- BROWN, P. From Elizabeth Gaskell’s Mary Barton to her North and South: progress or decline for women? *Victorian Literature and Culture*, Cambridge, v.28 n.2, 2000. Disponível em: < <http://www.literaryhistory.com/19thC/Gaskell.htm>> Acesso em 20 jun. 2017.
- CALVANI, C. “Anglicanismo no Brasil”. *Revista USP*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.
- CANDIDO, A. “Crítica e sociologia” e “A literatura e a vida social”. *In Literatura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 2006, pp. 3-16 e 18-40.
- CEIA, C. Verbete “Epígrafe”, *In E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia*. Disponível em: <<<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/epigrafe/>>>.
- CHAPPLE, J.A.V.; POLLARD, A. *The letters of Mrs. Gaskell*. Manchester: Manchester University Press, 1966.
- CHAPMAN, A. *Icon critical guides - Elizabeth Gaskell: Mary Barton and North and South*. Cambridge: Icon books, 1999.
- CHARTIER, R. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- _____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COSTA LIMA, L. “A análise sociológica da literatura”. *In Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 661-687.
- COTÉ, A. Parables and Unitarism in Elizabeth Gaskell’s Mary Barton. *Victorian Review*, Canadá, v. 40, n. 1, s.d. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/595872>> Acesso em: 20 jun. 2017.

Declaração dos direitos do homem e do cidadão – 1789. Disponível em: <<<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>>> Acessado em Setembro de 2018.

DE SOUZA, R. Verbetes “Método”. In *E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia*. Disponível em: <<<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6322/metodo/>>>.

Dicio: Dicionário online de português. Disponível em: <<<https://www.dicio.com.br/sobre.html>>>. Acessado em Janeiro de 2019.

Dickens Journals Online. Disponível em: <<<http://www.djo.org.uk/>>> Acessado em Março de 2018

Mary Barton, versão Ebook. Disponível em: <<<http://www.public-library.uk/ebooks/61/86.pdf>>> Acessado em Março de 2018.

DOSKI, N. *The romance of social problems in Austen and Gaskell*. 2014, 78 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Artes e Ciências, Carolina do Norte, 2014.

ELLIOT, D. The female visitor and the Marriage of classes in Gaskell’s North and South. *Nineteenth-Century Literature*, 49 (1994), pp.41-49.

Encyclopædia Britannica. 2018. Disponível em: <<<https://www.britannica.com/>>>. Acessado em Outubro de 2018.

ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.

_____, F. Contribuição para a história do Cristianismo Primitivo. Disponível em: <<<https://www.marxists.org/portugues/marx/1895/mes/cristianismo.htm>>>. Acessado em Setembro de 2018.

FYFE, P. Accidents of a novel trade: industrial catastrophe, fire insurance, and Mary Barton. *Nineteenth-Century Literature*, California, v.65, n.3, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.1525/ncl.2010.65.3.315>> Acesso em: 20 jun. 2017.

GASKELL, E. *Margaret Hale: Norte & Sul*. Trad. Gabriela Alcoforado. São Paulo: Pedrazul Editora, 2015.

_____, E. *Mary Barton*. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Record, 2017.

_____, E. *Mary Barton*. London: Penguin, 1994.

_____. *North and South*. Londres: Wordsworth Classics. 2002.

_____. *Norte e Sul: edição bilíngue: inglês/português*. São Paulo: Editora Landmark, 2012.

GAY, P. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a paixão terna*. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, A. Exposições universais no século XIX. *História*, Universidade Federal Fluminense, s.d..

GUIMARÃES, P. *A Resolução de North and South de Elizabeth Gaskell*. Braga: Universidade do Minho, 1993. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24998>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

HARMAN, B. In *Promiscuous Company: Female Public Appearance in Elizabeth Gaskell's Mary Barton*. *Victorian Studies*, Indiana, v. 31, n.3, Mar. 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3828096?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em: 20 jun. 2017.

HAUSER, A. *História Social da Arte e da Literatura*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

HEITLINGER, P. *Tipografia: origens, formas e uso das letras*. Disponível em: << <http://www.tipografos.net/designers/arts-and-crafts.html>>> Acessado em Outubro de 2018.

HUNT, L. (org.) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JACCARD, P. *História social do trabalho*. v. 1. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

LANDOW, George P. *Unitarianism*. The Victorian Web. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/religion/unitarian.html>>. Acesso em 20 jun. 2017.

LOHRLI, A. *Household Words: A Weekly Journal 1850-1859*. Toronto: University of Toronto Press, 1973.

MENEGUELLO, C. *Fábricas e homens: a Revolução Industrial e o cotidiano dos trabalhadores*. São Paulo: Atual Editora, 2004.

MENDES, O. *Estética literária inglesa*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998- (Dicionários Michaelis). 2259 p.

PARKER, P. Fictional Philanthropy in Elizabeth Gaskell's *Mary Barton, North, and South*. *Victorian Literature and Culture*, Cambridge, v. 25 n.2, 2000. Disponível em: <<http://www.literaryhistory.com/19thC/Gaskell.htm>> Acesso em 20 jun. 2017.

The Victorian Web. Disponível em: << <http://www.victorianweb.org/>>>. Acessado em Dezembro de 2018.

PARKINS, W. Women, mobility and modernity in Elizabeth Gaskell's *North and South*. *Women's studies international forum*, Inglaterra, v.27, n.5, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/248330297_Women_mobility_and_modernity_in_Elizabeth_Gaskell's_North_and_South> Acesso em: 20 jun. 2017.

RUDÉ, G. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra (1730-1848)*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*, v. I, A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.

_____. *A formação da classe operária inglesa*, v. II, A maldição de Adão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

_____. *A formação da classe operária inglesa*, v. III, A força dos trabalhadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987c.

- SEED, J. Unitarism, Political Economy and the Antinomies of Liberal Culture in Manchester, 1830-50. *Social History*, Inglaterra, v.07, n.1, jan.1982. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/4285133>> Acesso em: 20 jun. 2017.
- SHELSTON, A. *Elizabeth Gaskell's Manchester*. Disponível em: <<https://www.lang.nagoya-u.ac.jp/~matsuoka/EG-Manchester-Alan.html>>. Acesso em 20 jun. 2017.
- SPENCER, J. *Women writers: Elizabeth Gaskell*. London: The Macmillan Press, 1993.
- STAR, E. A great engine for good: the industry of fiction in Elizabeth Gaskell's *Mary Barton* and *North and South*. *Studies in the Novel*, Texas, v.34, n.4, jul. 2002. Disponível em: < <http://www.literaryhistory.com/19thC/Gaskell.htm>> Acesso em 20 jun. 2017.
- VARGO, G. Questions from workers who read: education and self-formation in chartist print culture and Elizabeth Gaskell's *Mary Barton*. *Victorian Literature and Culture*, Cambridge, v. 44, n.1, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/248330297_Women_mobility_and_modernity_in_Elizabeth_Gaskell's_North_and_South> Acesso em: 20 jun. 2017.
- STEVENS, C. A operária do Romance inglês e estadunidense do século XIX. *Cerrados: Revista do Programa de Pós- Graduação em Literatura*, Universidade de Brasília, Nº12, Ano 11, p.9-24, 2002.
- VASCONCELOS, S.G.T. Construções do feminino no romance inglês do século XVIII. *Polifonia*. EdUFMT, Cuiabá, nº2, p.85-100, 1995
- _____, S. Linguagem, formas de representação e o romance inglês. *Floema. Caderno de Teoria e História Literária*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, vii, p.305-321, 2011.
- WOOLF, V. *A Room of One's Own*. St. Albans: Panther,1977.
- WILLIAMS, R. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- _____. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- YEAZELL, R.B. Why political novels have heroines: *Sybil*, *Mary Barton* and *Felix Holt*. *Novel: a forum on fiction*, Estados Unidos, v.18, n.2, jul. 1985. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/1345772>> Acesso em: 20 jun. 2017.
- ZEMKA, S. Brief Encounters Street Scenes in Gaskell's *Manchester*. *ELH Journal*, Yale, v.76, n.03, 2009. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/27742959?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em: 20 jun. 2017.

ANEXO I:

Cartas de Elizabeth Gaskell endereçadas às suas filhas:

those I will take the
note from Mrs James. But as
Emily Shaen's, where I shall arrive on wed-
nesday, you are up & I'm aw-
fully cold, this nasty warm thaw is come, with the provision of wraps
I think you'll be warm enough with the provision of wraps
I've made for you. Hannah Tayler is staying here. In haste ever
your very affect[ionate]
E C Gaskell.

We're rather disappointed not to hear from you today.

604
MARIANNE GASKELL
Friday Evening

My dearest Polly,
Just received your second letter, Thursday—it is all quite right
if you are *sure* they want you to stay,—so never mind the other
letter—I thought you might be in the way, and yet that Mrs
Dicey would think herself bound to ask you. I send you a likeness
of Papa—(or Enoch Harvey!) whh Meta sends me, instead of a
letter,—Papa says the flies round his hat are exact likenesses—but
that it was unfair of Meta to take him, when he was half asleep,
sitting out of doors after dinner & the sun blinding him. It looks
very weak—does not it? Come home on Friday. My love to the
Prices, especially Nancy,—poor child—I am quite glad to have
some one to send my love to
Yours most aff[ectionate]ly
E G.

Yes, Miss Giffard is sister to Charlotte—George—The paralytic
Ly G is Charlotte George's mother at any rate—

Carta 1 à Marianne

Julia ~~will~~
next week,—in which case I shall be able to go to the Smiths—^{as}
(& Elder's) which this morn'g I wrote to say I would. But I
have sent Hearn to the Fairbairns, to know if *they* will be at home,
as if *they are* THEY will take Cousin Mary. Your own very
affect[ionate]

E C Gaskell

573 **574** *575a

MARIANNE GASKELL

Friday [?August 1865]

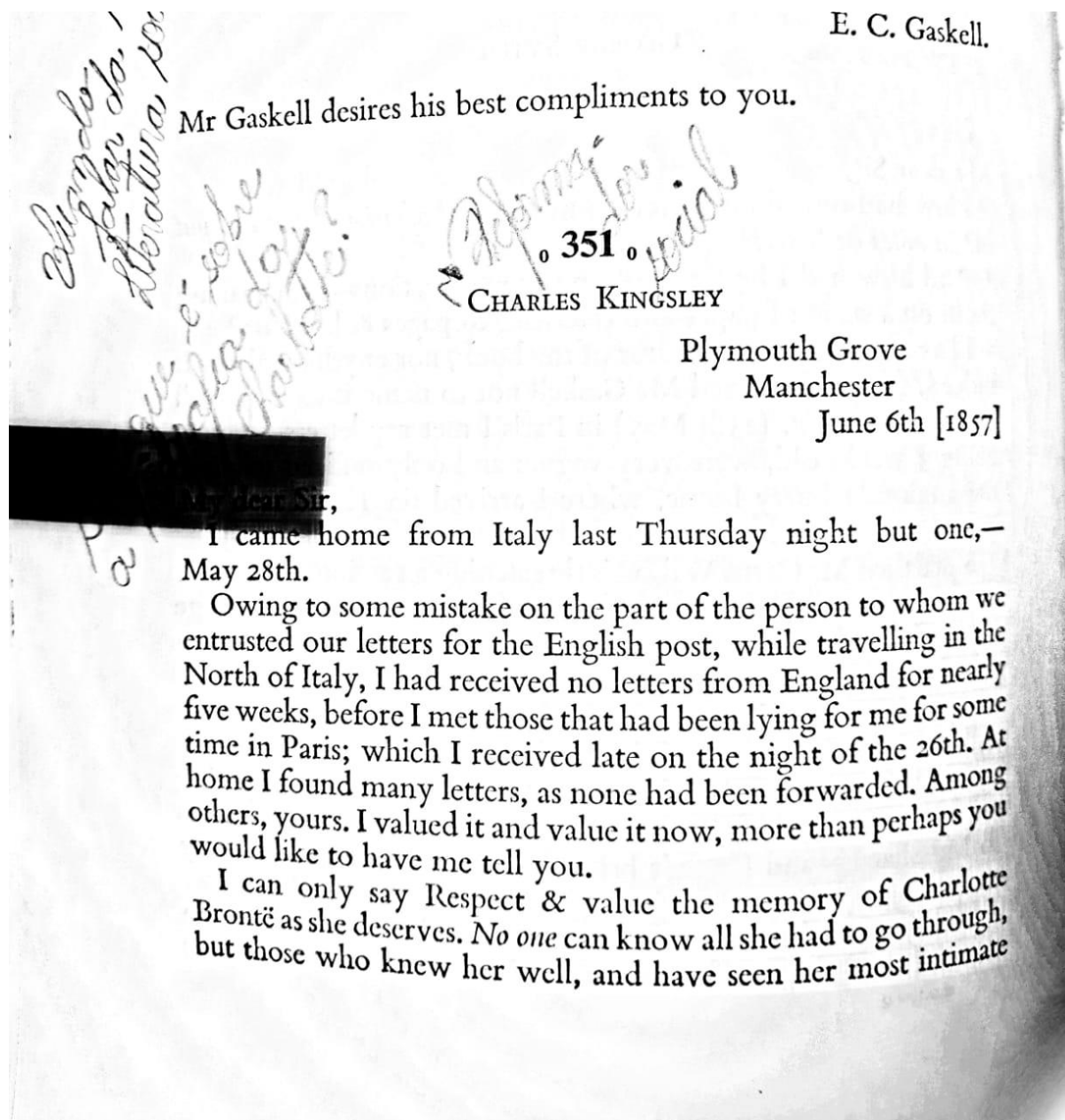
My dearest MA, Here is the acknowledgment all in due form to
Cousin Edward.¹ It came quite safely. I am going to try to get out
a little[,] otherwise I don't know how to bear the journey,² & the
'being agreeable' tomorrow—when I've done nothing but lie on
a sofa & be X this last 3 weeks. I don't sleep, that's the worst.
Fryston is as muggy and damp as this, in a low flat country all
intersected with dykes. No news of Mr Tyndall—(tenant) who
has I'm afraid slipped thro our fingers. No letters but yours. Pray
pray write often to Julia, who is low at our going away; *please* do.

Your very affec[tionate] Mammy

¹ See Letter 581.

² We assume this is the visit to Fryston in the West Riding. In Letter 576 Mrs
Gaskell refers to bad headaches before she went to Fryston.

Cartas de Elizabeth Gaskell para os editores de seus romances, leitores e reformadores sociais:



Carta 1 endereçada ao reformador social Charles Kingsley

o 310 423

ROBERT CHAMBERS¹42, Plymouth Grove,
September 10th 1856

My dear Sir,—In the preface to the revised edition of ‘*Wuthering Heights and Agnes Grey*’ by Ellis, and Acton Bell, Miss Brontë says speaking of the difficulty of obtaining answers from Publishers:

‘Being greatly harassed by this obstacle, I ventured to apply to the Messrs Chambers of Edinburgh, *they* may have forgotten the circumstances but *I* have not, for from them I received a brief and business-like, but civil and sensible reply, on which we acted, and at last made way.’ This was in the autumn of 1845, or beginning of the following year. I mentioned this to you at Cheltenham, and you kindly promised me to look through your papers for the desired letters.

If you could forward me the correspondence, as soon as convenient to you, I should esteem it a very great favour and would return the letters immediately after copying them.—I remain,

Yours very truly,
E. C. Gaskell

*

309 311 312

GEORGE SMITH

Wednesday. [?September 1856]

My dear Sir,

I am very sorry indeed to hear that Mrs Smith has been so ill. Your two letters came *together* this morning, so that I heard that she was out of danger at the same time that I heard of her illness. Pray tell her of an old saying we have in Lancashire, which monthly nurses here often comfort mothers with, who are dis-

Carta 2 endereçada a Robert Chambers – editor e escritor britânico

own statement to me, I believed there was no doubt it would have been published by this time. However I am, (above every other consideration,) desirous that it should be *read*; and if you think there would be a better chance of a large circulation by deferring it's appearance, of course I defer to your superior knowledge, only repeating my own belief that the tale would bear directly upon the present circumstances.

I remain dear Sir

Yours very truly
E. C. Gaskell.

E Chapman Esqre

²⁴ 25 ²⁶

EDWARD CHAPMAN

121 Upper Rumford St
April 17, 1848

Dear Sir,

Thank you for your suggestions; you will see that I have adopted the additional title of '*Mary Barton*', a Manchester Love Story.

It is so difficult living in Lancashire to decide upon words likely to be unintelligible in another county; but my husband has put notes to those we believe to require them. The three verses of the Oldham Weaver are enclosed. You will see that I have decided on mottoes.

Believe me, dear Sir,

Ever yours truly
E. C. Gaskell.

E Chapman Esqre

^o 25a ⁶⁰

?ANNE SHAEN¹

Home.
[?24 April 1848]

Knowing Crix ways and customs I felt pretty sure I should have a budget this evening: we were sitting at tea in the

¹ From a printed source, where it is dated 'April 24, 1851' and addressed to Miss Shaen. Cf. also Hopkins, *Gaskell*, p. 66.

will guarantee the truth of all I have said. She is such a pretty sweet looking girl. I am sure she will do well if we can but get her out in a *good* ship.

61 62 220

CHARLES DICKENS

121, Upper Rumford Street
Saturday, Jany 12th [1850]

My dear Sir,

I am exceedingly obliged to you for what you have done about my poor girl. I return you Miss Coutts' letter, (which I only received late last night). It is really and truly kind, for she has taken the trouble to think of several plans, and her suggestions are very valuable. As she is out of town, I have written off at once to the fore-woman at Silvers', choosing out the plan which seemed to me the most desirable,—i.e. placing the girl under the charge of some respectable family, (of the working-class if possible). If Miss Kaye should not know of any one, then, if you will allow me, I will write again to ask Miss Coutts, through you, if she will kindly write to the Plymouth Ladies, of whom I never heard before—I have already received kind offices from Mrs Chisholm in helping out a family of emigrants, but I thought she required those whom she assisted to be of unblemished character.—Miss Coutts is very, very kind—for she evidently thinks as she writes, of what can be done.—

My head & eyes ache so, with crying over the loss of three dear little cousins, who have died of S. Fever since I last wrote, leaving a childless mother, that I hardly know how or what I write, but will you thank Miss Coutts as you know she will like best. Of course I never named her name at Silvers'.

The girl herself is in a Refuge—a literal refuge, for any destitute female without enquiry as to her past life being made,—all are received, and not classified. So it is a bad place, but what can we do? I am going to see her today to keep up & nurse her hopes & good resolutions.

My best love to Mrs Dickens & Miss Hogarth.

Yours truly
E C Gaskell



will guarantee the truth of all I have said. She is such a pretty sweet looking girl. I am sure she will do well if we can but get her out in a *good* ship.

61 62 220

CHARLES DICKENS

121, Upper Rumford Street
Saturday, Jany 12th [1850]

My dear Sir,

I am exceedingly obliged to you for what you have done about my poor girl. I return you Miss Coutts' letter, (which I only received late last night). It is really and truly kind, for she has taken the trouble to think of several plans, and her suggestions are very valuable. As she is out of town, I have written off at once to the fore-woman at Silvers', choosing out the plan which seemed to me the most desirable,—i.e. placing the girl under the charge of some respectable family, (of the working-class if possible). If Miss Kaye should not know of any one, then, if you will allow me, I will write again to ask Miss Coutts, through you, if she will kindly write to the Plymouth Ladies, of whom I never heard before—I have already received kind offices from Mrs Chisholm in helping out a family of emigrants, but I thought she required those whom she assisted to be of unblemished character.—Miss Coutts is very, very kind—for she evidently thinks as she writes, of what can be done.—

My head & eyes ache so, with crying over the loss of three dear little cousins, who have died of S. Fever since I last wrote, leaving a childless mother, that I hardly know how or what I write, but will you thank Miss Coutts as you know she will like best. Of course I never named her name at Silvers'.

The girl herself is in a Refuge—a literal refuge, for any destitute female without enquiry as to her past life being made,—all are received, and not classified. So it is a bad place, but what can we do? I am going to see her today to keep up & nurse her hopes & good resolutions.

My best love to Mrs Dickens & Miss Hogarth.

Yours truly
E C Gaskell





CHARLES DICKENS

121, Upper Rumford Street
Manchester
Janry 8. [1850]

My dear Sir,

In the first place I am going to give you some trouble, and I must make an apology for it; for I am very sorry to intrude upon you in your busy life. But I want some help, and I cannot think of any one who can give it to me so well as you. Some years since I asked Mr Burnett to apply to you for a prospectus of Miss Coutt's refuge for Female prisoners, and the answer I received was something to the effect that you did not think such an establishment could be carried out successfully anywhere, *unless connected with a scheme of emigration, as Miss Coutts was.* (as I have written it it seems like a cross question & crooked answer, but I believe Mr Burnett told you the report was required by people desirous of establishing a similar refuge in Manchester.)

I am just now very much interested in a young girl, who is in our New Bayley prison. She is the daughter of an Irish clergyman who died when she was two years old; but even before that her mother had shown most complete indifference to her; and soon after the husband's death, she married again, keeping her child out at nurse. The girl's uncle had her placed at 6 years old in the Dublin school for orphan daughters of the clergy; and when she was about 14, she was apprenticed to an Irish dress-maker here, of very great reputation for fashion. Last September but one this dress-maker failed, and had to dismiss all her apprentices; she placed this girl with a woman who occasionally worked for her, and who has since succeeded to her business; this woman was very profligate and connived at the girl's seduction by a surgeon in the neighbourhood who was called in when the poor creature was ill. Then she was in despair, & wrote to her mother, (*who had never corresponded with her all the time she was at school and an apprentice:*) and while awaiting the answer went into the penitentiary; she wrote 3 times but no answer came, and in desperation she listened to a woman, who had obtained admittance to the penitentiary/solely as it turned out to decoy girls into her mode of life, and left with her; & for four months she has led the most miserable life!

in the
cared
poiso
been
quite
eyes,
she f
confi
has ?
emig
the a
like t
you
the c
I wa
she c
unkr
she a
soon
Wec
who
I wa
reco;
Cou
writ
expe
Pr
to as
years
my l

Turr

I l
sedu
Prisc
to se
face
he ha
He h

M.C

with us.

*Emancip.
question*

Yours very sincerely,

E. C. G.

o 125 380

LORD HATHERTON

Plymouth Grove,

Friday, May 21 [1852]²

My dear

My dear Lord Hatherton,

I am very much obliged to you for the kind trouble you have taken in writing down the particulars of how you obtained that Cornish ballad; which Mr Forster so justly called 'noble'. One of our servants, who comes from Cornwall, tells me it was a much longer song when she used to hear it from the miners in her youth. She lived near Penryn, which is the Trelawney country, and where this ballad was often sung, or rather chanted by old people. She has tried to obtain a copy of the longer song for me but without success; and the only difference between your Lordship's version and one sent me by an old miner, is that he repeats,

'But Forty thousand Cornish boys
Will know the reason why?'

as a sort of refrain or burden at the end of each verse.

Believe me, to remain, my dear Lord Hatherton

Yours very sincerely

E. C. Gaskell

¹ It was printed by 29 December 1851. *Letters and Memorials*, ed. Winkworth, I, p. 321.

² Annotation 1852.

o 22 23

EDWARD CHAPMAN

121, Upper Rumford St
Manchester.

March 21. [1848]

Dear Sir,

When I had the pleasure of being introduced to you at the beginning of the year, I think you led me to understand that my work was to follow Miss Jewsbury's¹ in the publication of your Series. I am naturally a little anxious to know when you are going to press.

I can not help fancying that the tenor of my tale is such as to excite attention at the present time of struggle on the part of work people to obtain what they esteem their rights; on the other side it is very possible that people are now so much absorbed by public work as to have very little time or interest to bestow on works of fiction.

As you have the MS in your hands I am trusting to you to see that it is set up so as to make the right quantity. Perhaps you will favour this with an answer at your convenience.

Believe me to remain dear Sir

Yours truly
E. C. Gaskell

Mr Chapman
Strand
London

¹ *Half Sisters.*

Carta 8 endereçada à filha de Gaskell

* Libera
me
Economista
britânico

0 435 439

JOHN STUART MILL

July 14, 1859

Sir,

When you look at the signature of this letter you will probably be surprized at receiving it, as the only communication I ever received from you was couched in terms which I then thought impertinent unjust, and inexcusable; which I now think simply unjust.¹ For after reading the dedication of your Essay on Liberty I can understand how any word expressing a meaning only conjectured that was derogatory to your wife would wound you most deeply. And therefore I now write to express my deep regret that you received such pain through me. I still think you were unreasonable; but I like you better than if you had been reasonable under such circumstances. You used hard words towards me; I hardly expect now to be able to change your opinion of me; indeed I write now more with the intention of relieving my own mind by expressing sorrow for having given pain, than with the idea of clearing myself in your opinion. But still it would be but fair in you to listen to my view of the case. I knew nothing of the writer of the article in question; I had not even read the article. Miss Brontë knew nothing either; but the impression produced on

¹ Mill had objected to strictures passed by Charlotte Brontë on his future wife, then Mrs Taylor, about an article of hers in his periodical *The Westminster Review*. The letter was printed in the *Life of Charlotte Brontë*, 1st ed., II, pp. 229-30.

Carta 9 endereçada a John Stuart Mill Carta 10 endereçada a Charles Dickens

as being at
to us if you can on your return.

Ever yours affectionately,

E C Gaskell

62 220 0

? CHARLES DICKENS

Sunday [?17 December 1854]

My dear Sir,

I was very much gratified by your note the other day; *very* much indeed. I dare say I shall like my story, when I am a little further from it; at present I can only feel depressed about it, I meant it to have been so much better.¹ I send what I am afraid you will think too large a batch {o} of it by this post. What Mr Wills has got already *fills up* the No for January 13, leaving me only two\more/numbers, Janry 20, & Janry 27th so what I send today is meant to be crammed & stuffed into Janry 20th; & I'm afraid I've nearly as much more for Janry 27.

It is 33 pages of my writing that I send today. I have tried to shorten & compress it, both because it was a dull piece, & to get it into reasonable length, but there were [*sic*] a whole catalogue of events to be got over: and what I want to tell you now is this,— Mr Gaskell has looked this piece well over, so I don't think there will be any carelessness left in it, & so there ought not to be any misprints; therefore I never wish to see it's face again; but, *if you will keep the MS for me, & shorten it as you think best for H W.* I shall be very glad. Shortened I see it must be.

¹ 'She is writing furiously, thirty pages a week; expects to finish [*North and South*] in ten days. Mr Dickens writes to her praisingly, but he does not please me, and I hope she won't be "wiled by his fause flattering tongue" into thinking him true and trustworthy, like Mr Forster.' Catherine Winkworth on 17 December 1854, in *Letters and Memorials*, ed. Winkworth, I, p. 472.

see
under!

324

LETTER 221

I think a better title than N. & S. would have been 'Death & Variations'. There are 5 deaths, each beautifully suited to the character of the individual.

I was exceedingly interested & touched by that Soldier's Story. It is very 'war-music'al, & comes in beautifully just at this time. I must tell you 2 things. 1st Some fine-spinners in a mill at Bolton, earning their 36 shillings a week, threw up their work and enlisted last week, on hearing of the sufferings in the Crimea, for they said they could neither sleep nor eat for thinking how the soldiers there wanted help.

Some Bury men, \some very poor/seeing James Nasmyth's letter in the Times, subscribed a thousand pounds to enable him to try & make one of his guns; meanwhile Government had given {hi} him carte blanche. So he wrote back to thank them, & say so much had he felt their ready kindness that the first gun he made should be called 'The Voice of Lancashire.'

Yours most truly

E C Gaskell

I shall direct the batch of MS to the Office. Don't consult me as to the shortenings[;] only please yrself.

216 **221** 224

ANNE HOLLAND

Plymouth Grove

Monday morning

[?18 December ?1854]

My dearest Annie,

Carta 10 endereçada a Charles Dickens

*Historiador
ingles*

LETTER 524

701

o 523 530

THOMAS A. TROLLOPE

Casa Sandelli
Florence.

Thursday [?May 1863]

My dear Mr Trollope—

It will give us, such great pleasure, if you will come, and drink tea with us this evening;

We are hoping to see Lady Charlotte Locker and Miss Blagden, this evening at half past eight—

With kind regards to Mrs Trollope—

Believe me

Sincerely yours

E. C. Gaskell.

*

*523a 524 540

MARIANNE GASKELL

Hotel Barbese, Venice

Monday Evening

[1 June 1863]

My dearest Polly,

Your Florence letter came yesterday,—your letter to Venice (dated May 27, telling of your plans, Edith Greg's marriage, M A Siltzer's engagement &c) came {yesterday} just now. I do hope you are gone to Merletham; only I thought you were going.

Carta 11 endereçada a Mrs. Trollope

"Familiar in their Mouths as HOUSEHOLD WORDS."—SHAKESPEARE

HOUSEHOLD WORDS.

A WEEKLY JOURNAL.

Edw. Stansfeld

CONDUCTED BY CHARLES DICKENS.

No. 168.]

SATURDAY, JUNE 11, 1853.

[Price 2d.

THE NOBLE SAVAGE.

To come to the point at once, I beg to say that I have not the least belief in the Noble Savage. I consider him a prodigious nuisance, and an enormous superstition. His calling rum fire-water, and me a pale face, wholly fail to reconcile me to him. I don't care what he calls me. I call him a savage, and I call a savage a something highly desirable to be civilised off the face of the earth. I think a mere gent (which I take to be the lowest form of civilisation) better than a howling, whistling, clucking, stamping, jumping, testing savage. It is all one to me, whether he sticks a fish-bone through his visage, or bits of trees through the lobes of his ears, or birds' feathers in his head; whether he flattens his hair between two boards, or spreads his nose over the breadth of his face, or drags his lower lip down by great weights, or blackens his teeth, or knocks them out, or paints one cheek red and the other blue, or tattoos himself, or oils himself, or rubs his body with fat, or crimps it with knives. Yielding to whichever of these agreeable eccentricities, he is a savage—cruel, false, thievish, murderous; addicted more or less to grease, entrails, and beastly customs; a wild animal with the questionable gift of housting; a conceited, tiresome, bloodthirsty, monotonous humbug.

Yet it is extraordinary to observe how some people will talk about him, as they talk about the good old times; how they will regret his disappearance, in the course of this world's development, from such and such lands where his absence is a blessed relief and an indispensable preparation for the sowing of the very first seeds of any influence that can exalt humanity; how, even with the evidence of himself before them, they will either be determined to believe, or will suffer themselves to be persuaded into believing, that he is something which their five senses tell them he is not.

There was Mr. Catlin, some few years ago, with his Ojibbeway Indians. Mr. Catlin was an energetic earnest man, who had lived among more tribes of Indians than I need reckon up here, and who had written a picturesque and glowing book about them. With his party of Indians squatting and spitting on the table before him, or dancing

their miserable jigs after their own dreary manner, he called, in all good faith, upon his civilised audience to take notice of their symmetry and grace, their perfect limbs, and the exquisite expression of their pantomime; and his civilised audience, in all good faith, complied and admired. Whereas, as mere animals, they were wretched creatures, very low in the scale and very poorly formed; and as men and women possessing any power of truthful dramatic expression by means of action, they were no better than the chorus at an Italian Opera in England—and would have been worse if such a thing were possible.

Mine are no new views of the noble savage. The greatest writers on natural history found him out long ago. BURTON knew what he was, and showed why he is the sulky tyrant that he is to his women, and how it happens (Heaven be praised!) that his race is spare in numbers. For evidence of the quality of his moral nature, pass himself for a moment and refer to his "faithful dog." Has he ever improved a dog, or attached a dog, since his nobility first ran wild in woods, and was brought down (at a very long shot) by FORZ? Or does the animal that is the friend of man, always degenerate in his low society?

It is not the miserable nature of the noble savage that is the new thing; it is the whimpering over him with maudlin admiration, and the affecting to regret him, and the drawing of any comparison of advantage between the blemishes of civilisation and the tenor of his swinish life. There may have been a change now and then in those diseased absurdities, but there is none in him.

Think of the Bushmen. Think of the two men and the two women who have been exhibited about England for some years. Are the majority of persons—who remember the horrid little leader of that party in his festering bundle of hides, with his filth and his antipathy to water, and his straddled legs, and his odious eyes shaded by his brutal hand, and his cry of "Qu-u-u-aaa!" (Eosjesman for something desperately insulting I have no doubt)—conscious of an affectionate yearning towards that noble savage, or is it idiosyncratic in me to abhor, detest, abominate, and abjure him? I have no reserve on this subject, and will frankly state that, setting aside that stage of the entertainment when